UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS
HEITOR CARDOSO

**Família e identidades: um casamento entre uma descendente de imigrantes italianos e
um descendente de imigrantes japoneses, no século XX, no interior de São Paulo**

São Paulo

2015

HEITOR CARDOSO

Família e identidades: um casamento entre uma descendente de imigrantes italianos e um descendente imigrantes japoneses, no século XX, no interior de São Paulo

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Área de concentração: Estudos Culturais.

Orientadora: Prof. Dra. Valéria Barbosa de Magalhães.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 12 de fevereiro de 2015. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Cardoso, Heitor

Família e identidades : um casamento entre uma descendente de imigrantes italianos e um descendente de imigrantes japoneses, no século XX, no interior de São Paulo / Heitor Cardoso ; orientadora, Valéria Barbosa de Magalhães. – São Paulo, 2015

150 f. : il. + 2 DVDs

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, em 2015

DVDs : 19 entrevistas (vídeos em MP4)

Versão corrigida

1. Imigração - Brasil. 2. Imigração italiana – São Paulo. 3. Imigração japonesa – São Paulo. 4. Identidade cultural. 5. Família – Aspectos sociais – São Paulo. 6. Família – Estudo – Formação – São Paulo. 7. História oral. 8. Aculturação. I. Magalhães, Valéria Barbosa de, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 304.881

CARDOSO, Heitor.

Família e identidades: um casamento entre uma descendente de imigrantes italianos e um descendente de imigrantes japoneses, no século XX, no interior de São Paulo.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, área de concentração Estudos Culturais.

São Paulo, 12 de fevereiro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.

Instituição:

Prof. Dr.

Instituição:

Prof. Dr.

Instituição:

Aos meus pais Cícero e Conceição,
pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato fraterno do ser humano, e em uma oportunidade como esta, de expressar um agradecimento coletivo, sempre existe o temor de se esquecer alguém, seja por um lapso de memória, ou porque não foi possível enxergar uma contribuição merecedora de agradecimentos no momento de escrever estas palavras. No entanto, tenho a certeza de que cada pessoa, objeto, lugar e cada momento vivido até aqui contribuiu para que se mostrasse este ponto e posição, já que esta pesquisa desemboca na continuidade de uma trajetória que é pessoal e também coletiva, por isso agradeço:

Aos colegas do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina onde me formei bacharel em Jornalismo, em especial à Dra. Maria José Baldessar, que orientou meu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Identidade Globais, uma experiência de intercâmbio*, realizado em Long Beach na Califórnia no ano de 2008, e ao Prof. Ph.D. Raul Reis que me recebeu na Universidade do Estado da Califórnia; às Dras. Daisy Vogel e Barbara Arisi, e aos professores Marco Antônio dos Santos e o Carlos Henrique Guião Coelho, ao Prof. Sérgio Mattos (*in memoriam*), e à Profa. Dra. Alicia Norma Castells do Departamento de Antropologia.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade de São Paulo, aos professores, funcionários e alunos de toda a Escola de Artes, Ciências e Humanidades, e principalmente à orientadora desta pesquisa, Profa. Dra. Valéria Barbosa de Magalhães. Aos Profs. Drs. José Renato de Campos Araújo, Vivian Grace Fernandez Dávila Urquidí e Marisa Tayra Teruya, que compuseram a banca de qualificação da pesquisa, e ao Prof. Dr. Ricardo Santhiago, presente na banca de defesa, cujas orientações foram de inestimável valia para a continuidade. Aos Profs. Drs. Rogério Monteiro de Siqueira, Carlos Henrique Barbosa Gonçalves, Soraia Ansara e Mauro de Mello Leonel Junior.

Às pessoas que conheci em congressos ao longo da trajetória de pesquisa, Profa. Dra. Ana Maria Mauad da Universidade Federal Fluminense (UFF), Profs. Drs. Danielle Michelle Moura de Araújo e Alexandre Camera Varela da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), a todos os demais aos colegas com os quais debati sobre as teorias e práticas aqui propostas.

Aos colegas que ajudaram diretamente e indiretamente na pesquisa, em especial Samara Konno, pesquisadora das identidades okinawanas, e que me ajudou com as

transcrições e também com conselhos valiosos sobre o tema. À jornalista e fotógrafa Isabela Barbosa, que durante o tempo da pesquisa foi minha companheira dividindo momento incríveis e intensos, que me acompanhou em algumas entrevistas, sempre trazendo uma aura brilhante, ela que também me ajudou com as transcrições e fotografou alguns momentos da pesquisa. Também a sua mãe Fátima e ao pai Ademir, as irmãs e cunhados, e em especial ao grande tio Cláudio.

Aos amigos em geral que também colaboraram com conselhos e apoio, com um agradecimento ao incrível Ivan Pasqualini, o Don Ivan, também com ascendência na península italiana. Ao amigo Murilo Mellio e seu pai Ângelo Mellios, que me confiaram a missão de ajudá-los a contar a história do Sr. Antônio Mellios, o Papu (*in memoriam*). Ao Dalmo Borba, contador de histórias lá em Curitiba, ao Evandro Bordignon, estradeiro, escritor, surfista e agora também dançarino, e ao Felipe Monteiro, que morou comigo na Califórnia como estudante de intercâmbio em 2008, e novamente em São Paulo durante o primeiro ano desta pesquisa de mestrado em 2012, grande Magrão.

Ao Dr. Fernando Gonçalves, o Fernandinho, que me hospedou em Campo Grande nas passagens entre São Paulo e Rondonópolis. Ao Bruno Truiti, artesão da memória nas jornadas de família e parceiro de chamamento. A Bruna Wagner, que na última hora presenteou com a boa hermenêutica saindo do forno, comprovando o poder da sincronicidade. E aos aprendizes da Irmandade Comuníndios Bandeira Branca e ao seu fundador Paulo Brasil, doutor da alquimia, aos irmãos Dr. Arakin Monteiro e Eric Gomes, e também a todos os outros caminhantes que se acompanham nesta jornada de buscadores da Vida.

Um agradecimento especial aos entrevistados, que serão devidamente apresentados na pesquisa, e principalmente minha avó a dona Concetta, que sempre escutei ser chamada de “Concheta” (com som de xis), ou de “Turca”, “Vó gorda”, “dona Conceição”, ou apenas a “vó”, e que para a minha irmã Laila e eu sempre acabou “valendo por duas”, já que a nossa avó paterna dona Rosa Cardoso nos deixou cedo. Sou grato também aos meus dois avôs que já foram, o Sr. Mituioce Sumida que protagoniza nesta pesquisa, e ao Sr. Heitor Pacheco, pai de meu pai, honrando assim as quatro portas da minha existência.

*“Os filhos dos filhos
são uma coroa para os idosos,
e os pais são o orgulho dos seus filhos.”
(Provérbios 17:6)*

RESUMO

CARDOSO, Heitor. Família e identidades: um casamento entre uma descendente de imigrantes italianos e um descendente de imigrantes japoneses, no século XX, no interior de São Paulo. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Esta pesquisa analisou uma rede de pessoas de uma mesma família de descendentes de imigrantes originada de um encontro entre descendentes de japoneses e italianos, sendo que o objetivo da pesquisa foi estudar, sob a perspectiva da memória coletiva e das identidades culturais, os processos de construção de identidades dos sujeitos inseridos nesta rede, identidades essas examinadas em termos de sua origem migratória. Optou-se pelo método da história oral para analisar os conflitos e as negociações identitárias pelas quais passou cada membro da família, revelados através da análise das narrativas de vida de dezenove pessoas entrevistadas, que compõem três gerações da família fruto da união entre Concetta Campopiano, uma neta de imigrantes italianos, e Mituioce Sumida, um filho de imigrantes japoneses, os dois nascidos no Estado de São Paulo na década de 1920. Somou-se o fato do pesquisador ser também um membro da família, neto do casal que gerou o grupo estudado, o que acrescentou um desafio teórico-metodológico à pesquisa.

Palavras-chave: Imigração Brasil. Imigração italiana – São Paulo. Imigração japonesa – São Paulo. Identidade cultural. Família – Aspectos sociais. Família – Estudo, Formação. História oral. Aculturação.

ABSTRACT

CARDOSO, Heitor. Family and identities: a marriage between a descendant of Italian immigrants and a descendant of Japanese immigrants in the twentieth century, in São Paulo. 2015. 150 f. Dissertation (Master of Philosophy) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2015.

This research analyzes a network of people from the same family of descendants of immigrants originated from a meeting between Italian and Japanese descendants, and the purpose of the study is to analyze, from the perspective of collective memory and cultural identity, the processes of building the identities of the subjects inserted in this group, being these identities examined in terms of their migratory origin. It was opted for the oral history method to analyze the conflicts and identity negotiations lived by each family member, revealed by the analysis of life narratives of nineteen people interviewed, who make up three generations of the studied family, as a result of the union between Concetta Campopiano, a granddaughter of Italian immigrants, and Mituioce Sumida, a son of Japanese immigrants, both born in São Paulo in the 1920s. It was added the fact that the researcher is also a family member, grandson of the couple who generated the study group, a fact that adds a theoretical - methodological research challenge.

Keywords: Immigration Brazil. Italian immigration – São Paulo. Japanese Immigration – São Paulo. Cultural Identity. Family – Social Aspects. Family – Study, Formation. Oral History. Acculturation.

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO.....	12
2REFERENCIAL TEÓRICO.....	17-44
2.1 O uso dos conceitos de memória e identidade nesta pesquisa.....	17
2.2 Como as identidades são expressas nas narrativas de vida.....	23
2.3 As identidades nos casos das famílias Sumida e Campopiano e o contexto geral da imigração.....	27
2.4 Questões sobre uma pesquisa com um pesquisador da própria família estudada.....	39
3MÉTODO	45-78
3.1 A história oral.....	45
3.2 A história deste projeto de pesquisa.....	46
3.3 As pesquisas iniciais.....	47
3.4. As entrevistas: narrativas compartilhadas.....	48
3.4.1 Listagem e roteiro das entrevistas.....	50
3.5 A análise através das transcrições.....	52
3.6 A análise através da utilização do vídeo.....	55
3.7 A análise e a complementaridade de fontes.....	57
3.8 As categorias temáticas.....	59
3.9 As fontes de pesquisa.....	60
3.9.1 Os arquivos digitais das entrevistas em vídeo.....	60
3.9.2 As transcrições das entrevistas.....	60
3.9.3 Os documentos.....	61
3.9.4 Os álbuns de família.....	62
3.10 Sobre a história pública.....	63
4FAMÍLIA E IDENTIDADES.....	64
4.1 A família como parte de redes de descendentes de imigrantes.....	64
4.2 A família, através das gerações: identidade e redes.....	72

4.2.1 Migrações: as mudanças residenciais e as estabilidades.....	74
4.2.2 Trabalho: formas de sustento, ofícios, empregos e empreendimentos.....	89
4.2.3 Religião: visões sobre religião, religiosidade e espiritualidade.....	96
4.3 A memória da família e as identidades nas próximas gerações.....	103

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA.....	120
--	------------

REFERÊNCIAS.....	121-127
-------------------------	----------------

APÊNDICES.....	128
A – árvore genealógica a partir de Mituioce Sumida.....	128
B – árvore genealógica a partir de Concetta Campopiano Sumida.....	129
C – árvore da segunda e terceira gerações.....	130
D – Os arquivos de vídeo por ordem de realização da entrevista.....	131
E - Roteiro das entrevistas.....	132
F – Modelo de Carta de Cessão assinada pelos entrevistados.....	143

ANEXOS.....	145
1 - Registros de Matrícula no Museu do Imigrante.....	145
2 - Registros no Projeto Ashiato.....	146
3 – Certidão de Nascimento de Mituioce Sumida.....	147
4 – Certidão de óbito Tatusi Sumida.....	148
5 - Carta de Mituioce à neta Wilsy Roberta Sumida Sousa.....	149

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca analisar os processos de construção de identidades em sujeitos que são parte de uma *família*, ou mais especificamente, como se conceituará ao longo da pesquisa, de uma *rede familiar*¹, gerada a partir da união entre um descendente de japoneses e uma descendente de italianos. O objetivo é analisar como seus membros compartilham narrativas e formam suas identidades no âmbito da rede familiar, sendo que este estudo busca entender as identidades dos descendentes da família em questão, formada a partir da união e posterior casamento² entre Concetta Campopiano Sumida e Mituioce Sumida, ela uma neta de imigrantes italianos vindos de Nápoles, e ele um filho de imigrantes japoneses, oriundos da província de Saga.

Optou-se pelo método da história oral, que permite a análise das narrativas e relatos de vida para interpretar os processos de formação de identidades através das pessoas entrevistadas, que são de três gerações da família formada por este casal de descendentes de dois grupos distintos de imigrantes que tiveram papel relevante na formação cultural em alcance estadual e nacional: os italianos e japoneses. Ambos, Concetta e Mituioce, fazem parte da geração de descendentes de imigrantes que desbravaram os interiores do país na primeira metade do século passado, mais especificamente neste estudo, nas cidades de Presidente Prudente e Rancharia, na região historicamente denominada Alta Sorocabana, no Oeste Paulista.

Concetta nasceu em 1925 no bairro do Brás, na capital paulista, em uma família de nove irmãos, em um ambiente de intensa convivência com os avós italianos, os pais, tios e primos juntos nas casinhas do Brás, da Penha e do Alto do Pari, na fervilhante São Paulo da década de 1930. O pai de Concetta, Paschoal Campopiano, nasceu em Monte Santo, em Minas Gerais, e seus pais vieram de Nápoles na Itália. Chegaram ao Brasil no final do século

¹ Os conceitos de família e rede familiar são discutidos na subseção 4.1. A família estudada como parte de redes de descendentes de imigrantes.

² O termo “união” será discutido mais adiante de forma a diferenciar “união” e “casamento” ao longo da pesquisa.

XIX para trabalhar como agricultores, e anos mais tarde viram alguns de seus filhos irem morar em São Paulo, entre eles Paschoal, que trabalhou como sapateiro na capital paulista, onde conheceu Ana Zachia, também descendente de italianos, nascida em São Paulo, que não se sabe se são de Nápoles ou outra região, mas cuja família também havia vindo de Monte Santo anos antes de seu nascimento em algum momento entre as décadas de 1900 e 1910. Juntos, Ana Zachia e Paschoal Campopiano tiveram dez filhos, que criaram durante a maior parte de suas vidas no Brás e no Alto do Pari. Concetta nasceu no dia 28 de julho de 1925 e foi a quarta filha do casal³.

Mituiocce Sumida nasceu em 1923 na cidade de Iguape, litoral sul do Estado de São Paulo, no Vale do Ribeira, e com oito anos de idade perdeu o pai, Tatusi Sumida, que segundo consta no atestado de óbito⁴, morreu de “causa natural sem assistência médica”, e sua mãe, Kikue Sumida, veio a falecer logo depois, fazendo com que os irmãos fossem separados ainda muito novos. A irmã mais nova de Mituiocce e que foi entrevistada na pesquisa, Maria, foi adotada pelos vizinhos, de uma outra família chamada Kinoshita. Já Mituiocce e a maioria dos demais irmãos homens foram adotados pelo tio Ângelo Saijiro Sumida, que os levou para trabalhar em sua farmácia em Presidente Prudente, cidade onde aconteceu o primeiro encontro entre Concetta e Mituiocce.

Segundo contou Concetta na entrevista à pesquisa, eles se conheceram na farmácia do tio Ângelo, no mesmo ano em que ela chegou à cidade, em meados de 1943. Tiveram os primeiros filhos⁵, Ana Mitsui Sumida e Roberto Mitsui Sumida, respectivamente em 1947 e 1948, em Presidente Prudente, em seguida viveram em Martinópolis por um curto período,

³ Estas informações são tanto das entrevistas como de meu convívio na família. Nas análises do capítulo 3 haverá uma diferenciação explícita de quando as informações foram retiradas das entrevistas e de quando são do conhecimento do autor como membro da família.

⁴ Este atestado estava com Ana Mitsui Sumida, e recebi uma cópia durante o percurso a pesquisa, como será problematizado. Ver Anexo 4.

⁵ Os filhos estão citados nesta introdução seus nomes de solteiro, mas na análise da seção 4, conforme são contadas as histórias de vida em conjunto com a discussão bibliográfica, os sobrenomes serão problematizados.

onde tiveram a filha Vera Lucia Sumida⁶ (1951-1988), e se estabilizaram no município de Rancharia, onde tiveram mais três filhos, Luiza Massako Sumida (1952), e os gêmeos José Matsuo Sumida (1954-1996) e Conceição Emiko Sumida (1954).

Viveram juntos no chamado Bairro da Estação, em Rancharia, da década de 1950 até 1993, ano em que Mituioce faleceu. Juntos, tiveram os seis filhos, dezesseis netos, vinte e quatro bisnetos e três tataranetos, formando um núcleo familiar que ao longo do período se dispersou, cujos membros migraram para diferentes cidades, sendo que hoje somente os netos, Fabiano Ricardo Sumida e Vanessa Renata Sumida, filhos do falecido José, moram em Rancharia. Concetta mora hoje em Rondonópolis, Mato Grosso, cidade onde estão as filhas Ana e Luíza. Os filhos Roberto e Conceição moram em Marília, no oeste paulista, e Vera faleceu no final da década de 1980 em São Paulo capital.

Neste projeto, foram entrevistadas dezenove pessoas, sendo que pela ordem geracional, a lista é composta por Concetta Campopiano Sumida, a principal entrevistada e matriarca das gerações seguintes; pelo seu irmão Miguel Campopiano; pela sua cunhada Maria Kinoshita, irmã mais nova de Mituioce; e por Neusa Satiko Sumita, prima de Mituioce que foi criada como sua irmã, ele que ficou órfão ainda na infância e foi adotado pelo tio junto com seus irmãos. Esses são os entrevistados da primeira geração, pessoas nascidas na década de 1920 e 1930. Da segunda geração, foram entrevistados os filhos de Concetta e Mituioce, que são Ana Mitsui Sumida, Roberto Mitsui Sumida e Luiza Massako Sumida, pessoas nascidas nas décadas de 1940 e 1950; da terceira geração, são as pessoas nascidas do final dos anos 1960, até meados da década de 1980⁷, totalizando doze netos entrevistados.

O objetivo geral da pesquisa é verificar como se constroem algumas identidades, em termos de origem migratória, dentro de uma família de descendentes de imigrantes de dois grupos distintos, se fazendo necessário, portanto, observar os conflitos e negociações

⁶ Concetta ficou grávida de Vera quando estavam em Martinópolis, mas o parto foi feito na cidade de São Paulo. Este episódio será analisado na seção 4.

⁷ A árvore genealógica mais abrangente está disponível em: <http://www.familyecho.com/?p=START&c=xwpd39bjps&f=472821655239681009>, acessado em 27/11/14. As árvores redes especificamente analisadas na pesquisa estão em Apêndice A, B e C.

identitárias pelas quais as pessoas passaram ao longo de suas vidas e que foram resultado dessa mistura cultural dos grupos.

Os objetivos específicos são, 1) analisar se há diferenças na memória coletiva sobre o casamento de Concetta e Mituioce na construção dos relatos da geração de Concetta para as próximas gerações; 2) verificar se há uma diferença na percepção da história da família a partir dos recortes de gênero e de geração; 3) verificar os conflitos e negociações identitárias entre o japonês e o italiano pelos quais a família passou e como eles são tratados pela memória coletiva do grupo; 4) registrar as memórias de parte das redes que se denominam como “família Campopiano” e “família Sumida” a partir do relatos dos seus descendentes.

O interesse pela pesquisa vem das épocas em que eu ainda menino circulava no meio de tias, primas e primos e avós, épocas de vivências e viagens a Rancharia, em eventos como casamentos, aniversário e velórios. Como pesquisador e profissional da comunicação, pelo interesse em buscar ferramentas prático-teóricas para tentar compreender melhor as raízes sociais, partindo do pressuposto que estou inserido e sou parte de estruturas maiores e temporalidades complexas, entendendo assim que os estudos sobre família podem ser um caminho poderoso para indagarmos sobre as consequências de nossas conexões e interações.

A dissertação está estruturada da seguinte maneira: na Seção 2 se tem o referencial teórico sobre os conceitos de memória e identidade, destacando-se a complexidade e a importância do conceito de memória para a formação de identidades sociais e, no caso desta pesquisa, dentro de uma família. Apresenta-se o conceito de *identidade narrativa* conforme o pensamento do filósofo Paul Ricoeur, que é utilizado para se analisar os processos de construção de identidades no grupo. Traça-se uma breve contextualização histórico-cultural dos dois grupos migrantes estudados, os japoneses e italianos, e, ao fim da primeira seção, são abordadas as questões sobre uma pesquisa com o pesquisador “de dentro” do grupo estudado, em discussão que introduz o tema do método.

Na Seção 3, fala-se sobre o método utilizado, da história oral, e sobre a história deste projeto de pesquisa e as pesquisas iniciais, e apresenta-se uma discussão teórica sobre as entrevistas e o ato da entrevista captado pela história oral. Conclui-se o capítulo sobre o método explicando sobre as transcrições, sobre o material gerado pela pesquisa – as entrevistas em vídeo e as transcrições – e sobre como foram feitas as análises interpretativas da narrativa familiar nesta pesquisa, utilizando-se da complementaridade de fontes e de categorias temáticas.

Na Seção 4 são desenvolvidas as análises sendo que primeiro problematiza-se os conceitos de família e rede familiar levando em conta serem os pesquisados descendentes de imigrantes, sendo em seguida feita uma análise com base nas narrativas de cada entrevistado, e dos temas propostos, a partir da memória da família em relação às origens migratórias, e da identidade familiar nas gerações seguintes, já em período referente à convivência familiar em Rancharia e posterior saída dos filhos (segunda geração) e netos (terceira geração) para outras cidades. Ao final é feito um breve balanço apontando o aprendizado prático e teórico proporcionado, ficando em evidência a necessária continuidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O uso dos conceitos de memória e identidade nesta pesquisa.

É possível admitir que os conceitos de memória e identidade estão indissociavelmente ligados (CANDAU, 2011, p.10; POLLAK, 1992), contidos um no outro, conectados por processos complexos que envolvem desde os aspectos das cognições individuais até os das práticas coletivas. Nesta pesquisa estudo o ato coletivo de se compartilhar narrativas e representações dentro de minha própria rede familiar, buscando analisar como isso integra os processos de formação de identidades culturais.

Foi considerado, antes de tudo, que as memórias coletivas compartilhadas nas formas de narrativas são, como afirmam autores como Joel Candau (2011) e Nelly Richards (1999), “reconstruções continuamente atualizadas do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo” (CANDAU, 2011, p.9), e que essas memórias coletivas estão sempre em “processo aberto de reinterpretação do passado que desfaz e refaz nódulos para que se ensaiem novos acontecimentos e compreensões” (RICHARDS, 1999, p. 322).

Com o uso do método da história oral foi possível observar o passado pelo filtro do tempo presente, fazendo com que de fato emergissem novos acontecimentos e compreensões da prática do rememorar. O método possibilitou o registro concreto das narrativas no ato das entrevistas, que se apresentam na história oral, como afirma Bosi (2010), como “memórias empiricamente registradas” (2010, p. 53), nas quais as pessoas se remetem ao passado para representar, no tempo presente, algumas das formas de identidades pessoais e culturais que foram identificadas e analisadas na pesquisa.

O esforço esteve na produção e análise das entrevistas, e na busca de uma interpretação dos processos de construção e reiteração identitária refletidos nas narrativas, considerando-se que a memória, como diz Candau (2011), é de fato “uma força de identidade” (2011, p.17), e sendo que esta pesquisa fez uso de memórias familiares no intuito de entender as identidades como objeto de uma análise interpretativa.

E esse praticar da memória, dentro do contexto desta pesquisa, acabou gerando o próprio praticar e refazer as memórias individuais e coletivas do grupo, o que exigiu não somente fazer o registro oral, mas dar a este uma ordem e um sentido teórico, pois pesquisar sobre memórias, conforme diz Nelly Richard (1999), “implica dispor de instrumentos

conceituais e interpretativos necessários para investigar a densidade simbólica dos relatos” (1999, p. 332). Por isso o autor diz que essa necessidade do sentido teórico é uma verdadeira forma de resistência frente as múltiplas desvinculações entre passado e presente, segundo ele:

Fabricadas por tecnologias do esquecimento experientes em suprimir as articulações biográficas e históricas das sequências cronológicas e em apagar a problematidade de seus enlaces, talvez devamos ativar a proliferação de relatos capazes de multiplicar tramas de narratividade que ponham em ação antecipações e retrospectões para levar a temporalidade da história a retornar sobre si mesma em cada interseção de fatos e palavras e fazer saltar assim a imagem mentirosa de um ‘hoje’ desligado de todo antecedente e cálculo. (RICHARD, 1999, p. 332)

Por isso esta pesquisa busca encontrar uma conexão entre as memórias de uma ancestralidade e o “tempo presente” capturado no ato de cada entrevista filmada, que tem uma ligação com tramas de narratividade de uma temporalidade histórica anterior, na medida em que os entrevistados construíram suas narrativas sobre os antepassados, a partir de lembranças e de acontecimentos vivenciados por si ou por terceiros, pressupondo-se que esses acontecimentos tenham sido objeto de escolha e hierarquização na memória durante o processo de rememoração. E essa hierarquização é justamente o trabalho de construção de identidade, como afirma Joel Candau em *Memória e Identidade* (2011), pois as identidades se formam sobre um “campo memorável” de onde são selecionadas “coisas dignas de entrar na memória” (2011, p. 94).

Buscou-se colocar em prática nesta pesquisa a capacidade de captar nas entrevistas as narrativas sobre os momentos significativos e notáveis nas histórias de vida de cada um, para se tentar entender as hierarquias de suas memórias, e apontar assim, por meio delas, as artimanhas das estratégias identitárias, considerando-se principalmente o que afirmou Paul Ricoeur (2000), que a memória “não é somente rememoração pessoal e privada, mas igualmente comemoração”, isto é, memória partilhada, transmitida por meio de narrativas, lendas e histórias, sendo relevante o fato de que “a nossa memória está sempre associada à dos outros” (2000, p.2), e também às nossas identidades.

A base dessa concepção - de que as memórias que constroem as identidades sociais são as memórias compartilhadas - surgiu das teorias que analisam a memória como um fenômeno coletivo, visão que amadureceu principalmente com os estudos de Maurice Halbwachs, que são referência para os autores consultados na pesquisa como Ecléa Bosi (2010), Joel Candau (2011), Nelly Richard (1999), Michael Pollak (1992) e Paul Ricoeur (2007), para citar alguns. Pollak diz sobre Halbwachs, “que nos anos 1920 e 1930, [ele] já

havia sublinhado que a memória deve ser entendida, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (1992, p.201).

Ecléa Bosi (2010), que no clássico *Lembranças de Velhos* (1979) faz uma divisão que chama de “as duas memórias” (2010, p.48), ao separar as concepções de Halbwachs, que chama de “reconstrução do passado” (2010, p.53), da ideia de memória como “conservação do passado” (2010, p.43), que leva em consideração os estados inconscientes, sendo que a autora utiliza das análises de Henri Bergson para descrever esta memória conservação como um processo psicológico e uma projeção mental singular, mas ela considera que uma vez expressa em palavras, escritas ou verbalizadas, passa a compor a memória coletiva, nos termos de Halbwachs, que é social, familiar ou grupal (BOSI, 2010), e que por pertencer ao campo dos contextos e convenções compartilhados tem um caráter socializador (BOSI, 2010, p. 73)

Cada um dos autores estudados nesta pesquisa, de uma maneira ou de outra, embora reconheçam a face individual da memória, estudam considerando-a um fenômeno essencialmente social e coletivo, sendo que essa abordagem da memória como fenômeno social foi herdada por Halbwachs da tradição da sociologia francesa, de autores como Émile Durkheim, que deslocou o eixo das investigações sobre a psique e o espírito para “as funções e representações e ideias dos homens no interior de seu grupo e sua sociedade em geral” (BOSI, 2010, p. 53), preexistindo e predominando o social sobre o indivíduo.

Como diz Bosi, “Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade” (2010, p.55). É esse tratamento social da memória que interessa nesta pesquisa, na qual se analisa a memória como reconstrução do passado, sendo ela memória narrada, compartilhada e herdada no âmbito da família estudada.

Na obra clássica *A Memória Coletiva*, publicada em 1950, Halbwachs discorre sobre a relação entre memória coletiva e memória individual, argumentando que, na evocação da lembrança, nós somos a primeira testemunha de nós mesmos, mas para atestar nossa própria existência, a experiência do estar vivo, nos apoiamos nas lembranças dos outros, vez que, diz Halbwachs, “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros”, pois em suma, “em realidade, nunca estamos sós” (2004, p.26). Por isso, nossa vida é impregnada de invocações de lembranças, que têm base na memória coletiva, o lembrar junto,

que advém da necessidade humana de se inserir em uma “comunidade afetiva” (2004, p.33); para Halbwachs (2004), o ato de lembrar diz respeito à manutenção dos laços sociais, e no caso da transmissão da memória familiar, é “o laço vivo das gerações” (2004, p.65).

O objetivo desta pesquisa foi analisar essa herança cultural refletida na memória coletiva e familiar, interpretando e identificando os processos de construção de identidade em termos de origem migratória, e seus conflitos e negociações, e para que isso fosse possível foi necessário um exercício de interpretação das narrativas, e um esforço para relacionar as memórias das diferentes pessoas, condensadas em identidades individuais e coletivas. Buscou-se entender como a memória sobre a imigração dos antepassados da família refletiu na formação de algumas identidades ao longo das três gerações estudadas.

Alguns autores fazem uma distinção entre o que seriam as memórias herdadas, que Candau chama de “memórias das origens” (2011, p. 95), e as memórias vividas, sobre o passado vivido pela própria pessoa, fruto do que o autor chama de “memórias dos acontecimentos” (2011, p. 98), sendo que esta mesma diferenciação é feita por Michael Pollak (1992) para analisar identidades coletivas. Ele argumenta que a memória individual e coletiva é constituída a partir de “acontecimentos vividos pessoalmente”, e entre “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (POLLAK, 1992, p.201), dos quais muitas vezes a pessoa não participou, “mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (1992, p.201).

A relação entre essas memórias herdadas e as memórias vividas é complexa, e os limites entre umas e outras não são necessariamente claros. A relação se dá na medida em que um campo memorável, “mobilizado num quadro das estratégias identitárias se constituirá a partir de um certo número de referências temporais em que o mais significativo é, de um lado, o momento qualificado como o de origem e, de outro, a experiência fenomenológica do acontecimento” (CANDAU, 2011, p.95), sendo que a memória, em forma de narrativa, e no caso desta pesquisa, possibilitada pelas entrevistas orais, dá uma “fisionomia aos acontecimentos considerados pelo indivíduo como significativos do ponto de vista de sua identidade” (2011, p. 101). Portanto aquilo que foi dito e narrado nas entrevistas se tornou, naquele momento, um discurso sobre si mesmo, que mesmo que temporário, é o que molda, reflete e constrói as identidades individuais e coletivas.

Destacaram-se as narrativas que fizeram referência às memórias das origens nos relatos sobre a vinda dos Campopiano ao Brasil, especificamente sobre os avós de Concetta

no final do século XIX, vindos de Nápoles na recém-unificada Itália para o sul do estado de Minas Gerais, e a posterior ida de parte da geração seguinte a cidade de São Paulo, nas décadas de 1910 e 1920, até o nascimento de Concetta em 1925 no bairro do Brás. E relatos sobre a vinda dos pais de Mituioce do Japão ao Brasil em 1912, e seu estabelecimento, primeiro em fazendas em Ribeirão Preto, e posteriormente na cidade de Iguape, até o nascimento dos filhos na década de 1920.

As experiências acima não foram vividas pelos entrevistados como acontecimento, pois foram os avós de Concetta e os pais de Mituioce que se defrontaram com o acontecimento da partida, do deslocamento geográfico além-mar, eles que viveram a ruptura biográfica da migração, geradora de uma oposição entre local de origem e local de chegada, e entre passado e presente, e entre velhas e novas identidades, essas contidas em identificações como a língua, costumes, vestimentas, adereços e outros fatores importantes para a sociabilidade⁸ do indivíduo. Essas memórias de ruptura foram herdadas pelas gerações seguintes na forma das memórias das origens, pois mesmo não tendo vivido a ruptura de seus avós e seus pais, os descendentes estudados herdaram tais memórias, porque, como afirma Candau:

O que é verdadeiro para o indivíduo (nascimento, batismo, comunhão, casamento, memória de um ancestral ilustre, acontecimento inaugural de uma linhagem, ‘novo começo’ em razão, por exemplo, de uma migração) o é ainda mais na escala de grupos: cosmogonias, teogonias, archaiologia, viagens, rupturas inaugurais, narrativas e textos de fundação; o discurso feito sobre o acontecimento original – o “marco zero do cômputo – terá um papel maior na definição das identidades individuais e coletivas (CANDAU, 2011, p. 96).

Nas entrevistas, como mostrado mais adiante, na seção 4, os membros da família refizeram essas memórias de suas origens ao narrar a trajetória pessoal e coletiva, o que permitiu compreender como a família constrói e reconstrói sua identidade de imigrante, do

⁸ Em *Sociabilidade Urbana*, Heitor Frugoli Jr. discute o conceito de Sociabilidade como “muito sinteticamente, a capacidade humana abstrata para o social, sem a determinação do caráter da relação, com ênfase no conceito de pessoa” (FRUGOLI, 2007, p. 55).

ponto de vista da ruptura e do “novo começo”, levando em conta a questão da dificuldade de inserção no país de destino vividas pelos seus antepassados.

Para entender as memórias em termos de transmissão cultural, como fator de manutenção, perda e reconstrução de identidades, mapeou-se nas narrativas orais as identidades reconstruídas e ligadas a algo como um “ser italiano” ou “ser japonês”, ligado às origens, algo que Candau explica como sendo símbolos que “acentuam a permanência da origem”, como por exemplo “cozinha, indumentária, expressões e perfis corporais, gestualidade, ritos religiosos” (CANDAU, 2011, p.97), “a reminiscência comum e a repetição de certos rituais (refeições, festas familiares)” (2011, p.140), herança essa transmitida dentro do âmbito da família, e especificamente nesta pesquisa, uma família que é resultado de uma junção de duas heranças de grupos de imigrantes distintos, a partir da união de Concetta e Mituioce.

A discussão bibliográfica sobre a imigração desses dois povos será abordada na subseção 2.3, sendo que essa contextualização será necessária para que se compreenda os temas analisados nas entrevistas, sendo esses temas justamente como os citados acima, que identificam a herança cultural, como cozinha, ritos religiosos, entre outros, que foram condensados nesta pesquisa em três categorias de análise, conforme será abordado nas Seções 3 e 4, das discussões de método e do desenvolvimento das análises.

Além das memórias das origens, foram mapeadas as memórias dos acontecimentos, em contraponto, memórias essas que dizem respeito à própria narrativa de vida dos entrevistados, em uma escala de tempo desde o nascimento da pessoa entrevistada, da década de 1920 no caso de Concetta, irmãos e cunhados, e das décadas de 1940 e 1950 para seus filhos, até o momento da entrevista, todas realizadas em 2012, 2013 e 2014. Esse compreende o intervalo de tempo vivido pelos entrevistados, que abarca as suas memórias dos acontecimentos.

Percebeu-se nas entrevistas que as identidades podem ser construídas a partir desta relação entre memórias herdadas e memórias vividas, sendo que nem um nem outro age independentemente. Isso ocorre porque “o ponto de origem não é o suficiente para que a memória possa organizar as representações identitárias. É preciso ainda um eixo temporal, uma trajetória marcada por essas referências, que são os acontecimentos” (CANDAU, 2011, p.98). Esse eixo temporal foi ditado pela própria narrativa nas entrevistas, demonstrando que, na medida que a percepção dos entrevistados sobre a sua própria experiência de vida é verbalizada, ela é em termos de memórias vividas e não vividas, do passado distante ou mais

recente, e é nessa relação que se moldam as identidades. Por isso que se fez útil na pesquisa incorrer à diferenciação entre memória das origens e memórias dos acontecimentos vividos, para justamente se verificar as identidades em termos de origem migratória. Sobre isso Candau escreveu que:

A lembrança da experiência individual resulta, assim, de um processo de seleção mnemônica e simbólica de certos fatos, reais ou imaginários – qualificados de acontecimentos – que preside a organização cognitiva da experiência temporal. São como átomos que compõem a identidade narrativa do sujeito e asseguram a estrutura dessa identidade (CANDAU, 2011, p. 99).

Esta relação entre memória e narrativa a partir da linguagem é um dos pontos centrais deste trabalho, tanto pelo objetivo da pesquisa, que foi analisar a formação de identidades a partir de memórias coletivas, como pela metodologia da história oral que, ao captar o tempo presente trouxe à tona as memórias das vidas em forma de narrativas. Por isso, na próxima seção, discorreremos sobre a noção de identidade narrativa adotada na pesquisa conforme a filosofia de Paul Ricoeur, já que esta pesquisa se propôs a explorar justamente os conceitos de identidade pessoal e identidade narrativa através do uso da história oral. A pertinência deste viés evidenciou-se nos relatos, confirmando o que Ricoeur diz, que a linguagem “constitui a mediação essencial entre a memória e a narrativa”, e que “as memórias articulam-se em narrativas” (RICOEUR, 2000, p.4), sendo portanto as narrativas das entrevistas o meio pelo qual os conceitos de memória e identidade se mostram indissociavelmente ligados.

2.2. Como as identidade são expressas nas narrativas de vida.

Na seção anterior debateu-se sobre a complexidade do conceito de memória como fenômeno social, em sua relação indissociável ao conceito de identidade, sendo que se considerou também que a memória coletiva é formadora de identidades coletivas conforme foi analisado nas entrevistas da pesquisa. Nesta seção, se faz necessário abordar acerca de como ocorrem os processos de formação das identidades, para traçar o posicionamento desta pesquisa no que concerne ao entendimento sobre as identidades coletivas e seus processos de construção na contemporaneidade. Sabe-se que existem bibliografias de diferentes áreas científicas que abordam o conceito de identidade e de identidades, e que não cabe aqui

repassar todas elas, mas sim apresentar conceitos de identidade que sejam úteis para esta pesquisa que se propõe a analisar um conjunto de narrativas da vida.

Como argumenta Maheirie (2002), “se, tradicionalmente, identidade tem o significado de uma unidade de semelhanças se fechando na permanência, outras perspectivas do conceito têm sido desenvolvidas na Psicologia Social e outras disciplinas das ciências humanas e sociais” (MEHEIRIE, 2002, p.40), sendo que nesta pesquisa se trabalhou à luz dessas novas perspectivas, que colocam a identidade como um conceito em permanente construção, um conceito em curso.

Autores como Ciampa (1997), Lago (1996), Sousa Santos (1995), diz por exemplo que “a identidade se traduz como uma síntese de identificações em curso” (SANTOS, 1995, p.135 apud MEHEIRIE, 2002, p. 40), sendo que esta definição do conceito está em acordo com o que foi dito anteriormente, já que as memórias estão sempre em reconstrução, e as identidades estão indissociavelmente ligadas às memórias coletivas, portanto as identidades também permanecem como um conceito aberto (MEHEIRIE, 2002, p.42).

Esta pesquisa se propôs a analisar os processos de construção de identidades, sendo que essas identidades foram explicitadas através de narrativas nas entrevistas, e por isso, optou-se por compreender a formação das identidades em confluência com o desenvolvimento teórico de Paul Ricoeur, filósofo francês que dedicou parte de seus esforços para estudar o conceito de identidade e sua relação com a temporalidade, como será mostrado neste item, ele que possui uma ampla obra que explora conceitos da fenomenologia⁹ e hermenêutica (RICOEUR, 1995), que interagem para se chegar à discussão sobre a narrativa, temporalidade e identidade.

Ricoeur publicou na primeira metade da década de 1980 os três volumes de *Tempo e Narrativa*¹⁰ (1983), que analisam minuciosamente a relação entre narrativa histórica e narrativa ficcional, mas para esta pesquisa utiliza-se os textos nos quais Ricoeur já passa a estudar as relações entre identidade do eu e do outro, como ele escreveu em *O si-mesmo como*

⁹ RICOEUR, P. Na escola da fenomenologia. Coleção “Textos Filosóficos”. Petrópolis: Vozes, 2009.

¹⁰ RICOEUR, P. Temps et récit 1983.

outro (1990)¹¹, e as relações entre identidade pessoal e identidade narrativa. Nesta pesquisa esses conceitos serão utilizados a partir dessa obra, sendo também amplamente consultadas as palestras e aulas do filósofo que foram posteriormente publicadas em revistas científicas, bem como são utilizados textos de seus comentadores, como Nascimento (2011) que afirma que a abordagem de Ricoeur surgiu:

De uma resposta à constatação que as filosofias que se propuseram discutir certos modos de descrever a temporalidade expressando o que ela ‘é’ não alcançaram muito sucesso. Ele afirma que o ‘tempo’ torna-se ‘tempo humano’ na medida em que é articulado pela narrativa, por sua vez, a narrativa é capaz de esboçar os traços da experiência temporal humana (NASCIMENTO, 2011, p.49).

E que o filósofo autor desenvolve a convergência entre as ideias de “si próprio” (*Soi*) e de identidade narrativa (RICOEUR, 2000a) em *Identidade frágil: respeito pelo outro e identidade cultural* (2000b)¹². Segundo Ricoeur (2000), a narrativa permite a compreensão de nós próprios numa dimensão temporal, e nesta dimensão, nossa história está sempre associada a de outros, os “protagonistas da ação” (RICOEUR, 2000, p. 5), portanto, neste sentido, a identidade “é considerada uma categoria da prática, pois expressar a identidade de um indivíduo é responder à pergunta: Quem fez tal ação? Ademais, responder à pergunta Quem? é contar a história de uma vida, desse modo, a identidade do Quem?” (NASCIMENTO, 2011, p.48).

Em sua teoria, Ricoeur faz uma divisão essencial para que se possa compreender esse deslocamento da identidade entre os planos de permanência e os planos da ação, sendo que o autor distingue dois polos para o conceito de identidade, que apresenta de um lado uma significação de identidade como *idem*, e de outro uma significação de identidade como *ipse*, sendo que nesta pesquisa essa distinção será explorada justamente para se analisar os

¹¹ Originalmente publicado em 1990, RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil, 1990, e recentemente republicado no Brasil, RICOEUR, P. *O si-mesmo como outro*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

¹² RICOEUR, P. *Les droits de la personne en question - Europe 2000*. Publicação FIACAT.

processos de construção de identidade na família. Ao adotar esse trânsito entre os polos, e considerar a identidade no âmbito da ação, passou-se nesta pesquisa a utilizar-se do conceito de identidade narrativa como ferramenta de análise, o que possibilitou a compreensão dos processos que formam identidades como processos, ação e movimento. Sobre esses dois polos pelos quais a identidade se move, Ricoeur falou de maneira sintética:

O quadro conceitual que proponho submeter à prova de análise repousa sobre a diferença fundamental que faço entre dois usos principais do conceito de identidade: a identidade como mesmidade (latim *idem*, inglês *same*, alemão *gleich*) e a identidade como si-próprio [*soi*] (latim *ipse*, inglês *self*, alemão *selbst*). A ipseidade, não é mesmidade. A minha tese é a que de muitas dificuldades que obscurecem a questão de identidade pessoal resultam da falta de distinção entre os dois usos do termo identidade (RICOEUR, 2000b, p.2).

Ricoeur diz que a identidade *idem*, que significa mesmo, igual, e é da ordem das generalizações, propõe ao sujeito a pergunta do “o que?”, que como será melhor mostrado à frente, na subseção seguinte (2.3), que no âmbito das identidades estudadas nesta pesquisa foram consideradas as identidades nacionais, além das identidades locais, étnicas, religiosas, políticas e outras que surgiram, pois é a partir delas que se sugere a pergunta à generalização “o que?”, em contraponto com a sugestão “quem?”.

Procurou-se demonstrar como foi para os pesquisados e seus antepassados essa relação entre a identidade *idem* da sua nacionalidade de imigrante, com as outras identidades *ipse* que perguntam, “quem?”, referindo-se ao que é o único, o distinto, do si-próprio, que é a singularidade da identidade pessoal, sua subjetividade. Ricoeur (1983) ao desconstruir o conceito de consciência como algo em si-mesmo para colocá-lo no plano da ação, como um processo e não um fim (RICOEUR, 1983, 1997), recorreu à ontologia com raiz na fenomenologia, que considera o tempo, a consciência, o ser em si, e as subjetividades, não como algo que possa ser dito o que é, mas como processos a serem analisados no plano da ação e como processos em movimento (RICOEUR, 1997, NASCIMENTO, 2011, p. 49-50).

Nesta pesquisa, essa compreensão de identidade será utilizada para analisar as memórias e as identidades dos tempos da chegada dos ancestrais imigrantes da família, os italianos e japoneses que vivenciaram o choque de um longo deslocamento e da chegada ao Brasil, até como isto foi transformado pelas gerações seguintes. Os conflitos de identidade ocorreram nos momentos da narrativa da família em que a identidade como *idem* se sobrepôs à identidade *ipse*, o que seria o que ocorre, como debatidos por autores como sendo processos de crise ou perda de identidade por ocorrência de imigrações e diásporas (HALL, 2005, BAUMAN 2011).

O que interessa nesta pesquisa é a compreensão de que a identidade pessoal necessariamente passa pelo coletivo e social, no que ele conceitua em *O si-mesmo como outro* (RICOEUR, 2014), sendo que esta definição de identidade pessoal, complementarmente ao conceito de identidade narrativa, possibilita a proposição de uma descrição e de uma interpretação identitária. Como afirma Nascimento, (2011), “por meio da narrativa é possível propor uma resposta à identidade pessoal buscando dar coesão e unidade às ações que se desenrolam no transcurso da vida humana finita (NASCIMENTO, 2011, p. 56)”. O que Ricoeur propõe, segundo a compreensão do autor deste trabalho, é que a identidade narrativa transite entre os polos do pertencimento do *idem*, e da impermanência do *ipse*. Como propõe Sivinski (2010), é que para Ricoeur:

A qualificação da identidade enquanto narrativa denuncia tanto uma hierarquização da identidade no sentido de mesmidade, quanto a inelutável mas válida constituição de um si como um outro. Reside aí a implicação de que todo ente pede um nome, e que todo nome pede uma identidade, e que esta identidade só pode ser uma narrativa (SIVINSKI, 2010, p.6).

Neste trabalho, foi analisado em que medida as identidades narrativas se relacionam, em uma lógica entre memórias herdadas e memórias vividas, e entre as memórias individuais e as memórias da família com o contexto mais amplo da imigração japonesa e italiana, que será tratado no item seguinte. Este é, de fato, o problema desta pesquisa, ou seja, procurou-se interpretar o que foi feito com a transmissão cultural herdada pela família. Na prática, identificou-se e interpretou-se o que se perdeu, se esqueceu, e o que permaneceu e se refez, para se refletir em termos de memórias e identidades da imigração com as identidades do novo lar, de um Brasil que se tornou morada dos imigrantes e de seus descendentes aqui pesquisados.

2.3 As identidade nos casos das famílias Sumida e Campopiano e o contexto geral da imigração.

Nesta subseção, será feito um esforço de situar as famílias Campopiano e Sumida no contexto geral das imigrações ao país, contextualização esta que será breve porém imprescindível para a realização das interpretações sobre os processos de construção das identidades narrativas do grupo estudado, e que pressupõem dois períodos nesta pesquisa: primeiro, quando os ancestrais vieram ao Brasil, respectivamente, no final do século XIX e

início do XX, até o nascimento de Concetta (1925) e Mituioce (1923), sua infância e juventude. E em um segundo momento, após 1943, quando os dois se conheceram no extremo oeste do Estado de São Paulo, com uma posterior união e convivência ao longo de cinco décadas, até 1993, quando ele faleceu na cidade de Rancharia.

Compreende-se aqui que ambos os cônjuges e suas respectivas redes familiares foram ao mesmo tempo fruto e ferramentas propulsoras de um processo migratório mais amplo, ocorrido a partir do século XIX para o Brasil, no quadro em que diferentes grupos de estrangeiros vieram inicialmente para substituir a mão de obra escrava (BERTONHA, 2014, VIEIRA 1973, LEÃO NETO, 1989), e que os italianos e japoneses, cada um com as suas distintas identidades em termos ancestrais, passam nas gerações seguintes a compor as narrativas brasileiras em construção no século XX. Analisou-se aqui justamente como essas identidades narrativas das primeiras gerações de imigrantes dos grupos distintos analisados se encontraram, dos italianos e dos japoneses, e como essas narrativas se reconstruíram nas identidades da família estudada, já totalmente nascida e formada no Brasil.

As negociações entre os Estados envolvidos na pesquisa, Brasil, Japão e Itália, foi determinante na fixação dos japoneses e italianos no país como demonstra vasta bibliografia sobre os dois grupos. Em uma primeira etapa, até as primeiras décadas do século XX, antes de Concetta e Mituioce nascerem na década de 1920, seus pais e avós vivenciaram uma época na qual a política do Estado brasileiro foi de relativo incentivo aos estrangeiros, principalmente europeus, em um esforço da diplomacia, como diz Ramos (2006), “com o objetivo de atrair capitais e imigrantes, trabalhadores, supostamente mais aptos que o trabalhador nacional ao regime de trabalho livre que se consolidaria com o fim da escravidão” (RAMOS, 2006, p. 59).

O fluxo migratório para o Brasil foi intenso entre 1880 e 1920, e a década de 1890 concentrou o maior número de entradas de estrangeiros, mais de um milhão e duzentos mil indivíduos, a maioria proveniente da Europa, sobretudo Itália (SEYFERTH, 2006, p. 49). Os italianos, inicialmente, vieram para trabalhar na lavoura, em pequenas propriedades familiares, formando núcleos agrícolas em terras devolutas (SEYFERTH, 2006, p. 56), mas muitos migraram, ou viram seus filhos migrar para o meio urbano, como no caso desta pesquisa.

Observou-se, pelas entrevistas, mudanças culturais que a chegada desses imigrantes proporcionou em todos os locais por onde a família vivenciou suas trajetórias, conforme narrado pelos entrevistados, pela região da Alta Sorocabana, no Vale do Ribeira e na capital paulista. Em 1920, entre os 579 mil habitantes na cidade de São Paulo por exemplo,

praticamente 207 mil (36%) eram estrangeiros, sendo os três maiores grupos os portugueses, os italianos e os japoneses. Em 1930 a cidade de São Paulo tinha atingido a marca de 822.400¹³ pessoas; tratava-se de um ambiente multicultural e multiétnico com diferentes grupos protagonizando a vida urbana. Conforme será analisado na Seção 3, ao se desenvolver as análises da pesquisa, esse contexto foi marcante nas histórias de vida de Concetta e seu irmão Miguel Campopiano, e marca um período de afirmações diversas de identidades dos grupos migrantes e suas redes que coabitavam o espaço urbano.

Dos primeiros membros da família Campopiano que chegaram¹⁴ no final do século XIX, foi possível constatar na pesquisa que Concetta e Miguel se referiam a si mesmos tanto como italianos como napolitanos, confirmando o que constata uma considerável parte da bibliografia, que a identidade nacional italiana ainda estava em construção quando os imigrantes chegaram ao Brasil, e que as redes se identificavam mais com identidades locais e com o arraigado laço familiar, como será demonstrado ao longo da pesquisa e na análise. Concetta contou como conviveu com seus avós maternos, que tinham vindos de Nápoles, e como depois, na São Paulo dos anos 1930 e 1940, ela e suas irmãs eram chamadas de “italianinhas”, nas feiras, nos bailes, na vida cotidiana, como afirma Concetta nas entrevistas. Sobre este processo histórico da chegada dos imigrantes, como diz Bertonha (2014):

É quase consenso entre os historiadores da imigração italiana que o campanilismo ou identidade local (aldeia/província) e o regionalismo ou identidade regional (regiões) que caracterizavam os imigrantes italianos em fins do século XIX e início do XX estavam sendo gradativamente substituídos, nas primeiras décadas do século XX, por uma identidade italiana (BERTONHA, 2014, p.35).

Como não havia uma “identidade italiana”, ela precisou ser construída na Itália emergente, na virada do século XIX e XX, com uma explosão demográfica desencadeada pelos processos de industrialização da Europa. Essa também é percepção de Gabaccia (1994, 1999), historiadora norte americana descendente de piemonteses que, como ela diz, se

13
14

Fonte: Censo IBGE / HAHNER, J. E., *Poverty and Politics: The Urban Poor in Brazil*, p.7
A data exata é indeterminada.

compreendiam em suas raízes em maior proximidade com os franceses que com os italianos do sul (GABACCIA 1999, p.1), sendo que ela diz que foi a partir de observar a sua própria família que ela desconstruiu a identidade italiana: “parei de pensar em italianos como uma nação *a priori*, a comecei a pensar sobre como os residentes da Itália haviam se tornado italianos” (GABACCIA, 1999, p.1)¹⁵.

Há, portanto, nesta contextualização da imigração da família Campopiano, e na posterior análise, a constatação de que a construção da identidade nacional italiana foi tardia, e que no caso dos imigrantes e descendentes aqui estudados, eles "se tornaram" italianos quando já moravam no Brasil, tanto os imigrantes, nascidos no continente europeu, quanto os seus descendentes nascidos na América. Essa construção identitária de um descendente de italiano deveu-se, principalmente, ao que Bertonha (2014) analisa como sendo a uma rede internacional da emigração da península (BERTONHA, 2014, p. 100), que se formou ao longo dos processos migratórios, sendo que essa rede lutou de diferentes formas para unir interesses em comum em torno da ideia de ser um italiano. Como diz Gabaccia:

Before 1861 there was no country of Italy; thereafter, observers noted, it was necessary to "make Italians." Modern Italian nationalism developed after unification, consolidating under fascism and the postwar Italian republic. Until World War I, few migrants from Italy had strong national identities. They migrated through networks of kin and neighbors (*paesani*) from particular small towns; their strongest ties were to family and *paesani*¹⁶ (GABACCIA, 1999, p.1-2).

Dada a proporção de uma grande emigração em massa de pessoas de saída da recém unificada Itália, como comprova o estudo de uma década intitulado *Italian Workers Around the World, Italians Everywhere*, coordenado por Gabaccia, que constatou uma rede global de 27 milhões de migrantes da Itália, que representa 10% das migrações globais entre 1830-1930 (GABACCIA, 1999, p.2), muitos autores falam em uma “diáspora italiana”

¹⁵ Tradução minha: “I stopped thinking of Italians as a primordial nation, and I began wondering how residents of Italy had become Italians” (GABACCIA, 1999, p.1).

¹⁶ Do Dicionário Michaelis Italiano-Português Online: Paisano / pa.e.sa.no: sm camponês, aldeão. agg 1 compatriota, patrício, paisano. 2 campestre, camponês. 3 fig grosseiro, tosco.
<http://michaelis.uol.com.br/escolar/italiano/index.php?lingua=italiano-portugues&palavra=paesano>

(GABACCIA, 1999), ou “êxodo italiano” (BERTONHA, 2014, p. 81). A referida pesquisa¹⁷ concluiu que “um século de migração da Itália envolveu uma população tão grande quanto a própria Itália em 1861. Isso representou cerca de 10% das migrações globais” (GABACCIA, 1999, p.3)¹⁸. Antes da unificação italiana, o que havia ali eram identidades regionais, que remontam o tempo das república mercantis e da “Itália medieval”, com forte influência do catolicismo, que eram “os italianos antes da Itália” (BERTONHA, 2014, p. 33), que conviviam na península sem língua unificada (BERTONHA, 2014, p. 57).

Uma vida urbana, portanto, bastante desenvolvida, a qual não era desconhecida em outras regiões da Europa Medieval, mas que atingiu particular desenvolvimento na península e se configura em uma das marcas características da história dos italianos nesses anos” (BERTONHA, 2014, p. 33).

O local de onde os Campopiano analisados na pesquisa vieram, a cidade de Nápoles, fora uma região com bastante autonomia nos séculos antes das revoluções industriais, onde outrora havia sido centro do Reino de Nápoles, ocupando todo o sul da Itália abaixo de Roma em 1494 (BERTONHA, 2014, p. 37). Durante os séculos XVI e XVII, efetivamente, “o Reino de Nápoles, a Sardenha, a Sicília, a região de Milão e algumas fortalezas na Toscana eram possessões diretas do soberano Espanhol” (BERTONHA, 2014, p. 38), e quando da entrada da Era Contemporânea (BERTONHA 2014, p. 39), formou-se ali o Reino das Duas Sicílias, (BERTONHA, 2014, p. 50), que permaneceu até as posteriores revoltas nacionalistas de 1848 na Europa e a Itália (BERTONHA, 2014, p. 47).

Toda a península, por todo o período medieval e mesmo posteriormente, ficou marcada pela forte presença da Igreja. Mesmo hoje, é difícil pensa em Roma sem pensar no papa e no Vaticano, e o catolicismo tornou-se parte indissolúvel do ‘ser italiano’ por muitos séculos (BERTONHA, 2014, p. 33).

¹⁷ A pesquisa citada contou com 150 pesquisadores que estudam emigrações e imigrações italianas pela Europa, Austrália e nas Américas (GABACCIA, 1999, p.3).

¹⁸ Tradução minha: “A century of migration from Italy involved a population almost as large as that of Italy itself in 1861. It represented about 10 percent of global migrations” (GABACCIA, 1999, p.3)

Os Campopiano vieram para o Brasil no fim do século XIX, vieram para o sul de Minas Gerais inicialmente trabalhar na lavoura, mas seus filhos migraram para São Paulo, onde trabalharam com serviços, comércio ou na nascente indústria paulista, em contexto no qual o catolicismo permaneceu presente como identidade associada ao grupo somente na primeira geração, de Concetta e Miguel, como ficou constatado na pesquisa (Seção 4).

Paschoal Campopiano nasceu em Monte Santo, em Minas Gerais, e junto com irmãos e demais *paesani* foi morar em São Paulo para “sair da roça”¹⁹, onde trabalhou como sapateiro, junto com os irmãos da esposa na própria casa no Brás, isso já no início do século XX. Estas peculiaridades do grupo serão analisadas na Seção 4, principalmente nas análises separadas nos temas migração, trabalho, religião. Ambos vieram de famílias com muitos irmãos, tios e primos, e suas redes foram mantidas, ao longo de duas gerações, de Nápoles para o sul de Minas, e de lá para São Paulo capital.

Itália e Sicília eram formadas por pessoas para as quais “a migração era mais um estilo de vida que um momento de transição de uma identidade nacional para outra” (GABACCIA, 1999, p.2)²⁰, por isso, tanto a mobilidade como o ambiente citadino não eram estranhos aos antepassados da rede dos Campopiano, tendo em vista que Nápoles há séculos era uma capital mercantil, fato que inclusive, como diz Bertonha (2010), influenciou na tardia centralização do poder político na península.

Na Alemanha e, em especial, na Itália, contudo esse processo esbarrou em resistências muito maiores, de cidades e aristocracias mercantis ricas e poderosas, o que ajuda a compreender como a Itália continuou dividida em vários Estados rivais enquanto boa parte da Europa caminhava no sentido oposto, ou seja, o da centralização administrativa, o que teria efeitos importantes no futuro da península (BERTONHA, 2014, p. 35).

O que cabe discorrer nesta contextualização é que os Campopiano provinham das redes de famílias descendentes de napolitanos, com forte raiz católica, que haviam vindo para

¹⁹ Tirado da entrevista com Concetta.

²⁰ Tradução minha. No original: “migration was more often a way of life than a moment of transition from one national identity to another” (GABACCIA, 1999, p.2).

Monte Santo, no interior de Minas Gerais, e posteriormente migraram para São Paulo pois não se enraizaram na terra, isso considerando o caso específico desta rede familiar dos Campopiano analisada nesta pesquisa. Anna e Paschoal tiveram dez filhos que criaram no Brás e no Alto do Pari, sendo que Concetta nasceu em 1925 e foi a quarta filha.

Tanto ela como as irmãs e irmãos cresceram em São Paulo, sendo que ela saiu de casa aos dezoito anos para o interior onde gerou uma família com Mituioce, enquanto o restante da família de modo geral continuou morando e trabalhando na capital. Nesta pesquisa analisa-se somente a infância e adolescência de Concetta no bairro do Brás, e os relatos de Miguel sobre o período posterior de transformações na capital paulista.

Da família de Mituioce e a rede dos Sumida, compreende-se aqui, de acordo com a contextualização histórica pesquisada, que os japoneses começaram a chegar a partir de 1908, e em 1920 eram mais de 75 mil, em 1930 cerca de 116 mil, e segundo registros de 1934²¹, quase 175 mil pessoas imigrantes deste país, com cerca de 90% estabelecidas no Estado de São Paulo (LEÃO NETO, 1989, p. 58). Eles vieram seduzidos por promessas de paz e trabalho (RAMOS, 2006, p. 59), e fazem parte do mesmo movimento de migrações internacionais advindas da industrialização mundial conforme sugere a bibliografia consultada nesta pesquisa sobre os imigrantes japoneses (CHOR, VENTURA, 2006; LEAO NETO, 1989; LEVI-STRAUSS, 2012; VIEIRA, 1973).

A bibliografia conduz ao entendimento de que o Japão, assim como a Itália, experimentou rápidas mudanças estruturais ao longo do século XIX. No caso do Japão com a entrada da Era Meiji (1868-1912), já na segunda metade do século XIX, foi de maneira tardia e intensa, pois neste período o Japão rapidamente passou “de uma economia agrícola para industrial seguindo os modelos ideológicos do liberalismo” (VIEIRA, 1973, p.27), atravessada a transição do fim da Era Tokugawa (1600 e 1867) e o início da Era Meiji (1868-1912). Em 1858 e 1866 foram assinados Tratados Comerciais de Abertura ao comércio

²¹ OGISHIMA, T. L'émigration japonaise, *Revue Internationale du Travail*, 34 (5): 679, nov. 1936, *apud* LEAO NETO, 1989, p.58.

internacional (VIEIRA, 1973, p.26), e dali em diante o governo centralizou cada vez mais o poder para garantir medidas que forçassem a industrialização.

Coube ao governo papel predominante nos estágios iniciais da industrialização do Japão, promovendo, realizando e subsidiando os mais importante empreendimentos. O capital necessário foi obtido através de empréstimos internos e de pesada taxaço no setor agrícola da economia japonesa (VIEIRA, 1973, p. 27).

Em 1873, houve a revisáo dos impostos territoriais após a criação do novo sistema de tributação, com pagamentos feitos em moeda (VIEIRA, 1973, p.29), medidas acarretaram na perda das terras comunais, expulsando as pessoas do campo para as cidades, ou forçando processos de migração interna. “Com tudo isso, o setor agrícola da economia japonesa foi duramente atingido em favor de uma ênfase no desenvolvimento industrial” (VIEIRA, 1973, p. 29).

Com a abertura comercial ao longo do século XIX, houve uma revolução sanitária no Japão ocasionando um aumento rápido da população, “concomitante à industrialização e o progresso científico, verificou-se uma acentuada urbanização, um aumento rápido da população . Os índices de mortalidade infantil foram reduzidos com o uso de produtos farmacêuticos importados do ocidente, o crescimento da população foi exponencial, fazendo com que o governo passasse a incentivar e patrocinar a emigração de seus cidadãos através de companhias especializadas (VIEIRA, 1973, p.35). O país tinha “em 1880, 36.359.00 habitantes; em 1890, 40.453.000; em 1900, 44.826.000; em 1910, 50.985.000 e em 1940, 72.539.000²²” (VIEIRA, 1973, p. 30).

As Companhias de Migração procuraram a América do Sul em um segundo momento (VIEIRA, 1973, p. 35-36), prevalecendo antes o Hawaii, com quem o Japão havia assinado o Tratado de Amizade com o Hawaii em 1895, transformando as ilhas do pacífico em um importante destino de migração, e posteriormente os Estados Unidos (VIEIRA, 1973, p. 35), mas esse quadro foi se modificando ao longo do século seguinte. Em 1900 as companhias,

²² “Vide TAUEBER, 1958, tabela 6, para os dados relativos e tabela 16 para os anos de 1920, 25, 30, 35 e 40” (VIEIRA, 1973, p.30).

impedidas nos Estados Unidos, e “impedidas de agir no Hawaii ... intensificaram seus esforços para obter colocação de trabalhadores na América do Sul (VIEIRA, 1973, p. 39), fato que se consumou em 1908 com a chegada do primeiro navio japonês pela companhia Kokoku Shokumin Kaisha” (VIEIRA, 1973, p. 39), o *Kasato Maru*, que se transformou em o marco da introdução da primeira leva de imigrantes ao Brasil.

O governo do Estado de S. Paulo comprometeu-se a subvencionar parte do transportes imigrantes que deviam entrar em famílias constituídas de pelo menos 3 elementos de 15 a 50 anos de idade. Em 1914 a concessão de subsídios foi suspensa e o contrato rescindido (VIEIRA, 1973, p.39).

Para esta pesquisa, o marco específico da chegada dos primeiros membros da rede dos Sumidaé do da chegada do navio *Itsukushima Maru*, que trouxe os ascendentes diretos da família estudada, sendo que o mesmo aportou no Brasil no dia 28 de abril de 1912, conforme consta na documentação analisada nesta pesquisa²³.

O sobrenome dos três Sumidas da rede familiar estudada mudou após sua entrada no Brasil, não se sabendo exatamente quando e o porquê da mudança, mas que, conforme consta na documentação, os três pioneiros da rede familiar (os pais e tio de Mituoce) aparecem no Registro do Museu da Imigração Japonesa com o sobrenome Itsunoda (ver ANEXOS 1 e 2), que foi alterado para Sumida (ver ANEXOS 3 e 4). Este assunto será retomado na análise da Seção 4.

Em termos das políticas de migração dos japoneses, a partir da década de 1910, ao longo da primeira metade do século XX, uma única companhia de emigração, a K.K.K.K.²⁴, praticamente monopolizou todos os serviços de emigração, e “tornou-se o órgão executivo da política de migração do governo japonês e é possível afirmar que a partir de 1925 a emigração passa a ser politicamente orientada” (VIEIRA, 1973, p.40).

²³ Ver Anexos.

²⁴ “Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (Companhia Ultramarina de Empreendimentos S.A., coummente referida como KKKK” (VIEIRA, 1973, p.39).

O que cabe neste item da pesquisa é contextualizar que as orientações políticas foram vias de mão dupla entre o estado japonês e o brasileiro, e que a chegada da família Sumida ao Brasil foi subsidiada diretamente pelo governo do Estado de São Paulo, um projeto que visou a ocupação do território através de uma “frente de expansão no Estado de São Paulo” (VIEIRA, p. 57). Como coloca Vieira, o avanço das rodovias acompanhou todo o “movimento de penetração e colonização da frente de expansão, especialmente na Alta Paulista, Noroeste e Alta Sorocabana” (1973, p.62), sendo esta expansão guiada “de acordo com os interesses dos produtores e comerciantes de café, em sincronismo com a marcha de povoamento da Alta Sorocabana, precedendo o povoamento na Noroeste e seguindo-se nas demais regiões” (VIEIRA, 1973, p.62).

Ao longo da pesquisa será analisado, principalmente sob a análise temática das migrações, como a partir das entrevistas e da bibliografia foi possível identificar o impacto desta expansão na vida das pessoas. No caso deste estudos nos entrevistados da família, esses processos históricos marcam aquele “início” da memória e da identidade” discutido no item 1.1, pois foi essa frente de expansão que possibilitou o encontro entre o casal fundador da rede familiar analisada, Concetta e Mituoce, que se conheceram na região de Presidente Prudente no ano de 1943 e estabeleceram família na cidade de Rancharia a partir da década de 1950.

Na última década do século XIX foi criada a Estrada de Ferro Araraquarense, partindo de Araraquara, atingindo Rio Preto em 1912 e progredindo em direção ao Rio Paraná. A Estrada de Ferro Sorocabana foi constituída em 1872, ligando São Paulo a Sorocaba (1877), Botucatu (1889), Salto Grande (1910) e Presidente Prudente (1920), e foi a que mais lentamente avançou (VIEIRA, 1973, p.62).

Também se faz importante para a contextualização desta pesquisa, em termos de memórias e identidades dos grupos estudados, ressaltar a percepção de que tanto a chegada da rede dos Campopiano como a dos Sumida, faz parte de um mesmo movimento em duplo sentido, no qual de um lado os países recém industrializados como Itália e Japão, com a população em expansão, enviavam emigrantes, e de outro um Estado de São Paulo recebendo imigrantes, necessitando de mão de obra para o café e a indústria que nasceria principalmente depois da década de 1930. É da percepção dos estudos migratórios que as migrações e os fluxos populacionais influenciam tanto os países de saída como os de chegada.

1830-1930, a century when at least 10 percent of the world moved across national boundaries, and even larger numbers moved within them. Recognizing the era of

international migration as a period of ascending nationalism, we hypothesized that migration shaped sending and receiving nations alike”(GABACCIA, 1999, p.3).

Na análise da pesquisa na Seção 4, serão apontadas as diferenças de cada grupo estudado, dos descendentes de italianos e japoneses, que foram possíveis de serem conhecidos pelas narrativas de vida na entrevistas. Essa mistura certamente construiu uma identidade narrativa peculiar que foi possível analisar nesta pesquisa, de um lado, uma rede com uma ascendência católica, que veio para o sul de Minas Gerais no Brasil trabalhar na terra, e no ritmo da urbanização, com um passado que rememorava as cidades mercantis italianas, foram para a cidade de São Paulo.

Do outro lado um rede vinda do Japão de um recém desmontado sistema da Era Tokugawa, em situação que os autores aqui consultados (VIEIRA, 1973, p.25; LEVI-STRAUSS, 2012) descrevem como a de um relativo isolamento anterior, mas que seguindo Vieira (1973), “embora um grande número de historiadores ocidentais acentuem a pressão dos fatores externos na análise das grandes modificações que a partir de então se processaram, essas modificações estão em continuidade com o desenvolvimento interno” (1973, p.25).

Segundo a tese de Vieira (1973), as populações do território que veio a se tornar o Império do Japão na Era Meiji, eles se adaptaram rapidamente pois, “na realidade, nos últimos anos do Período Feudal, já se iniciara no Japão um processo de industrialização com a introdução da tecnologia e dos métodos ocidentais” (VIEIRA, 1973, p. 25). Segundo o autor argumenta:

Em alguns dos *han*²⁵ já existiam escolas oficiais para os samurai aprenderem a língua holandesa e aos conhecimentos holandeses, e ao menos em dois deles (Satsuma e Saga) tinham sido fundados laboratórios para a aplicação desses conhecimentos. Em cerca de 14 *han* já se desenvolviam ativamente fundições e construções navais”. Por outro lado, grande parte da indústria rural se achava organizada em larga escala, sugerindo um estágio pré-capitalista (VIEIRA, 1973, p. 26).

²⁵ “O termo *han*, usualmente traduzido como ‘feudo’ ou ‘clan’, designa o território sob jurisdição de um daimyo, principais senhores feudais vassalos do governo de Tokugawa”. (VIEIRA, 1973, p.26)

Portanto, a rede familiar dos Sumida, provenientes da província de Saga, segundo a bibliografia consultada, veio de um contexto de isolamento e mundo feudal mas já em processo de adaptação à urbanização e industrialização (VIEIRA, 1973, p.25), que teria progredido em “um impressionante país inovador, na vanguarda do progresso científico e técnico”, que conservaria “a referência por um pensamento animista que, como salientou com acerto Umehara Takesi, afunda suas raízes num passado arcaico” (LEVI-STRAUSS, 2012, p.25), que permanece, como disse Lévi-Strauss em uma série de nove conferências que proferiu sobre o Japão (LEVI-STRAUSS, 2012, p.117), acentuando peculiaridades do Japão que, segundo o pesquisador, têm uma raiz mais profunda, “sob modalidades diversas (...) hinduísmo, o taoísmo, o budismo” (LEVI-STRAUSS, 2012, p.33).

Como será visto na análise, tentou-se entender as identidades culturais herdadas pela família estudada, pelo viés das identidades narrativas do entrevistados. Para isso, tentou-se entender o encontro entre essas identidades da rede dos Sumida com as identidades italianas, napolitanas, católicas, e como essas resultaram nas próprias identidades narrativas atuais da família.

Esta pesquisa analisa portanto justamente as origens do processo das imigrações em massa para o Brasil, mais especificamente ao Estado de São Paulo, tratando-se da união de redes de imigrantes distintas através da família formada por uma neta de italianos, e um filho de japoneses, que nasceram respectivamente na Capital Paulista e no Litoral Sul, e foram constituir uma família mais ao oeste do Estado, na cidade de Rancharia, na região de Presidente Prudente, outrora Alta Sorocabana.

Levam-se em conta as identidades pessoais e as identidades narrativas dos membros da família estudada, que se constroem em torno de memórias familiares, e ganham força na medida em que, como afirma também Michael Pollak, “a memória e a identidade são valores disputados”, e a “memória herdada”, no âmbito da família, revela ligações estreitas entre a memória e o sentimento de identidade. Segundo ele “a memória, bem como o sentimento de identidade nessa continuidade herdada, constitui um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas” (POLLAK, 1989, p.5).

A rede analisada nesta pesquisa abrange as redes sociais de Concetta e de Mituioce, e as redes que se formaram a partir de sua união, rede essa que consideramos como rede familiar, ou simplesmente família.

Para melhor observância da abrangência dessas redes foram feitos mapas genealógicos (ver Apêndices A, B e C). Em termos de análise, as redes estão divididas em três momentos,

que configuram A rede social de Concetta; a rede social de Mituioce; as redes sociais formadas a partir dos filhos de Concetta e Mituioce, que se dividem em três gerações analisadas. Entre parênteses consta a ordem de realização das entrevistas:

Primeira geração: nascidos nas décadas de 1920 e 1930 são Concetta (1^a), Maria (4^a), Miguel (5^a) e Neusa (18^a).

Segunda geração: nascidos nas décadas de 1940 e 1950 são Ana (2^a), Roberto (11^a) e Luiza (3^a).

Terceira geração: nascidos nas décadas de 1960, 1970 e 1980 são Rogério (8^a), Iran (6^a), Iranilson (7^a), Deyse (10^a), Nílvia (9^a), Roberta (13^a), Kelly (14^a), Caroline (12^a), Eduardo (16^a), Fabiano (17^a), Laila (15^a), Vanessa (19^a).

Esta pesquisa pretende analisar os processos de construção de identidades através da análise temática das entrevistas, e mais com a complementaridade de fontes, com a análise dos documentos, fotos e das referência bibliográfica, buscou-se verificar como os entrevistados elaboraram a memória identitária, em referencia à origem migratória, e como essa elaboração foi transmitida através das gerações da mesma família.

2.4 Questões sobre uma pesquisa com o pesquisador da própria família estudada.

Um problema inerente a este trabalho é o fato do pesquisador ser um membro da família, neto de Sumida e Concetta, considerado o casal fundador da rede analisada, o que traz a necessidade de debater sobre questões como as da relação pesquisador-fonte e da objetividade científica, questões estas que são iniciadas aqui, e retomadas no segundo capítulo, que apresenta a metodologia da pesquisa, e também nos demais. Utiliza-se como referência para este estudo, em termos de justificativas por se estar fazendo um estudo sobre a memória da própria família, principalmente o livro *Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares* (2008), dos antropólogos Luiz Fernando Dias Duarte e Edlaine de Campos Gomes, que utilizaram das memórias familiares para estudar a formação de identidades nas classes populares.

Como argumentam, citando diversos autores como Pierre Bourdieu (2003, 2005), Roberto DaMatta (1978), Richard Hoggart (1973), Gilberto Velho (1978), entre outros, o problema em geral está no fato de que os dados são obtidos em uma relação de confronto entre as memórias pessoais do pesquisador e as dos outros membros do grupo da qual todos

possuem um *ethos* compartilhado, uma referência de uma base identitária (DUARTE, GOMES, 2008, p.9-12), sendo que o desafio reside na medida em que, “por um lado, estar próximo aparenta uma familiaridade, portadora inequívoca de um conhecimento. Na mesma medida, esse ‘conhecimento’ é tido como contaminado e impreciso para adquirir status acadêmico” (DUARTE, GOMES, 2008, p.32), sendo necessário fazer “como sucede em quaisquer universos familiares, uma verdadeira conversão epistemológica” (BOURDIEU, 2005, p.89-93 *apud* DUARTE, GOMES, 2008), que é a busca de um distanciamento através algum tipo de “objetivação participante” (DUARTE, GOMES, 2008, p. 33).

Pois como disse Gilberto Velho (1981), trata-se de “uma das mais tradicionais premissas das Ciências Sociais” (VELHO, 1981, p. 123), a de que seria necessária “uma distância mínima que garanta ao investigador condições de objetividade em seu trabalho” (1981, p.123). O antropólogo analisou as vantagens e desvantagens de se pesquisar um objeto familiar ou um considerado exótico, análise esta que ele escreveu assumidamente à luz dos escritos de Geertz (1973) no clássico *A interpretação das culturas* (1973). Ele argumenta que, após Geertz, o caráter interpretativo das ciências sociais não constituía mais obstáculo para se poder relativizar as noções de distância e objetividade, tão caras às premissas tradicionais.

Parece-me que Clifford Geertz ao enfatizar a natureza de interpretação do trabalho antropológico chama atenção de que o processo de conhecimento da vida social sempre implica em um grau de subjetividade e que, portanto, tem um caráter aproximativo e não definitivo (VELHO, 1981, p. 129).

Ele pondera que isso não significa a “falência do rigor científico” (VELHO, 1981, p. 123), mas apenas o conhecimento de que “a “realidade” (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador” (1978, p.123). Para o autor, o rigor científico deve ser compreendido “enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa”. (VELHO, 1981, p. 131). Como afirma o autor, “a noção de que existe um envolvimento inevitável com o objeto de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição já foi clara e precisamente enunciada” (VELHO, 1981, p. 123).

Como diz o próprio Geertz, “no estudo da cultura a análise penetra no próprio corpo do objeto — isto é, *começamos com as nossas próprias interpretações do que pretendem nossos informantes, ou o que achamos que eles pretendem, e depois passamos a sistematizá-las* (GEERTZ, 2008, p. 11). O autor enfatiza ao longo de sua obra que os textos antropológicos são interpretações, e o que o pesquisador já adentra o campo carregando outras interpretações

de antemão do seu discurso científico, e que é da própria natureza da pesquisa científica, e da relação entre pesquisador e objeto, o exercício de constantemente situar-se.

Situar-nos, um negócio enervante que só é bem-sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal. Tentar formular a tese na qual se imagina, sempre excessivamente, estar-se situado, eis no que consiste o texto antropológico como empreendimento científico (GEERTZ, 2008, p10).

O autor diz ainda que os textos antropológicos, “são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão” (GEERTZ, 2008, p.11), pois para ele, “somente um "nativo" faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura.” (GEERTZ, 2008, p.11). Porém, pesquisar um grupo do qual o pesquisador supostamente está familiarizado, como afirma Velho (1981) de maneira alguma esgota as possibilidades para “criar surpresas e abrir abismos” ” (VELHO, 1981, p. 124), tamanha a vastidão das possibilidades de interações culturais e históricas.

O conhecimento de situações ou indivíduos é construído a partir de um sistema de interações cultural e historicamente definido. Embora aceite a ideia de que os repertórios humanos são limitados, suas combinações são suficientemente variadas para criar surpresas e abrir abismos, por mais familiares que indivíduos e situações possam parecer (VELHO, 1981, p. 124).

Portanto, este trabalho, ao trazer um escopo familiar, biográfico e com alguma extensão, autobiográfico, e nesta pesquisa especificamente, com um olhar de dentro do lar, encontra eco nas mais diversas correntes e vertentes das ciências contemporâneas, podendo ser citado, por exemplo, Boaventura de Souza Santos, que em Um discurso sobre as ciências (2008) afirma que “todo conhecimento é local e total” (SANTOS, 2008, p. 73) e “todo conhecimento é autoconhecimento” (SANTOS, 2008, p. 80), e que assumir essas percepções faz parte do “paradigma emergente”.

No paradigma emergente, o caráter autobiográfico e auto-referenciável da ciência é plenamente assumido. A ciência moderna legou-nos um conhecimento funcional do mundo que alargou extraordinariamente as nossas perspectivas de sobrevivência. Hoje não se trata tanto de sobreviver como de saber viver. Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos (SANTOS, 2008, p. 85).

Por outro lado Santos (2008) chama de antigo paradigma o que separa em demasiado o sujeito (pesquisador) do objeto (SANTOS, 2008, p.61), ainda que isto seja desejável para

qualquer trabalho científico. E, ao mesmo tempo em que se tem um pesquisador membro da família e esta mesma família como objeto de estudos, se tem um membro da família na universidade, como o pesquisador, trazendo também a universidade para “dentro” da família. Sobre isso Duarte e Gomes (2008) falam de um caráter reflexivo deste tipo de pesquisa (GOMES, DUARTE, 2008, p.14), pois:

A condição de membros das redes familiares em questão é inseparável de outra igualmente marcante: as trajetórias dos pesquisadores os trouxeram a uma posição de estranhamento e reflexividade diferenciada em relação a sua condição social de origem (ou a parte dela, pelo menos), o que é o mesmo tempo um pressuposto e uma característica do material e da análise aqui apresentados (GOMES, DUARTE, 2008, p.14).

Em *Três Famílias* (2008) os autores apontam que a necessidade de “justificar” sua pesquisa (DUARTE, GOMES, 2008, p.31-57) trata-se, acima de tudo, de se justificar ao “senso comum acadêmico” (DUARTE, GOMES, 2008, p.27):

Ao fato de estarem os autores às voltas com a questão de uma pesquisa parcialmente voltada para as próprias famílias não altera substancialmente os desafios característicos da disposição antropológica; apenas talvez lhe aponha alguns complicadores de estratégia, autoconsciência e método, impostos em boa parte pela necessidade de atenção ao senso comum acadêmico, mais do que a vetores propriamente epistemológicos (DUARTE, GOMES, 2008, p.27).

Busca-se aqui, dentro da metodologia proposta que será detalhada na Seção 3, uma objetividade possível, com a capacidade viável, se fazer uma pesquisa que tenha um proveito amplo tanto para a comunidade científica, quanto ao público em geral. Compreende-se que se deve concordar com a afirmação de que, “este movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite -nos observar o familiar e estudá -lo sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros” (VELHO, 1981, p. 130).

Nesta pesquisa o pesquisador se identifica como parte da família, como membro da comunidade afetiva estudada, e se identifica com o “ser brasileiro”, com o “ser descendente de japonês”, “ser descendente de italiano”, e se identifica também com o “ser pesquisador”. Há desvantagens nisso, como há também vantagens no contrário, quando o pesquisador é “de fora”, pois como diz Velho, estar familiarizado com o grupo não significa que se compreenda de antemão a lógica das relações.

Posso estar acostumado, como já disse, com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar, a hierarquia e a distribuição de poder permitem-me fixar, grosso modo, os indivíduos em categorias mais amplas. No entanto, isto não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo, posso ter um mapa, mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam. O processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico (VELHO, 1981, p.128).

Arruda (1999), no artigo *Cidades e Sertões: o historiador entre a memória e a história*, apresenta os “impasses metodológicos” (1999, p. 121) que viveu para defender sua tese de doutorado baseada nas memórias de sua família paterna, argumenta que “a utilização da memória familiar do próprio historiador amplia o problema para a relação entre texto e o narrador, entre a objetividade e a subjetividade do “discurso histórico” (ARRUDA, 1999, p. 124).

Sobre a dificuldade de comunicação entre o pesquisador membro da família, isso ocorre dadas as diferentes trajetórias pessoais de pesquisador e pesquisados, como colocam Duarte e Gomes (2008) em sua pesquisa sobre as próprias família, que no caso da pesquisa deles, de modo geral, eles explicaram para suas família que se tratava de “uma pesquisa sobre família ... com mais ênfase na história e na memória familiares” (DUARTE, GOMES, 2008, p.13), sendo que, para cada caso da pesquisa deles, foi explicado também sobre alguns enfoques temáticos que seriam abordados.

Nesta pesquisa, também foi dito para os entrevistados desta mesma maneira geral, que se tratava de uma pesquisa sobre famílias de descendentes de imigrantes, e sobre as origens de “italianos” e “japoneses”. Portanto, foi dito às pessoas que a memória familiar era o objeto de estudo, e o fator migratório o enfoque específico. Porém, mesmo explicando da maneira mais geral, isso não garante que haja um comum entendimento entre as pessoas pesquisadas sobre os propósitos (DUARTE, GOMES, 2008, p.13) da pesquisa. Para algumas pessoas foram explicitados os dilemas mais específicos da pesquisa, enquanto para outros, houve menos aprofundamento.

O mais importante que se levanta no caso de pesquisar a própria família são as “inquietações e cuidados com a dimensão ética do trabalho” (DUARTE, GOMES, 2008, p.13), dado o alto grau de confiança que a família concede ao membro pesquisador. Pois muitos entrevistados dão a entrevistas em um sentido de “dever” para com o familiar que neste caso é pesquisador. Por isso cabe ao pesquisador evitar a exposição pública das pessoas, e considerar as implicações de segurança ao longo da pesquisa.

Ser um membro da família permite saber de antemão “determinadas informação e versões” (ARRUDA, 1999, p. 123) e ter um amplo, mas jamais total domínio do contexto, o que também pode resultar em pressupostos incorretos que precisarão ser desconstruídos por meio de um exercício de distanciamento constante entre pesquisador e objeto. Outro fator é que, ao menos supostamente, o pesquisador de dentro goza de confiança por parte dos entrevistados, e essa confiança advém da certeza do grupo de que o pesquisador-pesquisado que deve e o que não deve permanecer “em segredo”, em “esquecimento”. Por ser membro do grupo, sabe das vontades da coletividade e de cada entrevistado sobre aquilo que deve ser preservado e mantido privado, o que pode trazer desvantagens.

Na escolha metodológica, Arruda (1999) justifica sua pesquisa pelo próprio fazer da mesma, pois o material propiciado pela história oral, ao “recolher os depoimentos de membros da família paterna” (ARRUDA, 1999, p.125), torna-se “a forma encontrada para estabelecer os limites entre a análise do historiador e o conjunto de lembranças do grupo familiar” (ARRUDA, 1999, p.125)”. Para o autor, ao utilizar-se de suas próprias memórias familiares, essas, uma vez extraídas via metodologia da pesquisa oral, tornam-se passíveis de análise, pois cria-se uma divisão entre “região afetiva”, fruto da vivência, e uma “região de reflexão”, fruto da historiografia (ARRUDA, 1999, p.129).

Estamos nas fronteiras entre, de um lado, o conhecimento sistematizado, por meio de operações demonstráveis, como pode ser caracterizado o discurso histórico e, de outro lado, as informações e sensibilidades adquiridas mediante transmissão da memória familiar (ARRUDA, 1999, p.126).

Prosseguem-se as discussões no capítulo seguinte, da metodologia, no qual será abordada a ideia de um distanciamento produtivo obtido através do método, distanciamento este necessário em uma pesquisa com um pesquisador de dentro. Como diz Arruda (1999, p. 124), citando Portelli (1997), na pesquisa de história oral, “o valor reside não na imediata e verídica referencia aos fatos, mas sim nas suas interpretações”, complementando que “não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto ... e textos podem ser analisados e estudados” (PORTELLI, 1997, p.64 *apud* ARRUDA, 1999, p.124). E com a história oral como metodologia esses textos partem, como diz Demartini (2005, p.100), de dentro da experiência social, situação ainda mais extrema nesta pesquisa com a presença do pesquisador de dentro, que abraça o desafio de estranhar o familiar.

3 MÉTODO

3.1 A história oral.

Com a capacidade de registrar recortes do tempo presente, e com isso permitir que sejam feitas interpretações a partir de um rico material humano, o método da história oral encontra-se, no Brasil, em constante ampliação e desenvolvimento, sendo que hoje, após décadas de debate, está consolidado como um recurso valioso para se estudar pessoas, como lembram Magalhães e Santhiago (2013), na introdução de *Depois da Utopia: a história oral em seu tempo*, hoje o método está consolidado como ferramenta científica:

Após um importante – e necessário – período de divulgação do método (que incluiu longos e aparentemente intermináveis debates sobre vantagens, os problemas e a legitimidade de uso de fontes orais em diferentes disciplinas e campos profissionais), ele parece estar plenamente consagrado como um recurso valioso para variados estudos sobre vidas, sobre grupos sociais, sobre o presente (MAGALHÃES, SANTHIAGO, 2013, p.10).

Ao se ter como base entrevistas gravadas com gravadores de áudio ou com câmeras de captação audiovisual, que gravam o áudio e o vídeo, faz-se registro de diálogos que acontecem em eventos nos quais, na maior parte dos casos, há um ou mais pesquisadores que abordam um ou mais entrevistados, estimulando-os a falar, produzindo relatos sobre suas histórias de vida, ou sobre temas e vivências específicas de suas vidas. Uma vez feitas as entrevistas, é de praxe que elas sejam transcritas para serem analisadas no formato de texto. Como diz Lang (2013), a história oral é uma “metodologia qualitativa de pesquisa para o estudo do tempo presente a partir de um projeto”, com o intuito de “conhecer a realidade social em vários de seus aspectos” (LANG, 2013, p.73).

Existem vários manuais, livros e artigos que fazem balanços sobre a teoria e prática da história oral, que relatam seu amadurecimento e que detalham procedimentos, havendo uma pluralidade de abordagens, tendo natureza interdisciplinar. Nota-se que o método comporta correntes e linhas teóricas variadas entre os pesquisadores que o utilizam.

Para por a história oral em prática, precisa-se partir de um referencial teórico, “que orienta a formulação do objetivo e posteriormente a interpretação dos dados.” (LANG, 2013, p.73), e este referencial teórico deve ser de acordo com área na qual se insere a pesquisa. Lang, ao fazer reflexões sobre o método, destaca que inicialmente é importante “deixar clara a

posição de quem fala e o objetivo com que utilizada a história oral”. No caso desta pesquisa, a metodologia da história oral é aplicada em um projeto de Estudos Culturais, no qual são utilizadas diferentes referências em cada etapa dos processos de execução da metodologia, conforme será visto neste capítulo e também, no que concernem às discussões metodológicas, ao longo de toda a pesquisa.

Neste capítulo, ao mesmo tempo em se discute o embasamento teórico da metodologia, descreve-se cada etapa do processo que foi executado de acordo com a orientação geral da pesquisa em termos de objetivos e hipóteses, que, lembrando, consistem em analisar os processos de construção de identidades dentro de uma família descendente de dois grupos migratórios distintos, os italianos e japoneses, com a hipótese inicial mais geral de que essas identidades emergem na forma de identidade narrativa.

As etapas para executar o método foram: a pesquisa prévia, que consistiu em contatos iniciais com as fontes, além da pesquisa bibliográfica e do uso de uma complementaridade de fontes, como fotos dos álbuns de família, os documentos cedidos pelos entrevistados ao longo da pesquisa, além das entrevistas orais, sendo que as mesmas foram filmadas e registradas, tornando-se material de pesquisa em formato de vídeo e na forma textual das transcrições.

No que concerne a escolha deste método e a adequação de seu uso em relação aos objetivos da pesquisa, sendo a história oral uma metodologia que permite que se captem registros do momento presente, como diz Lang (2013), “com base na palavra gravada de contemporâneos que relatam fatos, experiências, opiniões, fornecem informações referidas a situações que vivenciaram ou lhes foram transmitidas” (2013, p.73), argumenta-se aqui que com este método colocado em prática, é possível fazer com que as memórias apareçam, e firmem-se identidades, sendo possível também responder não somente à pergunta “quem sou?”, mas principalmente a questão “onde estou?”, como foi afirmado no referencial teórico inicial, tratando-se esta pesquisa de uma análise sobre como a herança cultural dos imigrantes mudou ao longo das gerações.

3.2 A história deste projeto de pesquisa.

Entre os anos de 2009 e 2011, antes de se iniciar esta pesquisa, fiz entrevistas com Concetta Campopiano Sumida como parte de um projeto biográfico em vídeo conduzido pela família, em filmagens feitas em Rondonópolis, Marília e Rancharia, nas quais Concetta foi o

fio condutor, falando sobre episódios do cotidiano que aconteceram nas cidades por onde passou. Esse material serviu como base para que se começasse a escrever um projeto de pesquisa de mestrado e para o levantamento das hipóteses desta pesquisa.

Na ocasião da filmagem em Rondonópolis, tomei conhecimento do álbum de fotos de avô Mituioce, que foi montado e preservado por ele, ao longo de sua vida, e que, desde seu falecimento em 1993, estava guardado com Concetta, sendo que essas fotografias serviram de apoio na condução de uma entrevista com Concetta em 2010, como forma de objeto de rememoração, assim como em entrevistas desta pesquisa como será mencionado na Seção 4.

O importante, neste momento, é dizer que foi a partir das filmagens para se fazer uma biografia de Concetta, de 2009 e 2011, e do álbum de fotos de Mituioce, que se pôde começar a esboçar o projeto que passou a consistir em uma análise da identidade da família. Foi surgindo o que Lang (2013) diz ser condição para um trabalho de história oral, que é ter de antemão uma “questão motivadora do estudo, que tem sua referência no social” (LANG, 2013, p.73). Depois de aceito no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da USP, o projeto passou a ser encaminhado com as premissas da história oral.

3.3 As pesquisas iniciais

Uma vez que o projeto se consolidou em projeto de pesquisa acadêmico, com o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, iniciou-se a primeira etapa, que consistiu nas pesquisas bibliográficas sobre os temas pertinentes a pesquisa e os contatos iniciais com os familiares. Ecléa Bosi, em seu livro *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*, dá “sugestões para um jovem pesquisador” (BOSI, 2004, p.59), como o contato inicial entre pesquisador e pesquisados, no qual as intenções e objetivos não estão totalmente definidos:

A pré-entrevista, que a metodologia chama de “estudo exploratório”, é essencial, não só porque ela nos ensina a fazer e refazer o futuro roteiro da entrevista. Desse encontro prévio é que se podem extrair questões na linguagem usual do depoente, detectando temas promissores. A pré-entrevista abre caminhos insuspeitados para a investigação (BOSI, 2004, p. 60-61)

É importante frisar que durante os encontros prévios houve um clima de informalidade, e algumas coisas que foram ditas nessas ocasiões foram silenciadas na hora da entrevista e diante da câmera, tanto pelo fato de eu pertencer à família como por se tratarem

de pesquisas com propósitos de pesquisa e destinação pública. As pré-entrevistas foram vitais para, traçar o roteiro para as entrevistas a partir dos objetivos do projeto; e foi com as pesquisas iniciais que foi possível dar início à formulação das hipóteses desta pesquisa.

3.4 As entrevistas: narrativas compartilhadas.

Neste trabalho optou-se pelo método da história oral, utilizando-se da complementaridade de fontes (ver 3.7), em conjunto com uma análise interpretativa baseada em categorias temáticas conforme será demonstrado aqui. No primeiro caso, os procedimentos técnicos orientaram a escuta e registro dos relatos, bem como a sistematização dos elementos que viriam a ser analisados, a partir daí passou-se aos procedimentos da análise interpretativa do material de pesquisa.

Para discorrer sobre a etapa da realização das entrevistas, é preciso iniciar discutindo o ato mais básico que sustenta o método da história oral, que é característica da oralidade: a comunicação falada, e, no caso da entrevista, o diálogo. Para isso considera-se inicialmente a terminologia usada por Paul Ricoeur em seu livro *Teoria da Interpretação* (1995), livro esse que sustentará parte da argumentação sobre o método, principalmente para fins de análise interpretativa das entrevistas, tanto das transcrições escritas, quanto na análise dos vídeos. O que mais interessa para esta pesquisa é descrever o processo que percorreu desde a gravação das entrevistas em formato de vídeo, até a transformação dessas falas em textos na forma de transcrição, e depois como esses textos foram analisados de acordo com temas propostos.

Segundo a concepção de Ricoeur (1995), a fala, o ato de fala, é um ato de discurso, na forma de um discurso como um evento, sendo este evento, no caso desta pesquisa, a entrevista realizada. Pois como diz o autor, a comunicação é um fato um tanto quanto óbvio, pois as pessoas efetivamente falam umas com as outras, mas que, no entanto:

O estar junto, enquanto condição existencial da possibilidade de qualquer estrutura dialógica do discurso, surge como um modo de ultrapassar ou de superar a solidão fundamental de cada ser humano. Por solidão não quero indicar o fato de, muitas vezes, nos sentirmos isolados como numa multidão, ou de vivermos e morrermos sós, mas, num sentido mais radical, de que o que é experienciado por uma pessoa não se pode transferir totalmente como tal e tal experiência para mais ninguém. A minha experiência não pode tornar-se diretamente a vossa experiência. Um acontecimento que pertence a uma corrente de consciência. E, no entanto, se algo passa de mim para vocês, algo se transfere de uma esfera de vida pra outra. Este algo não é a experiência enquanto experienciada, mas a sua significação. Eis o milagre. A experiência experienciada, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação torna-se pública. (RICOEUR, 1995, p.66)

Nesse sentido, o evento da entrevista da história oral se configuram na escuta das experiências vividas, e o vivido narrado vem à tona com atos de fala que constituem o diálogo entre pesquisador e fontes orais, tendo em mente que “a exteriorização e a comunicabilidade são “a elevação de uma parte da nossa vida ao logos do discurso”(RICOEUR, 1995, p.69).

Então, existe um discurso em comum entre as pessoas, que a história oral vem a possibilitar ao externalizar o recurso das memórias como mediadoras de pessoas e épocas. Nesses termos de Bosi, de que “a memória (...) pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado (BOSI, 2003, p. 15), mas para que isso seja efetivado, é necessário o evento do diálogo, o evento do ato da fala, evento de exteriorização.

Ana Maria Mauad, que em seu artigo *Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares*, ao falar da memória diz que se deve ter em mente que essas memórias surgem em uma “situação de entrevista onde pesquisador e entrevistado vivenciam um processo de construção de memórias mediante a uma negociação”, na qual “o pesquisador se apresenta como detentor de um saber consolidado e específico”, e “o entrevistado se apresenta como detentor de um conhecimento de experiência vivida” (MAUAD, A. 2010, p. 145).

Adota-se aqui essa visão, de que a entrevista de história oral não é um exercício de um resgate de memórias objetivas, mas uma negociação, da produção de um novo conteúdo, e que a utilização da metodologia da história oral possibilita ao mesmo tempo dar um sentido, analisar, interpretar o que Pierre Nora cunhou como de lugares de memória (NORA, 1993, p.21), algo que é ao mesmo tempo material, simbólico e funcional. Trata-se de um recurso que busca demonstrar que “a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento” (NORA, 1993, p.9), um fenômeno sempre atual, “um elo vivido no eterno presente” (NORA, 1993, p.9).

Se a memória é uma intermediária da cultura, e das culturas, e de diferentes épocas e vivências, ela se faz viva no ato da fala, no evento da entrevista, a execução do método da história oral é o lugar onde a memória está materializada em forma de linguagem, falada, ou quando transcrita, escrita, que só é compreendida porque há um conhecimento prévio compartilhado de signos culturais. Assim compreende Mauad ao dizer que:

A cultura, ao realizar-se no dia a dia, coloca em funcionamento uma série de códigos que permitem expressar esta “realidade diária”, por meio de objetos, pensamentos, comportamentos, palavras, etc., que assumem funções sógnicas variadas no processo de semiose social (...) a cultura como uma enorme língua histórica pressupõe a existência de regras de ordenamento dos significados, sem as quais o ato de comunicar e significar não se processaria. Portanto, cultura pressupõe códigos que, por sua vez, criam condições a partir das quais objetos, comportamentos e sentimentos assumem funções sógnicas (MAUAD, A., 2001, p. 163).

No caso desta pesquisa, falante e ouvinte são respectivamente o entrevistado e pesquisador que compartilham a perspectiva do pesquisador de dentro, e portanto compartilham de inúmeros signos culturais, e o contato e contexto se complementam como sendo a situação da entrevista e suas negociações. Contato envolve as situações concretas do evento, como o ambiente da entrevista e as formas de abordagem. O contexto diz respeito ao que rege além do evento, e neste caso, diz respeito ao fato de ser uma entrevista para uma finalidade específica, para uma pesquisa acadêmica. Trata-se da capacidade que as narrativas de vida têm de transcender do individual ao social. Como diz Magalhães (2007):

Permitem a compreensão dos fatos históricos e sociais filtrados pela ótica dos sujeitos, a partir da elaboração presente dos fatos passados (...) é a inserção de um determinado aspecto da vida do narrador dentro de uma lógica narrativa mais ampla que nos permite entender como a memória subjetiva captou os fatos sociais mais amplos (MAGALHAES, 2007, p. 28).

Estamos, portanto, tratando de trazer à tona a subjetividade das pessoas entrevistadas, com referência em lógicas narrativas mais amplas que têm referência no real. Pois “o signo não existe como entidade em si mesmo, possui uma natureza relacional e dinâmica” (MAUAD, A., 2001, p. 163), portanto o que deve ser discutido em relação ao método da história oral não são as oposições sobre realidade e ficção, objetividade e subjetividade, como se fosse uma questão de tomar partido por algum desses opostos, mas buscar interpretar as narrativas dos entrevistados em interação com o entrevistador, buscando-se também registrar e analisar a exteriorização de memórias para entender o que foi dito com entusiasmo, o que foi digredido, e o que foi mantido em silêncio e o omitido, em situações que refletem, através de narrativas, as experiências vividas por uma família.

3.4.1 Listagem e roteiro das entrevistas.

Neste item é apresentada a listagem das entrevistas e o roteiro planejado e percorrido ao longo da pesquisa de campo. Utiliza-se do *Manual de História Oral* da Verena Alberti

(2013) para se consultar maneiras de dar à pesquisa uma linguagem com aspectos mais técnicos (ALBERTI, 2013, p. 102), que dão mais subsídios para se fazer um levantamento sistematizado das informações necessárias para se realizar o estudo.

No Apêndice E estão os modelos de “relatórios de entrevistas”, contidos no referido manual (ALBERTI, 2013, p. 371), de forma que esses relatórios contêm informações básicas, como nome, data e local da entrevista e duração da entrevista, além de observações pontuais, que compõem o que Alberti chama de descrição das “circunstâncias das entrevistas” (ALBERTI, 2013, p. 195).

Foram sete viagens e dezenove entrevistas gravadas entre setembro de 2012 e março de 2014, sendo que foi considerado como *viagem* cada empreitada como um todo, e não cada lugar visitado, pois em algumas viagens mais de uma cidade foi visitada. Em cada viagem foram feitas uma entrevista ou blocos de entrevistas, e neste Apêndice a listagem das entrevistas segue por ordem cronológica de realização. Segue a listagem, em ordem cronológica, das distâncias percorridas na pesquisa de campo.

Primeira viagem – Rondonópolis, de 5 a 10 de setembro de 2012:

- Concetta Campopiano Sumida (6, 7 e 8 de setembro de 2012);
- Ana Mitsui Sumida Silva (8 de setembro de 2012);
- Luiza Massako Sumida (9 de setembro de 2012);

Segunda viagem – Mogi das Cruzes, dia 30 de setembro de 2012:

- Maria Kinoshita (30 de setembro de 2012);
- participam também indiretamente: Helena Kinoshita, Mariana Kinoshita e Emiko Kinoshita

Terceira viagem – solicitado o sigilo do local. De 24 a 26 de janeiro de 2014:

- Miguel Campopiano (26 de janeiro de 2014);

Quarta viagem – Rondonópolis, Cuiabá, Goiânia e Brasília, de 7 a 17 de fevereiro de 2014:

- Iran Marcelo Bueno (8 de fevereiro de 2014);
- Iranilson Bueno (9 de fevereiro de 2014);

- Wander Rogério dos Reis (9 de fevereiro de 2014);
- Nílvia Nadia Sumida Silva (10 de fevereiro de 2014);
- Deyse Regina Sumida Silva (12 de fevereiro de 2014);
- Roberto Mitsui Sumida (16 de fevereiro de 2014);
- Caroline Perez Sumida Ciocca (16 de fevereiro de 2014);
- Wilsy Roberta Sumida Sousa (17 de fevereiro de 2014);
- Tracy Kelly Sousa Lopes (17 de fevereiro de 2014);

Quinta viagem - Rio Claro, dia 27 de fevereiro de 2014:

- Laila Regina Cardoso (27 de fevereiro de 2014);

Sexta viagem - Marília, dia 9 de março de 2014:

- Eduardo Perez Sumida (9 de março de 2014);

Sétima viagem - Rancharia e Paraguaçu Paulista, de 14 a 16 de março de 2014:

- Fabiano Ricardo Sumida (14 de março de 2014);
- Neusa Satiko Sumita (15 de março de 2014);
- Vanessa Renata Sumida (16 de março de 2014).

3.5 A análise através das transcrições.

Após a realização de cada entrevista, com todas elas registradas e armazenadas, deu-se início ao processo de execução das transcrições, que é o exercício de transformar a fala viva em escrita, em uma situação que, como afirma McCleary, há uma inversão que é o próprio fundamento da tecnologia da escrita, pois "trazemos para o texto (as nossas experiências de vida, os nossos significados)", e em troca o texto nos traz, um "deslocamento do significado de nossa ação, que emerge do todo vivido, para os pedaços pobres, fixos e invariáveis que acabaram sendo escritos e identificados como 'palavras'" (MCCLEARY, 2011, p.98). O processo de transcrição é o trânsito entre a fala das entrevistas, registradas em vídeo e transformada em escrita após serem redigidas, permitindo assim, o exercício das análises.

Dentre as opções de transformação da entrevista em texto, optou-se nesta pesquisa por um modelo de transcrição similar ao que McCleary (2011, p. 115) chama de modelo de

transcrição “não prosaica”, uma opção que apresenta vários pontos que fazem dela a mais apropriada para os objetivos desta pesquisa, que consiste em analisar processos de produção de identidade. Essa opção foi utilizada para a produção das transcrições, no entanto, na análise da Seção 4, as mesmas aparecerão editadas e na forma de diálogo e citação direta, sendo apresentados apenas recordes das entrevistas articuladas com as bibliografias sobre os temas propostos. Dessa maneira foi possível que se criassem identificações e que fossem feitas as associações entre pessoas e discursos, analisando o compartilhamento das memórias e identidades como estudo de herança cultural.

O importante aqui transcrever da maneira não prosaica pois a mesma leva “reconhece que a fala não é uma emissão contínua de som; ela ocorre em jatos, cada qual com um contorno tonal e um pico acentual.” (MCCLEARY, 2011, p.115). Dessa forma, a opção não prosaica, é o formato “do verso ou do canto, encurtando as linhas, colocando em cada linha uma unidade entoacional, deixando a estrutura sonora transparecer no visual do texto, a fim de ajudar o leitor a reconhecer e sentir o ritmo” (MCCLEARY, 2011, p.116).

Esta pesquisa faz uma análise de processos de construção de identidades que, como já foi dito, se expressam a partir de memórias que emergem no ato de rememoração da entrevista, no qual há uma evidente hierarquização das informações a partir da ordem dos assuntos nos relatos, das entonações, e dos percursos tomados em cada entrevista. A opção não prosaica de representação escrita tem ritmo, pulsação, respeita a lógica memorial não linear (MCCLEARY, 2011, p. 116).

Daphne Patai (1988) afirma, na introdução de seu livro *Brazilian Women Speak*, que as pessoas não contam suas histórias como um transmissor passivo e neutro, mas pelo contrário, como “um agente ativamente e criativamente moldando e construindo sua narrativa” (PATAI, 1993, p. 32). Por isso a autora, embora utilize formas prosaicas neste livro, ressalta e valoriza a importância da transcrição em forma literária quando o intuito é observar como as pessoas constroem sua própria lógica. Seguem dois trechos, ambos com a mesma duração (um minuto), da entrevista da Concetta e do Fabiano, nos quais é possível perceber o ritmo de cada um pelo próprio ritmo do texto que obedece às entonações dadas pelos entrevistados. Essa abordagem mostra não apenas aspectos da personalidade de cada pessoa, mas também o estado psicológico do entrevistado durante o diálogo com o pesquisador.

Colocam-se aqui dois trechos de transcrição apenas para exemplificar o argumento acima, e foi deixada uma marcação de tempo para mostrar o ritmo e a diferença entre dois entrevistados. Por exemplo, Concetta começa seus relatos e não faz pausas, não é preciso que o pesquisador estimule a conversa, ela se dá rapidamente. Enquanto com Fabiano, e o entrevistador e entrevistado parecem com dificuldade de desenvolver uma conversa de início, com perguntas e respostas truncadas.. Nota-se que esse tipo de transcrição não prosaica dá a dimensão da participação do pesquisador, e tenta também, dentro de suas limitações, dar o ritmo das falas do diálogo.

CONCETTA

01:00

Concetta: eu nasci em São Paulo, na Rua 21 de abril, vila 21, número oito. Em São Paulo né? Rua 21 de abril, vila 21, número oito. Nasci lá. Fui criada ali, no Brás, na rua 21 de abril, onde eu nasci. Meus avôs moravam perto. Meus tios também.

1:30

Eles viviam muito na casa da minha vó, que era mãe da minha mãe. Que era na rua 21 de abril também. Eu me dava muito com minha avó, meu avô. Meus tios, eu tinha bastante tios, irmão da minha mãe.

Eles eram muito bacanas comigo, muito legais. Eu era nova, era uma menina nova de uns, treze, quatorze, quinze anos, criança ainda né?

02:00

FABIANO

01:00

Fabiano: eu nasci cinco de dezembro de mil novecentos e oitenta (05/12/1980), em São Paulo...

Heitor: depois veio pra cá...

Fabiano: Oitenta e seis (1986) acho que foi né. Oitenta e sete (1987) por aí. Acho mais ou menos assim, eu não lembro muito bem não.

Lá em São Paulo nós morava no Jardim Coimbra. (...) Aí o pai pegou transferência. Aqui pá perto. Se não me engano, eu não lembro muito a cidade porque eu era pequeno né.

01:35

Aí depois eu lembro mais a gente vindo aqui em Rancharia. Ficando na casa da vó e do vô. Assim, ali na Washington Luís.... É...

Heitor: então, pelo fato de ter Sumida né, no nome. //

F: É, Sumida. É...

H: aí então você mudou pra cá (...)

F: É, eu vim pra cá pequeno né, assim, eu não sei assim muito bem né.

02:00

3.6 A análise através da utilização do vídeo²⁶.

O material coletado pelo método da história oral, neste trabalho, se constituiu de um conjunto de entrevistas registradas em arquivos digitais de vídeo e, posteriormente, em forma de transcrição. O mesmo evento foi registrado com formas de linguagem diferentes: o texto e o vídeo. Esse conjunto permite duas formas de revisitação dos depoimentos orais, e enriquece a análise interpretativa dos processos de construção de identidades, uma vez que a imagem associada à palavra falada revela os aspectos mais intersubjetivos da entrevista, ao registrar os gestos, olhares, emoções e hesitações. E a escrita, que são as transcrições, permite os recortes temáticos, temporais, permitindo também associações entre pessoas e ideias, que se dão de uma forma ou de outra, complementares, o texto o vídeo, que são tentativas de materialização da verbalização, na qual os sujeitos acontecem como um conjunto de palavras, e como fala e ação.

No artigo *Vídeo-história e história oral: experiências e reflexões*, assinado por Ana Maria Mauad, Fernando Sergio Dumas dos Santos e Ana Paula da Rocha Serrano (data), os pesquisadores traçam um breve histórico da experiência com vídeos do laboratório da Universidade Federal Fluminense, que criou o conceito de “escrita videográfica”, que consiste “numa estratégia metodológica que problematize o uso da imagem, evidenciando seu caráter arbitrário, e coordene essa problemática ao desafio de enunciação, entonação e locução que as fontes orais colocam para os historiadores” (MAUAD, 2006).

Leland McCleary (2011), ao falar sobre *Questões de língua e tecnologia* aponta para o conservadorismo acadêmico nesse quesito do uso de novas tecnologias e formatos alternativos como sendo um jogo mais amplo e visto em outras áreas acadêmicas, pois, conforme versa:

²⁶ As entrevistas estão armazenadas em dois DVDs conjuntos a este trabalho. Para a lista dos arquivos em vídeo com informações sobre cada entrevista ver Apêndice D.

Estamos numa universidade, dedicada ao mesmo tempo ao avanço do conhecimento e à preservação do conhecimento, simultaneamente progressista e conservadora. Aqui, o olhar para trás é tão importante quanto o olhar para frente. O novo emerge a partir do velho, e o velho é revisto a partir do novo. Tensão constante entre mudança e preservação, que atinge todas as disciplinas (MCCLEARY, 2011, p. 96).

No entanto, em sua visão sobre nossa metodologia especificamente, ao falar sobre novas tecnologias e novas opções, ele afirma de maneira provocativa que “é hora de a história oral acadêmica tirar o olho do espelho retrovisor e deslumbrar o que vem pela frente” (MCCLEARY, 2011, p. 121). Para Ana Maria Mauad, esses novos desafios estão sendo enfrentados, sendo que nesta pesquisa se faz o esforço justamente para caminhar neste sentido.

O uso de fontes orais e visuais na produção de texto histórico impõe ao historiador um outro desafio que, aos poucos, vai sendo enfrentado: o uso de outras linguagens para compor uma nova narrativa histórica que dê conta da dimensão intertextual estabelecida entre palavras e imagens (MAUAD, A. 2010, p. 142)

Acredita-se que os novos suportes aliados às técnicas de análise de transcrições e produção de interpretações enriquece o método, pois, como já foi citado e veremos à frente com mais detalhes, a transformação do ato de fala em texto escrito, através das técnicas de transcrição, se faz mais produtiva ainda quando associada ao suporte audiovisual. Portanto, considerarmos o uso do vídeo, conjuntamente com o texto, como complementares, embora não haja uma relação de interdependência, mas ambos, somados, possibilitam uma percepção intertextual, entre palavra, sonoridades e imagens (MAUAD, 2010). Como diz Mauad:

Isso porque palavra e imagem cumprem duas funções diferentes no processo de comunicação e de construção de memórias coletivas” (...) “para se operar legitimamente com a relação entre palavras e imagem, há que se romper com a lógica da dependência e pensar ambas as formas comunicativas como textos autônomos que se entrecruzam na construção da textualidade (MAUAD, A., 2001, p. 159).

E a câmera de vídeo se torna útil pelo fato de possibilitar uma forma de registro que é diferente das anotações escritas, que capta este momento presente, pois se trata de uma linguagem capaz de “compor uma nova narrativa histórica que dê conta da dimensão intertextual estabelecida entre palavras e imagens” (MAUAD, 2010, p.142), e “na condição de noção operativa sobre práticas discursivas, a intertextualidade possibilita uma reflexão mais aprofundada sobre o processo de produção de sentido dos relatos orais bem como da imagem visual” (MAUAD, 2001, p. 165)

A análise das imagens será essencial para verificarmos o que Ecléa Bosi chama de “atmosfera” da entrevista (BOSI, 2003, p. 17), e a existência dos arquivos de vídeo suprem a necessidade de ter que se descrever e reproduzir essa atmosfera com tanta minúcia nas transcrições, pois se transforma em ferramenta de revisitação para se analisarem expressões corporais, levando em conta o fato apontado por McCleary, que “a comunicação falada é composta de três elementos inseparáveis: as palavras, a voz e o movimento do corpo (tronco, das mãos, dos olhos, dos músculos)”, e que a mesma “não acontece sem ser com e entre”, e que “aparece no mundo sempre como uma ação conjunta” (MCCLEARY, 2011, p. 97).

Portanto, a análise do material audiovisual permitiu que essas ações conjuntas do evento da entrevista fossem analisadas, pois a câmera registrou e possibilitou a revisitação do momento vivido entre pesquisador e pesquisados, e como foi dito, não se trata de haver uma hierarquização com as transcrições e a análise textual mas uma complementaridade. Com o uso do vídeo, foi possível identificar a “atmosfera” da entrevista, cumprindo um desafio proposto por Ecléa Bosi de que:

Cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento. Esquecimento, omissões, os trechos desfiados da narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular da época (BOSI, 2003, p. 18).

Pois como afirma Bosi, “as testemunhas orais (...) muitas vezes são dominadas por um processo de estereotipia e se doblam à memória institucional (...) essa força da memória coletiva, trabalhada pela ideologia, sobre a memória individual do recordador”, trata-se de uma “narrativa privilegiada”, “explicadora e legitimadora”, que “serve ao poder que a transmite e difunde” (BOSI, 2003, p. 18). Nesse sentido, o não dito, o omitido, e o não desejado da memória são “apagados como digressões inúteis (...) onde a razão que vacilou, gaguejou e não soube se expressar (...) cujos contornos são definidos pelos olhares e expressões faciais” (BOSI, 2003, p. 17). E para transpassar essa força das ideologias dominantes de hoje e do passado, se analisa aqui em conjunto os vídeos e as transcrições das entrevistas, além de documentos e fotografias.

3.7. A análise e a complementaridade de fontes.

Foram usadas as fontes orais, materializadas na forma de entrevistas em vídeo e transcritas, como foi dito até agora, e neste item discute-se como a pesquisa utilizou documentos, fotos e imagens, como páginas de jornais digitalizados, sendo que nesse item se discute também sobre as especificidades de cada fonte e como cada uma foi usada. Como escreve Demartini, ao analisar quais questões foram trazidas pelo uso de fontes orais e complementares em sua pesquisa sobre a imigração portuguesa em São Paulo, ela diz que utilizou de uma “diversidade de fontes compreendendo documentos escritos, relatos orais e imagens” (DEMARTINI, 2005, p. 104), que ao longo do desenvolvimento da pesquisa “tornou-se fundamental, especialmente pela riqueza que a complementaridade entra as mesmas pode permitir” (DEMARTINI, 2005, p. 104).

Ela problematiza que o uso de “documentos escritos podem levar aos informantes e ajudar na realização de entrevistas, mas os informantes com seus relatos nos levaram também a novos documentos, dos quais muitas vezes eram os únicos possuidores e à formulação de novas questões” (DEMARTINI, 2005, p. 104), que foi o que aconteceu nesta pesquisa, pois a própria obtenção das fontes, como se deu o surgimento das mesmas, e como ela foram descobertas, entrou no processo da análise da narrativa da família.

A rede dos Campopiano mapeada nesta pesquisa foi baseada exclusivamente nas entrevistas orais, principalmente as de Concetta e Miguel, que contaram com mais detalhes e proximidade sobre as histórias da família Campopiano em São Paulo, remetendo desde o tempo de chegada no final do século XIX até a partir do nascimento dos dois, nas décadas de 1920 e 1930. Concetta foi morar no interior quando tinha 18 anos, em 1943, enquanto seu irmão Miguel ficou mais tempo morando com os pais e viveu as décadas de 1940 e 1950 na cidade de São Paulo e mais próximo dos familiares, pais, avós e parentes da família Campopiano. Alguns entrevistados das segunda e terceira gerações também complementaram com informações sobre essa rede, mas a maior parte das narrativas sobre os Campopiano vieram das entrevistas de Concetta e Miguel, algo inclusive previsível pois, em termos quantitativos, somente a entrevista dos dois correspondeu a um quarto do total de horas gravadas (ver mapas genealógicos nos Apêndices A, B e C).

Já para mapear a rede dos Sumida nesta pesquisa, além do coletado nas entrevistas, foram obtidas informações também por meio de pesquisa documental, a partir de fonte obtidas durante o trabalho de campo. As principais entrevistas para analisar as origens dos Sumidas foram as de Concetta, que falou muito da sua convivência com os japoneses e

descendentes de japoneses da rede de Mituioce, as de suas cunhadas Maria Kinoshita e Neusa Sumita.

3.8 As categorias temáticas.

As entrevistas foram feitas com um mecanismo geral no qual o pesquisador inicia a entrevistas com uma breve explicação sobre os objetivos do trabalho e o método. Foi pedido aos entrevistados que se apresentassem com seu nome completo, data e local de nascimento e que, a partir destes dados básicos iniciassem os relatos sobre suas histórias de vida, sendo dado um direcionamento para se iniciar pela infância e falar sobre a convivência familiar e as lembranças sobre Concetta e Mituioce.

No entanto, o pesquisador esteve ciente de que, para que fosse efetivada uma análise não bastaria apenas registrar e reproduzir as histórias de vida, por isso optou-se aqui por elaborar análises a partir de temas, que se repetiram ao longo de cada entrevista, temas gerais da sociedade, e será o cruzamento desses temas que permitirá que sejam feitas relações mais amplas entre os conteúdos das entrevistas e entre as narrativas dos entrevistados. Os temas propostos foram três, Migrações, Trabalho e Religião, sendo essa escolha baseada na incidência dos temas nas narrativas dos entrevistados, que como ficará evidente na análise, se relacionam de maneira intrínseca:

- 1) migrações: as mudanças residenciais e as estabilidades;
- 2) trabalho: formas de sustento, ofícios, empregos e empreendimentos;
- 3) religião: visão sobre religião, religiosidade e espiritualidade;

Esta pesquisa contou com dois elementos metodológicos específicos: primeiro, é que o pesquisador possui um alto grau de proximidade familiar com as pessoas que são as fontes orais da pesquisa por ser um “pesquisador de dentro” como vem sendo debatido na pesquisa. O segundo fator foi o do uso dos registros em audiovisual, que permitiram retomar o ato de fala para se tentar fazer uma análise mais acurada das expressões não verbais e da intencionalidade dos discursos dos entrevistados.

Como afirma Mauad, um texto escrito e o formato do vídeo só podem ser lidos à luz de outros textos de um discurso cultural maior, que são aqui os textos bibliográficos sobre os temas, tratando-se esta análise “não uma justaposição de textos, mas fundamentalmente da

tentativa de recuperar a substância significativa que fornece ao entreamado de imagens e palavras” (MAUAD, 2001, p.144).

3.9 As fontes de pesquisa.

3.9.1 Os arquivos digitais das entrevistas em vídeo

As entrevistas foram filmadas no modo *HDV 1080i*, para serem posteriormente convertidas ao modo *HDV 720p*. Essa conversão foi necessária pois os arquivos de vídeo serão, além de armazenados, foram disponibilizados para consultas públicas, como instrui o Manual do CPDOC (2013) ao abordagem as estratégias de acesso a arquivos digitais que: “um dos componentes fundamentais relativo ao acesso são os formatos específicos para difusão de conteúdos sonoros e audiovisuais. Quase sempre em versão comprimida, justamente para que cheguem aos usuários com rapidez e facilidade” (ALBERTI, 2013, p.130).

Os arquivos originais foram gravados na extensão .M2T, direto em um cartão de memória do tipo *Compact Flash*. Neste modo de gravação preserva uma alta qualidade e definição devido ao arquivo estar descomprimido. Esse seria o chamado arquivo bruto, que no Manual do CPDOC está nomeado como *máster de preservação* (ALBERTI, 2013, p. 131). E o *máster de produção*, já este é o arquivo que foi comprimido utilizando-se o codec H.264, para a extensão MPEG-4, popularmente conhecida como MP4.

As entrevistas não foram cortadas mas apenas convertidas para tamanhos menores de arquivos, da versão de preservação para a de produção, seguindo o modelo do referido manual, para que os vídeos pudessem ser acessados por streaming ou mediante download, pois "especificamente quanto ao vídeo, a popularização do *YouTube* e suas variantes fez com que o streaming de vídeo se tornasse a opção mais viável, pois permite uma visualização rápida e eficiente de vídeos” (ALBERTI, 2013, p.130).

Os arquivos encontram-se disponíveis no acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (BDTD) como apêndice da mesma, e também separadas da pesquisa em meu site pessoal na Internet²⁷. A lista dos arquivos das entrevistas, com duração da entrevista e tamanho dos arquivos encontra-se no Apêndice D.

3.9.2 As transcrições das entrevistas.

As transcrições foram digitadas no modo não prosaico, editadas e recortadas para serem utilizadas como citação direta na análise, como visto na subseção 3.5, cabendo mencionar aqui que os arquivos das mesmas não estão disponibilizados na pesquisa em razão de seu extenso formato. As transcrições foram feitas por este pesquisador e mais duas colaboradoras: das dezenove entrevistas, quatro foram transcritas por Samara Konno²⁸ (Deyse, Caroline, Roberta e Neusa), duas por Isabela Barbosa dos Santos²⁹ (Miguel e Eduardo), e as outras trezes por este pesquisador.

3.9.3 Os documentos oficiais.

Durante o percurso da pesquisa foram obtidos documento oficiais relevantes, sendo que os mesmo foram fornecidos pelos entrevistados ou encontrados em arquivos públicos como será explicado agora.

Durante a primeira viagem (ver 4.2.1), em Rondonópolis, a entrevistada Ana mencionou a existência de certidões de nascimento e óbito que teriam sido retiradas por seu filho Rogério no início da década de 1990, no entanto, na ocasião, esses documentos não foram apresentados mas apenas informaram de sua existência. Mais de um ano depois, na

²⁷ No endereço <http://vimeo.com/heitorcardoso/channels>. Acessado em 24/11/2014.

²⁸ Samara Konno é Cientista Social e Mestre em Estudos Culturais.

²⁹ Isabela Barbosa dos Santos é Jornalista e Fotógrafa.

quarta viagem (ver 4.2.4), na ocasião da entrevista de Rogério, que foi realizada na casa de sua mãe Ana, foram fornecidas cópias autenticadas da Certidão de Nascimento de Mituioce, e da Certidão de Óbito de seu pai Tatusi (ver ANEXOS 3 e 4 respectivamente).

Essa documentação foi resgatada no início dos anos 1990 por Rogério, um dos entrevistados desta pesquisa e considerado aqui da terceira geração da família estudada. Como Rogério relatou, na época ele procurou os documentos com a possibilidade dele e de outros membros da família irem trabalhar no Japão (fato que não ocorreu), situação essa que será retomada na análise do tema trabalho (4.3.2).

O importante mencionar agora é que os dados que constam neste documento são parcialmente discrepantes com os documentos encontrados por este pesquisador nos registros do Museu Bunkyo, que em uma parceria com o Museu Histórico da Imigração Japonesa³⁰, disponibiliza os mesmos dados como parte do Projeto Ashiato, em um trabalho de levantamento de dados feito para a comemoração do Centenário da Imigração Japonesa em 2008. Essas discrepâncias, já mencionada na seção 2.3, estão nos sobrenomes, sendo que na entrada original consta “Tsunoda” e nos documentos posteriores “Sumida”, porém o motivo dessas diferenças não foi analisado com profundidade por ter-se tomado conhecimento desses fatos em etapa muito adiantada da pesquisa, já próxima de sua conclusão. Porém disponibiliza-se aqui os mesmos nos Anexos 1, 2, 3 e 4.

3.9.4. Os álbuns de família.

Considera-se importante nesta pesquisa a existência do álbum de fotos construído pelas mãos de Mituioce, pois o material demonstra um traço cultural que caracteriza a vontade de preservar uma imagem do grupo estudado, no qual “a atração dos retratos de família corresponde, pois, a uma necessidade de identificação com sua imagem” (LEITE, 2005, p. 36). Pois como diz Leite (2005):

³⁰ <http://www.museubunkyo.org.br/ashiato/web2/imigrantes.asp> , acessado em junho de 2014.

A fotografia veio revolucionar a memória, ao multiplicá-la, dando-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas. A maleabilidade e a instabilidade da memória humana são aqui compreendidas por meio de um dispositivo auxiliar, inventado na década de vinte [do século XX], para intensificar essa função psíquica (LEITE 2005, p.38).

Silva (2008) diz que o álbum de fotos retrata “a família como sujeito”, e o álbum conta histórias, tendo uma “vocalização narrativa” (SILVA, 2008, p.23). Segundo o autor, “a narrativa é relato e dá aos narradores o poder de manipular as histórias nas quais a família está envolvida que mereceram ser arquivadas como imagem” (SILVA, 2008, p.23). O álbum percorreu toda trajetória desta pesquisa, sendo que foi utilizado em entrevistas como ferramenta de rememoração, sendo que em alguns casos o mesmo foi apresentado e utilizado durante as entrevistas ou momentos antes de sua realização.

3.10 Sobre a história pública e o retorno da pessoa.

Para fechar as discussões sobre o método abre-se um breve espaço para introduzir a perspectiva da História Pública, que vem levantando questões sobre “limites entre o público e o privado” (ALBIERI, 2011, p.20), bem como sobre as questões éticas da publicação de memórias íntimas nas mais diversas formas de documentos históricos como foi praticado nesta pesquisa. Sem entrar detalhes sobre as diferentes definições, mas apenas traçando uma aproximação entre o discurso científico e o que Albieri (2011) chama de consciência histórica, que seria a noção que permite fundamentar uma passagem da história acadêmica para a história pública, argumentando ela que essa noção de consciência histórica:

Trata-se de uma visão teórica, que reconhece na condição humana o pressuposto histórico: pensamos e falamos historicamente, e esse é o modo pelo qual nos posicionamos na cultura. Assim identificamos o mundo ao nosso redor, assim construímos nossa identidade: sempre com a consciência do tempo, sempre elaborando algum tipo de narração que envolva o passado e remete ao futuro (ALBIERI, 2011, p. 27-28)

Nota-se então que, partindo dessa citação, fica explicada a opção nesta pesquisa de se tornar públicos os vídeos das entrevistas aqui realizadas, uma vez que esta noção de consciência histórica embasa o que foi tratado na seção 2.2 sobre como as identidades são construídas através das narrativas de vida.

4 FAMÍLIA E IDENTIDADES.

4.1 A família como parte de redes de descendentes de imigrantes.

Neste item da pesquisa discorre-se sobre o conceito de família, e sobre a aplicação do termo rede familiar, para que posteriormente se possa continuar com a análise interpretativa das entrevistas. Se faz aqui também o mapeamento dessa rede, considerando seu caráter local, e seu alcance global, descrevendo como foi formada, quem são e onde estão as pessoas que a compõem, que são pessoas que se associam e interagem sob o termo específico “família”.

Ao falar sobre o conceito de família na historiografia acadêmica e sobre o que se convencionou chamar de “estudos da família brasileira”, como diz Teruya (2000), existem várias tendências que coexistem nas discussões teóricas e metodológicas sobre o assunto, sendo que existem dois posicionamentos conceituais hegemônicos que representam fases dos estudos sobre família. De um lado, o modelo da família patriarcal, que historicamente se tornou dominante, ancorado em obras como *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre e *The Brazilian Family* de Antônio Cândido (CORREA, 1994, TERUYA, 2000). Do outro lado, estão os estudos de revisão desse modelo, que ganharam corpo da década de 1980 em diante, momento no qual se passou de “uma visão de família como uma unidade estática no tempo, para ser examinada como um processo ao longo da vida inteira de seus membros” (TERUYA, 2000, p.1).

Ou seja, o conceito de “família” foi complexificado e relativizado, sendo contestados os modelos de “grandes sínteses” e mesmo uma a ideia de uma “família brasileira”. Os autores que apresentaram o “modelo patriarcal”, como Antônio Candido e Gilberto Freyre, foram posteriormente criticados pelos que relativizaram o modelo, como Mariza Correa, nos anos 1980, e Eni Mesquita Samara, anos 1980 e 1990 (TERUYA, 2000).

Mariza Corrêa, em seu artigo *Repensando a família patriarcal brasileira: notas para estudo das formas de organização da família no Brasil* (1981), aponta que as obras de Gilberto Freyre e Antônio Candido haviam ditado um padrão dominante de estudos sobre organizações familiares desde os anos 1930 até os anos 1970: “iluminados por este padrão dominante, lemos a história através dele” (CORREA, 1994, p.16), sendo que, para ela, as obras fundadoras do modelo foram “especialmente *Casa Grande e Senzala* (1933), e o ensaio (ainda) clássico de Antônio Cândido, ‘*The Brazilian Family*’ (1951)” (1994, p. 18), que influenciou as pesquisas que fizeram depois deles, “Oliveira Vianna, Nestor Duarte, J. Camilo

de Oliveira Torres, L.A. Costa Pinto e Fernando de Azevedo” (1994, p. 19), sendo usado como modelo, segundo Correa, até data da publicação do seu artigo, início da década de 1980.

Ambos os autores parecem compartilhar com muitos outros estudiosos a ilusão de que o estudo da forma de organização familiar do grupo dominante, ou de um grupo dominante numa determinada época e lugar, possa substituir-se à história das formas de organização familiar da sociedade brasileira. Nos dois textos ocorre assim a homogeneização histórica (CORREA, 1994, p. 19).

Este modelo patriarcal descreve primeiramente uma família colonial, sob autoridade do colonizador ou descendente de colonizadores portugueses, cujo “Senhor” era dono e administrador de tudo e de todos, e participante do jogo político (TERUYA, 2000, p. 4), modelo este o da “Casa Grande” e da “Senzala”. Freyre (2005) escreve no prefácio à primeira edição³¹, sem constrangimento, que para ele foi nas casas-grandes que “se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social” (FREYRE 2005, p. 45). Ele se insere como parte do grupo que descreve, dos descendentes de portugueses, que seriam, na visão dele, os detentores do modelo padrão do que poderia vir a ser uma “família” brasileira, ficando isso bem claro na expressão “nossa continuidade social” (FREYRE 2005, p. 45).

Conforme Freyre avança em seu prefácio de 1933, vai modelando o que para ele seria, e o que acabou se tornando, o modelo padrão para representar essa “família brasileira”, modelo esse baseado em uma herança rural, cristã e patriarcal, que provinha da descendência de um “português mais puro” (2005, p. 42) e, segundo Freyre, com maior “especialização psicológica para a estabilidade” (2005, p.43):

O português mais puro, que se fixou em senhor de engenho, apoiado antes no negro do que no índio, representa talvez, na sua tendência para a estabilidade, uma especialização psicológica em contraste com a do índio e a do mestiço de índio com português para a mobilidade... a verdade é que em torno dos senhores de engenhos criou-se o tipo de civilização mais estável na América hispânica (FREYRE, 2005, p. 43).

31 O referido prefácio (2005, p.29-63) é assinado em Lisboa, 1931, e Pernanbuco, 1933.

Portanto Freyre imprime uma visão de uma “família colonizadora”, mais apta biologicamente, ou, como ele diz, capacitada de “forças psicofisiológicas” (2005, p. 42), para ser a “família brasileira”. E embora diga não se tratar de uma questão étnica, e sim de uma questão econômica - “não que estejamos a sugerir uma interpretação étnica da formação brasileira ao lado da econômica” (FREYRE, 2005, p. 42) - ele destaca, ao longo da obra, uma descendência portuguesa “pura”. Com Antônio Cândido, em *The Brazilian Family*, de 1951, há uma continuidade do modelo, baseado nas transformações advindas da industrialização e urbanização crescentes, passando de família patriarcal para a família nuclear conjugal moderna (CORREA, 1994). Como afirma Mariza Correa, os modelos de Cândido e Freyre, são “duas visões aparentemente opostas – cada uma absorvendo da história portuguesa os elementos que melhor parecem adequar-se ao modelo apresentado – mas que se conjugam no resultado obtido: se há uma família definida como normal” (CORREA, 1994, p.29).

O que também une os dois autores, e o vasto número de outros que os seguiram, é o enorme desprezo a tudo aquilo que consideram “anormal”, “não-familiar” (CORREA, 1994, p.29), que identificam como uma grande massa caótica, indigna de compor um modelo nacional. Correa (1994), ao olhar para esses modelos com uma visão crítica, faz um levantamento dos termos que Antônio Cândido utiliza para contrastar o que ele enxerga como a “família brasileira” de um lado, e o que ele vê como um “outro”, inclassificável. De um lado ele utiliza expressões como “núcleo estabilizador”, “eixo de sustentação”, “poder regulador”, e de outro, uma “periferia”, “estrato social amorfo”, “elementos vagabundos e desordeiros”, “caos sexual” (CORREA, 1994, p.29). Ele se coloca, portanto, assim como Gilberto Freyre em 1933, como “parte da família”. Segundo outro autor, Fernando de Azevedo, o modelo patriarcal seria de fato um “instrumento disciplinador” (CORREA, 1994, p. 29).

Marisa Teruya, diz que “o poder absoluto da família patriarcal obscureceu outras formas de organizações familiares que ocorreram por todo o território nacional e refletiam as possibilidades de sobrevivência de uma população numerosa numa sociedade desigual” (TERUYA, 2000, p.2). “A tipologia do caráter nacional representa somente a cultura dominante, e exclui uma variedade de experiências familiares, entre outros grupos sociais” (TERUYA, 2000, p.7), promovendo assim uma “homogeneização histórica, ignorando diferenças regionais e temporais”. (TERUYA, 2000, p.7)

Esta pesquisa, ao trazer um estudo sobre descendentes de grupos de imigrantes, vem compor o conjunto teórico que desconstrói a ideia de que os modelos patriarcais de família são ou algum dia foram os mais preponderantes na formação sociocultural do país.

A hegemonia do modelo patriarcal começou a ser quebrada por aspectos como a introdução crescente de estudos demográficos e documentais, que ampliaram o escopo da pesquisa a grupos até então “nunca antes trabalhados” (TERUYA, 2000, p. 12), que vinham aparecendo até os anos de 1970 e 1980 como meros grupos inclassificáveis. Como diz Teruya, com as novas pesquisas documentais, passou-se a recuperar diversos aspectos até então pouco estudados:

O cotidiano, as crianças, as mulheres pobres e escravas, os arranjos familiares das camadas pobres, enfim uma série de temas que resultaram em obras técnica e metodologicamente refinadas, descortinando uma sociedade colonial multifacetada e diferenciada no tempo e no espaço (TERUYA, 2000, p. 12)

Essa nova guinada nas pesquisas acompanhou também as mudanças históricas do período, após década de 1960, “momento histórico de transformações, intensas, pelo qual passava a família e a sociedade brasileira” (TERUYA, p. 11), que fez emergir diversos questionamentos sobre o passado e sobre os modelos de análise do período colonial e da república velha até então aceitos como totalizantes. Trabalhos com fontes documentais, como os de Eni Mesquita Samara (1991) e Paulo Eduardo Teixeira (2004) recontaram a história do período colonial, revelando facetas como lares compostos por mulheres chefes de família, famílias de libertos e de bandeirantes presentes no estado de São Paulo, ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, e relativizando a hegemonia do modelo patriarcal.

Em seus estudos, Samara demonstra como o modelo patriarcal não se encaixou nas famílias do Estado de São Paulo do século XIX, por exemplo, conforme constatou analisando recenseamentos e testamentos (SAMARA, 1991, p.8), e que as famílias do tipo patriarcal representavam somente cerca de um quarto do total no estado, segundo ela, “não chegava a representar 26% dos domicílios”³² (SAMARA, 1991, p.16). Autora constatou, entre outras coisas, “uma certa resistência aos casamentos, que realmente eram uma opção apenas para uma parte da população” (SAMARA, 1991, p.17).

³²

Os documentos analisados datavam entre 1800 e 1870 (SAMARA, 1991, p. 8)

Como disse Eni Mesquita de Samara (1991), “ao estudar a família brasileira, devemos considerar todos esses aspectos. Inicialmente a revisão do termo família patriarcal ou extensa como sinônimo de família brasileira e sua adequação a outros contextos e épocas da nossa história. Devemos entender também que valores e atitudes característicos das elites de uma sociedade nem sempre são válidos para os outros segmentos sociais” (SAMARA, 1991, p.15)

Na presente pesquisa, foi possível observar, pelas análises das entrevistas orais, que o modelo patriarcal exerceu influência nas gerações de Concetta e Mituoce, e dos outros entrevistados dessa geração, como Maria Kinoshita e Miguel Campopiano, em um relação de tensão entre as expectativas geradas pela existência deste modelo no que concerne a ideia de pertencimento social, e por outro lado a autoafirmação e individualização de indivíduos das redes analisadas, considerando-se a pluralidade de modelos familiares e aqueles padrões que foram herdados dos modelos familiares japoneses e italianos da família estudada. Foi possível analisar como o senso comum tratou de adotar o modelo patriarcal como o modelo nacional, e em quais pontos surgiram conflitos e dissidências.

Essa questão será tratada e problematizada a partir da subseção 4.3, onde inicia-se a análise através dos temas. O que cabe, neste momento, é descrever o percurso dos diferentes conceitos de família na historiografia, até chegarmos ao conceito de rede familiar e como este foi útil e utilizado para que as redes analisadas nesta pesquisa fossem mapeadas.

Com a quebra da hegemonia do modelo patriarcal, as reflexões sobre a “família brasileira” foram renovadas. As famílias passaram a ser cada vez mais objeto de estudo de diversas disciplinas (TERUYA, 2000, p. 18), de maneira transdisciplinar e interdisciplinar. No caso dos estudos da família de imigrantes e descendentes de imigrantes, que passaram a compor a “colcha de retalhos” da qual havia se transformado a “família brasileira”, segundo Giralda Seyferth (2011, p.47), “alguns dos principais estudos sobre a imigração no Brasil realizados no âmbito das ciências sociais até o início da década de 1970 foram marcados pelos conceitos de assimilação e aculturação”, nos quais “os pesquisadores estavam interessados nas mudanças socioculturais e comportamentais envolvidas na inserção dos imigrantes na sociedade brasileira”.

O que foi constatado após essas pesquisas foi uma pluralidade cultural, e a formação de novas identidades fundadas na diferença social, “assuntos de pouco interesse quando o foco é o processo de absorção ou integração dos imigrantes na sociedade nacional” (SEYFERTH, 2011, p.47), sendo que no período em destaque estava instalada no país uma

Ditadura Militar, que promovia o nacionalismo, a “absorção” ou a “integração”, e o apagamento das diferenças (SEYFERTH, 2011, p.47).

Com a entrada dos anos de 1980 e 1990, época da redemocratização e de abertura econômica no Brasil, e com o fim da Guerra Fria no mundo, simbolizado pela queda do Muro de Berlim (1989) e o fim do Pacto de Varsóvia (1991), as teorias e estudos sociais sobre as famílias passaram a se centrar na mobilidade, no dinamismo social e passaram a dar “maior atenção às questões econômicas e políticas envolvendo a migração em larga escala, em consonância com a globalização” (SEYFERTH, 2011, p.47). Neste contexto, ganha força o conceito de etnicidade, “palavra-chave nas análises de sistemas interétnicos amplamente usada nas últimas décadas com implicações nas políticas de reconhecimento (inclusive aquelas associadas ao multiculturalismo e aos direitos de minorias)” (SEYFERTH, 2011, p.47).

A etnicidade “agrega a identidade (e seus aspectos subjetivos) e a noção de fronteira (social) que delimita o pertencimento a um grupo ou comunidade” (referência), sendo que, “na prática, são enfatizados discernimentos sobre a simbólica da diferença cultural e os valores que orientam comportamentos” (SEYFERTH, 2011, p.47). Contudo, Seyferth ressalta que alguns autores observaram que “eticidade, identidade e cultura são coisas distintas, não havendo necessariamente uma relação de causa-efeito entre elas. Mas, paradoxalmente, são fenômenos entrelaçados, observáveis também nos contextos migratórios” (SEYFERTH, 2011, p.47).

No mesmo período, dos anos 1990 em diante, tornou-se crescente nos Estados Unidos o interesse dos estudiosos das migrações sobre o tema das redes migratórias, e do papel da família e das redes familiares como fatores que estimulam e facilitam as migrações, além do crescente interesse pelos estudos de gênero e estudos geracionais (FONER 1997). Em artigo *The Immigrant Family, Cultural Legacies and Cultural Change* (1997) a socióloga norte-americana Nancy Foner afirmou que, à época, muito já havia sido escrito sobre as redes, dada a necessidade de se criarem teorias alternativas que acompanhassem as mudanças sociais. Este fato foi notado anos antes por Monica Boyd (1989), que antecipou que a grande mudança no enfoque dos estudos migratórios seria para o “papel das redes de família, de amizade e comunidade” (BOYD, 1989, p. 640). Outra autora do período, Silvia Pedraza (1991), argumentou que o foco no gênero e na família poderia fornecer a ligação necessária entre os níveis das macro e micro abordagens.

Silvia Pedraza (1991) argumentou que esse enfoque sobre o gênero e a família, fornece a ligação necessária entre o que é de interesse público e o que é de interesse privado, e como a fronteira entre os dois nunca é rigidamente definida. Ela afirma em seu artigo *Women and Migration: The Social Consequences of Gender*, que as discussões iriam para dentro da unidade do lar (PEDRAZA, 1991, p. 308-309), abordagem que viria a se tornar tendência nos estudos migratórios nas décadas seguintes. “Como resultado da recente incorporação das mulheres dentro do campo da história, uma mudança se deu lugar de histórias que eram somente sobre a esfera pública para histórias também sobre a esfera privada, e da relação entre o público e o privado” (PEDRAZA, p.318).

Para tentar visualizar a construção de identidades dentro da família, será considerado o que Nancy Foner chama de “cultura criativa” (FONER, 1997), que nada mais é do que a constante “recriação da tradição” (FONER, 1997, p. 963) ao longo das gerações, em que cada nova geração é compelida a recriar a tradição familiar, levando em conta fatores internos e externos ao grupo. Pelo que se diz no artigo, pode-se dizer que estas recriações culturais são reações culturais aos meios externos e mudanças sociais, ficando seu reflexo visível na cultura criativa, que é a própria cultura familiar, na qual a família é vista como um “lugar onde há interação dinâmica entre estrutura, cultura e agente – onde a construção de cultura criativa acontece no contexto das forças sociais e econômicas externas, bem como no quadro cultural pré-migratório” (FONER 1997, p.961)³³.

Tais reações, que são a propulsão para o desenvolvimento da cultura criativa e das identidades de família, poderão ser observadas através das entrevistas de história oral que serão realizadas com os membros do grupo, revelando uma memória coletiva, na qual se espera ser possível analisar, sob alicerces interdisciplinares, as relações entre redes migratórias, memória e identidade. Oswaldo Truzzi (2008) fala de “tipologias migratórias” (2008, p. 199) traçadas por Charles Tilly no final dos anos 1970, diferenciando

³³ Tradução minha. No original: “a place where there is a dynamic interplay between structure, culture, and agency - where creative culture- building takes place in the context of external social and economic forces as well as immigrants' premigration cultural frameworks” (FONER 1997, p.961).

conceitualmente as “redes” das “cadeias” migratórias (2008, p. 202) e escreve sobre os “usos e dificuldades” (2008, p. 211) da utilização do conceito de rede para estudar grupos migratórios.

Para Truzzi, “a análise por redes fornece ao investigador um instrumento objetivo para identificar conexões (relações ou laços) entre pontos (atores ou nós) no interior de um determinado sistema” (TRUZZI, 2008, p. 211), sendo condição para que se possa usar o conceito de rede que haja fluxo de pessoas, ou bens, ou no mínimo, o da informação, seja ela mais ou menos confiável (2008, p. 212). O autor descreve o que interessa nesta pesquisa, que é a possibilidade de analisar a herança cultural transmitida por meio dessas redes familiares e migratórias, agregadas por familiaridade e destinos comuns.

O ponto fundamental é buscar, a partir de cada indivíduo, a identificação de sua rede de relações. Assim, o conceito de redes concebe a sociedade como um conjunto de relações, e introduz uma dimensão da estrutura social entendida como estrutura de relações, o que é bastante diferente de imaginá-la como estruturada segundo categorias agregativas. A adoção de uma perspectiva de redes interessa a todos os que se ocupam dos fenômenos migratórios, tanto no presente como no passado. Em primeiro lugar, porque eles normalmente ocorrem segundo critérios bastante seletivos por origem e tipo de imigrante. Em segundo, porque em geral tais fenômenos não acontecem isoladamente como resultado de decisões individuais, mas de grupos de pessoas relacionados por familiaridade e destino comum (TRUZZI, 2008, p. 214-15).

Ao se conhecerem e se unirem, a partir de 1943, Concetta e Mituioce uniram-se às redes familiares um do outro, dos Campopiano e dos Sumida, que se configuravam em redes com identidades culturais muito distintas. Nesta pesquisa, busca-se justamente identificar como essas distinções se defrontaram e se reconstruíram através das gerações da família, e quais foram as mudanças advindas das negociações culturais ocorridas entre as pessoas estudadas e o meio sociocultural.

A análise da narrativa familiar foi feita de acordo com a história da família contada nas entrevistas, principalmente de Concetta, de seu irmão Miguel, e das cunhadas Maria e Neusa no que concernem as histórias mais antigas, do início do século XX, pois eles nasceram nas décadas de 1920 e 1930; seguindo posteriormente para os acontecimentos vividos pelos entrevistados da segunda geração, Ana, Roberto, Luiza, que falaram mais sobre a convivência familiar em Rancharia nas décadas de 1960, 1970, e os da terceira geração, que falaram sobre a convivência familiar nos anos 1980 e 1990, época em que a família se reunia na casa dos já avós Concetta e Mituioce, em festas de fim de anos ou outras datas ocasionais.

4.2 A família, através das gerações: identidade e redes.

Foi possível analisar os processos identitários narrados pelos familiares, uma vez que em cada entrevista, ao contar as histórias de suas próprias vidas, cada um com mais ou menos profundidade, em entrevistas que variaram entre vinte minutos e três horas de duração, cada pessoa expôs sua narrativa através da fala, enunciação, entonação e locução que, como diz Mauad (2006), são atributos das fontes orais, que ao falarem e exporem seus relatos narraram parte de suas experiências de vida. Como foi colocado na Seção 3 sobre método, utilizou-se de uma complementaridade de fontes (DEMARTINI, 2005), sendo essas, além das fontes orais, também documentos (ver Anexos) e fotos.

Utilizou-se dos vídeos e das transcrições para se fazer esta análise temática que segue nesta seção, sendo dada prioridade às transcrições, o que se deu pelo fato de que as mesmas permitem uma articulação junto com a bibliografia, enquanto que as entrevistas no formato de vídeo foram usadas somente quando necessário observar algum ponto específico da entrevista que se julgou insuficiente de compreender através somente da transcrição, principalmente no que concerne a intencionalidade de fala, e o que foi dito nas entrelinhas, no entanto, esses momentos de “consulta” aos vídeos não foram sistematizados, sendo indeterminado quantas vezes e quais entrevistas foram vistas e revistas.

Pretendeu-se aqui analisar como as redes familiares das pessoas analisadas carregaram e transmitiram as identidades de seus ancestrais, buscando-se, através das categorias temáticas, dar uma objetivação à análise. Ao optar-se pela separação por temas compreendeu-se aqui que o uso dos mesmos serviu para se busca alguma regularidade e sistematização diante do material de pesquisa coletado, sendo necessária a criação dessas categorias para, como diz Magnani, “identificar essas regularidades e poder construir, como referencia, algum tipo de totalidade no interior da qual seu significado possa ser apreciado” (MAGNANI, 2002, p.20).

Cada um dos seguintes temas foi analisado nas entrevistas: migrações, trabalho e religião, e considerou-se aqui o que Magnani (2002) explica ao dizer que essas formas de categorização são técnicas para se desenvolver análises em pesquisas nas quais o pesquisador está imerso no objeto, e que somente com “categorias de análise (2002, p. 20) como ferramentas teóricas é que é possível elaborar alguma maneira de transitar entre o local e o

global e o individual e coletivo. Como ele diz, é preciso enxergar que os indivíduos estão inseridos em um campo mais amplo e que ao mesmo tempo influenciam neste campo:

É neste plano que entra a perspectiva de perto e de dentro , capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos (MAGNANI, 2002, p.17).

Ele diz que a meta e o objetivo deste trânsito entre o perto e o longe é buscar uma “lógica mais geral” (2002, p. 26), com a intenção de “desvelar a presença de princípios mais abrangentes e estruturas de mais longa duração” (2002, p.26), mas de tal maneira que essas lógicas mais gerais não se tornem explicações meramente abstratas e desprovidas de uma conexão real. Trata-se portanto de tentar manter uma perspectiva de equilíbrio entre as distâncias e as proximidades criando-se referências de caráter mais geral mas que não sejam tomadas como totalidade. “É somente por referencia a planos e modelos mais amplos que se pode transcender, incorporando-o, o domínio em que se movem os atores sociais, imersos em seus próprios arranjos, ainda que coletivos” (MAGNANI, 2002, p.26).

Trata-se de pensar em modelos capazes de serem aplicados em contextos distintos daqueles que foram inicialmente identificados (MAGNANI, 2002, p.20), sendo que esses modelos, por um lado, “surgem a partir do reconhecimento de sua presença empírica, na forma de arranjos concretos e efetivos por parte dos atores sociais” (MAGNANI, 2002, p.20), e que de outro “podem também ser descritas num plano mais abstrato” (2002, p.20), sendo que o desafio é reconhecer tanto que os “arranjos nativos” trabalham também “em sistemas de relações (MAGNANI, 2002, p.20) que podem ser objetos de análise mas que:

Para captar essa dinâmica, por conseguinte, é preciso situar o foco nem tão de perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido. Em outros termos, nem no nível das grandes estruturas físicas, econômicas, institucionais etc., nem no das escolhas individuais: há planos intermediários onde se pode distinguir a presença de padrões, de regularidades (MAGNANI, 2002, p.20).

Por isso optou-se na pesquisa pelas categorias de temas para demonstrar os sistemas de relações entre os indivíduos e o corpo social mais amplo, e dos indivíduos entre eles mesmos na busca de uma análise que se propôs percorrer diferentes gerações. Mas

compreende-se aqui as limitações dessas separações por temas, mas que são necessárias, “posto que não se pode contar com uma totalidade dada a priori” (2002, p.20), e por isso:

Postula-se uma a ser construída a partir da experiência dos atores e com a ajuda de hipóteses de trabalho e escolhas teóricas, como condição para que se possa dizer algo mais que generalidades a respeito do objeto de estudo (MAGNANI, 2002, p.20)

4.3.1 Migrações: as mudanças residenciais e as estabilidades.

Iniciou-se a análise temática pelas migrações pois foi por este tema que surgiram as ponte de conexão mais próxima de uma “totalidade” em relação aos outros, de maneiras diretas ou indiretas, mas certamente relacionadas, como tentou-se demonstrar em toda a análise, pois como foi dito, os temas não são analisados aqui como fronteiras definidas e separadas mas como categorias de análise que se inter cruzam, no entanto, o tema da migração por si traz elementos complexos justamente por “carregar” consigo a questão da herança cultural transmitida no âmbito familiar, que é o que justamente se pretendeu analisar nesta pesquisa, e porque este tema não somente se inter cruza com os outros propostos, mas porque ele é um próprio ponto de cruzamento entre eles como foi demonstrada nesta análise tratando-se de uma pesquisa sobre herança migratória. Pois como diz Parry Scott em seu artigo *Gerações e família* (2010):

A migração – uma mobilidade que frequentemente resulta em deslocamentos geográficos e sociais – apresenta um desafio para os estudos sobre família e gerações, já que leva a inserções em novas realidades de interpretações e de relações que precisam ser equacionadas para se entender as transformações e os mecanismos que dão continuidade ao sentimento de pertencimento a grupos familiares e de parentesco em espaços diferenciados (SCOTT, 2010, p.253).

Como foi discutido na Seção 2, ao ser desenvolvida uma contextualização dos grupos de imigrantes aqui estudados, a partir de seus descendentes, os japoneses e italianos, segundo pesquisadores como Bertonha (2014), Gabaccia (1999), Lévi-Strauss (2012), Vieira (1973) e Leão-Neto (1989), entre outros, partiu-se de ideia de que as migrações de ambos os grupos decorreram de um fenômeno social global, e de contextos políticos, sociais e econômicos específicos dos países de origem e destino.

Argumentou-se que as migrações faziam parte das raízes profundas dos grupos estudados, mas que, particularmente a partir da segunda metade do século XIX, as mesmas passaram a ser parte de um fenômeno ordinário e comum a diversos países. Como argumenta

Gabaccia na introdução de seu artigo *Is Anywhere Nowhere?* (1999), os grandes movimentos populacionais passaram ao mesmo tempo a ser aqueles que desafiam e que sustentam as sociedades industriais, tornando-se não a exceção, mas a regra das sociedades globalizadas.

Even historians who recognize the tyranny of the national often find that their research reveals global human movements as simultaneously threatening and sustaining nations (GABACCIA, 1999, p.1)³⁴.

No caso das redes estudadas em específico, para a rede familiar dos Campopiano, emem uma temporalidade anterior na península da Itália, devido ao passado das cidades mercantis, do comércio e da posição geográfica, os povos que ali se encontravam tinham características de mobilidade. Sobre esse ambiente napolitano, uma descrição que confirma o que vem sendo dito até aqui aparece em *Carne e Pedra, O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental* (2003), de Richard Sennett, que apresenta um trecho do livro *Jornada Italiana*³⁵ de Wolfgang Goethe, que cerca de um século antes das revoluções industriais, na data de 17 de março de 1787, assim descreve sua passagem pela cidade de Nápoles:

Caminhar confundido a tanta heterogeneidade em constante movimento é uma experiência saudável e peculiar. Tudo parece mergulhado numa grande corrente, ode cada um procura o seu próprio objetivo. No meio de tantas pessoas e tamanha excitação, sinto-me cheio de paz, sozinho, pela primeira vez. Quanto mais alto o burburinho das ruas, mais quieto eu me torno (GOETHE, 1962, p.202^{apud} SENNETT, 2003, p.227)

No Japão, há vestígios de que a região foi durante milhares de anos uma rota de passagem conforme atestam as pesquisas arqueológicas, pois “em vários momentos, durante as grandes glaciações e até em época recente, há cerca de 12 mil a 18 mil anos, o Japão foi unido ao continente asiático; formava então um longo promontório encurvado para o

³⁴ Tradução minha. No original: Até historiadores que reconhecem a tirania no nacional geralmente descobrem que a sua pesquisa revela os movimentos humanos globais como simultaneamente ameaçando e sustentando as nações (GABACCIA, 1999, p.1).

³⁵ GOETHE, J. W. *Italian Journey*, trad. W. H. Auden e Elizabeth Mayer, Nova York, Pantheon, 1962. Originalmente publicado ao final da década de 1780.

norte”(LEVI-STRAUSS, 2012, p.18). Porém, nos séculos que antecederam à rápida industrialização do XIX, havia um quadro de relativo isolamento marcado na Era Tokugawa, caracterizada por uma sociedade feudal ligada à terra e ao enraizamento (VIEIRA, 1973; LEAO NETO, 1989).

Dada esta introdução ao tema, que também retoma as contextualizações anteriormente feitas (na seção 2.3), cabe agora analisar as histórias de vida para tentar observar como esse tema das migrações surgiu nas memórias compartilhadas e nas identidades narrativas dos indivíduos e da rede familiar através das gerações, e como cada um viveu também situações de migração em suas vidas.

Os entrevistados da primeira geração, Concetta, Miguel, Maria e Neusa apresentam características comuns sobre o tema, com exceção de Neusa. Os três primeiros mudaram de residência e de cidade mais de três vezes, sendo que entre eles Concetta foi a que mais migrou ao longo da vida, tendo morado em mais cidades diferentes, e também em várias casas diferentes na mesma cidade. seguida por Miguel e Maria que após duas ou três décadas de vida se estabilizaram, e por Neusa que gozou na infância e adolescência de certa estabilidade no interior de São Paulo.

Para esta pesquisa cabe acompanhar principalmente a trajetória de Concetta, sendo ela, junto com Mituioce, a fundadora da rede familiar estudada. Ela nasceu em 1925, na casa da Rua 21 de Abril no Brás, e morou em diversas casas, conforme alguns lugares que ela cita além do Brás, como na Vila Guilherme, Vila Maria, Penha, até seus pais se estabilizarem no Alto do Pari, na rua Emílio Piedade, de sua infância e que passou a ser o ponto de estabilização dos Campopiano aqui estudados que ficaram em São Paulo, tanto até hoje lá reside o José Campopiano, irmão de Concetta e Miguel. Nas entrevistas eles dois contam que na infância mudaram várias vezes de casa, pois como diz Concetta, seu pai era “ruim de pagar aluguel”.

Concetta: A minha mãe morou em muito lugar. Só na rua João Boemer, a minha mãe morou em duas casas lá. Morou no começo da João Boemer... né? Bem no começo da rua. E depois mudou de lá, pra uma outra casa bem no fim da rua já, quase no Alto do Pari já.

C: A rua João Boemer é uma rua que pega da avenida, vai embora, vai embora, e pega até a rua na avenida. Até na rua Carvalho de Campos. João Boêmio né. Então minha mãe morou lá. Minha mãe fez umas quatro, cinco mudanças. Mudou pra Penha. A gente era nova, era criança, tinha que ir né.

Heitor: Mas porque mudava tanto?

C: Ah, meu pai era ruim de pagar aluguel. Ganhava pouco né? Quando a coisa tava ficando ruim pra ele, ele mudava né? Porque, não podia pagar aluguel. Quando ficava com dois, três meses atrasado eles se mandavam.

Ela conta que a sua irmã Claudete ficou amiga da dona do imóvel da Rua Emílio Piedade, que pertencia a uma “senhora portuguesa”, com quem correspondia por cartas. Contou que mesmo quando ainda estava viva, essa senhora portuguesa já havia os isentado de pagar o aluguel, “parado de cobrar”, e assim a família parou de mudar, se estabelecendo ali com um remanescente até os dias de hoje, o José Campopiano³⁶, que está vivo e mora lá sozinho.

Ao falar sobre mobilidade residencial no sul da Itália no século XIX, Gabaccia escreve que “ todos os observadores do século XIX concordam que inquilinos, diferente dos proprietários, às vezes mudaram de residência” (GABACCIA, 1994, p.32), sendo que, no entanto, não é possível traçar um padrão para essas mudanças, pois “os motivos para mudar de residência variavam” (GABACCIA, 1994, p.32).

Sobre os pais e avós de Concetta e Miguel, ela conta como seus pais vieram de Minas Gerais, mas as suas informações sobre os antepassados foram escassas. Ela não sabia com exatidão o nome da cidade onde seu pai Paschoal Campopiano nasceu, por exemplo, oscilando entre “Monte Santos” e “Santos Dumont”, ambas em Minas Gerais, informação que foi confirmada depois na entrevista com seu irmão Miguel como sendo Monte Santos;

Nenhum dos dois soube dizer como os seus pais se conheceram, no entanto, o motivo dos Campopiano saírem do sul de Minas Gerais para São Paulo parece ser possível de identificar e as razões estão relacionadas, de um lado, aos hábitos ancestrais dos napolitanos acostumados com a vida agitada mesmo nos séculos XVIII e XIX, como também por motivos da nova situação no Brasil, que envolver trabalho e que serão melhor analisados na próxima

³⁶ Durante a pesquisa foram feitas duas tentativas de contato com José Campopiano, em 2012 e 2014, mas nas duas vezes ninguém se pronunciou ao bater pala na casa. Também não foi possível conseguir um telefone para contato. Porém os vizinho confirmaram que ele ainda mora lá, e que é feirante.

seção que aborda essa temática. Sobre isso Roberto Gambino comenta no artigo *Corações Partidos no Porto de Gênova* (2006):

O isolamento era coisa dos Trópicos. Muitos não aguentaram, largaram tudo e voltaram para a Itália. Mulheres grávidas sofreram surtos psicóticos, desprovidas que estavam de amparo grupal como sua cultura provia. Quando contratos de trabalho assinados eram rompidos, o desertor chegava a ser perseguido e trazido de volta ao eito, como se fosse um trabalhador servil. Os que escapavam para as cidades mais próximas iam vender jornal na rua, comprar garrafas velhas, vender macarrão, qualquer coisa, para fugir do isolamento no campo desabitado (GAMBINI, 2006, p.279).

Portanto, o conjunto desses fatores que contribuiu para que os Campopiano saíssem do sul de Minas Gerais e fossem para a cidade de São Paulo, em data indeterminada, mas que seria possível estimar na primeira ou segunda década do século XX. Conforme Concetta relatou, alguns dos parentes de seu pai Paschoal ficaram por lá, mas a maioria de seus irmãos, pelo que se tem registro pelos relatos orais dela e de Miguel.

Sobre o contexto da cidade de São Paulo a partir dos anos 1930, Miguel relatou mais experiências vividas, pois ele ficou morando em São Paulo e saiu só da casa dos pais assim que casou, ele que é cinco anos mais novo que Concetta. Ao longo de sua entrevista ele narra diversas situações em que presenciou a rápida urbanização da cidade.

Miguel: Da Penha nós viemos novamente para o Brás. Estudei Água Marajó no grupo Água Marajó, caramba. Lá eu fiz o primário, e a minha infância foi por ali. Rua Bresser.

M: Infância minha. João Boemer, Celso Garcia, todo aquele lugar que eu andava quando menino, tinha bonde, eu usava o bonde número 11 Bresser, era o 11 que usava pra ir pra escola, pra ir casa e jogava futebol, né? Naquela rua Coronel Emílio Piedade, naqueles campos de baixo que tinha ali.

M: Era todo, todo campo, não tinha casa, dificilmente tinha casa ou outra, era tudo campo, na rua de campo, aquilo quando enchia de água, qualquer chuva aquilo ficava um rio lá, não tinha jeito, então, mas do lado que eu morava tinha asfalto.

M: Eu me lembro do asfaltamento da rua João Boemer, quando eu machuquei a perna, fiquei olhando do lado e a máquina que estava passando me mexeu no pé, a roda pegou um pouquinho no meu pé, eu estava, porque eu tava olhando as máquinas trabalhar e descuidei.

Já Concetta migrou saindo de São Paulo com 18 anos, mas embora ela não saiba das informações sobre seus antepassados mais distantes, ela relata com muita exatidão a sua convivência com os avós italianos, tios, tias, primos e irmãos durante a juventude. No geral,

dos episódios que ela mesma viveu, ela lembra com exatidão os endereços, nomes das ruas, os números das casas, e diversas datas são lembradas por ela ao longo das entrevistas:

Heitor: e como o seu pai e sua mãe se conheceram, você lembra?

C: Ah, isso aí eu não sei.

C: Na época, eu sei que meu pai, ele, meus avôs, vieram da Itália, italianos de Nápoles. Mas vieram, não sei se, vieram pra Minas. Que meu pai nasceu em Minas, né? Era Monte Santo. Agora Santos Dumont, né? Ele nasceu lá, depois que ele veio pro Brás, pra São Paulo. Lá ele conheceu minha mãe.

C: Minha mãe morava na travessa da Rua Piratininga, morava, minha mãe morava na Rua Visconde de Parnaíba. É onde ele conheceu minha mãe. Namorou com minha mãe. E casou com minha mãe. Né?

C: Aí, depois que eles casaram, aí que ele foi morar na Rua 21 de abril, Vila 21, Número 8, aí ele já era casado com minha mãe. Ai então foi como... teve nós lá, né? (...)

C: Teve a Olga, a Carolina, a Beatriz, a Sônia, a outra Sônia, a Leonor, e eu (...) depois que nasci... de mim, é que veio meu irmão Miguel. Depois do Miguel nasceu meu irmão Pedro (...)

C: Depois do Pedro foi a... Claudete. Depois da Claudete foi meu irmão Zezinho. Foi o último. Já nasceu no Alto do Pari, naquela casa que ele vive até hoje. Já tá com mais de setenta anos de idade e nasceu ali.

Sobre a sua migração particular, a viagem só de ida de São Paulo para o interior, rumo a então Alta Sorocabana, essa aconteceu em 1943, por motivos cujos detalhes serão analisados adiante.

Já Mituoce nasceu em 1923, na cidade de Iguape, litoral sul do Estado de São Paulo, no Vale do Ribeira, e ainda quando tinha oito anos ficou órfão de pai, e logo em seguida, meses depois, de mãe. Segundo consta na certidão de óbito³⁷, seu pai morreria de “causa natural sem assistência médica”, e a mãe, Kikue Sumida, veio a falecer logo depois, sem que até hoje se saiba a causa, fazendo com que os irmãos fossem separados ainda muito novos.

37

Ver Anexos 3 e 4.

Mituiocce foi adotado pelo tio Ângelo, que o levou, junto com a maioria dos demais irmãos, para trabalhar em sua farmácia em Presidente Prudente.

Na rede familiar se formou a partir da união de Concetta e Mituiocce na década de 1940, segundo ela conta, os dois se conheceram em Presidente Prudente em ocasião em que ela ficou doente pouco tempo depois de chegar na cidade. Ao precisar de ajuda médica, foi até a farmácia que era de Ângelo Saijiro Sumita, tio de Mituiocce, e dali os dois passaram a se encontrar e namorar.

Em 1947 nasceu a primeira filha, Ana, e um ano depois, ainda em Presidente Prudente, nasceu Roberto. O casal morou em Martinópolis por um período, depois Concetta viajou sozinha a São Paulo para ter a filha Vera lá, sendo esta a primeira vez que ela retornou e reviu sua família depois de sete anos, e depois voltando ao interior para reencontrar novamente com Mituiocce.

Quando ela voltou, ele não estava mais em Martinópolis, e ela o reencontrou novamente para Prudente, onde voltaram a morar juntos até irem definitivamente para Rancharia, onde nasceram os outros quatro filhos: Luiza, em 1951, e por último os gêmeos José e Conceição, em 1954. Eles viveram juntos no Bairro da Estação em Rancharia, da década de 1950 até 1993, ano em que Mituiocce faleceu.

Conforme relatado nas narrativas, na década de 1960, Ana, a filha mais velha, se mudou para Rondonópolis, e final dos anos 1970 para a virada para a década de 1980, Luiza também se mudou para lá com o primeiro marido e filhos, fazendo com que a rede familiar passasse cada vez mais a se deslocar do Oeste Paulista, da região de Presidente Prudente e Rancharia, para o Mato Grosso, onde hoje mora Concetta com suas filhas e onde estão sete dos dezenove entrevistados.

A primeira a ir para lá foi sua filha Ana, que segundo ela mesma contou, foi quando tinha aproximadamente 15 anos. Ela fala desses primeiros quinze anos da convivência familiar como duros em Rancharia, principalmente em decorrência do alcoolismo de seu pai Mituiocce e das ausências da mãe para se sustentar, sendo que esses foram para ela os motivos dela não ter tido escolha e ter se mudado para Rondonópolis acompanhando seu primeiro companheiro, um homem mais velho. Nota-se a partir do depoimento a seguir que a sina de mudar de casa em casa vivida por Concetta e Miguel na infância se repetiu com os filhos de Concetta da segunda geração aqui analisada.

Ana: A gente tem lembranças difíceis do meu pai, porque ele pegava o dinheiro e ia no supermercado, comprava as coisas, e vinha com os, os... pacotes de pão, de, de pastel, e dava pro cachorro. Falava, “esse é o verdadeiro amigo do homem”. (risos)

A: Meu pai tinha hora que pedia, “dá uma água aí”. A gente saía, ia correndo e levava a água, aí a gente chegava e ele jogava a água na cara da gente, molhava tudo a gente.

A: Então nós fomos... uma vida bem difícil, bem difícil.

Heitor: isso ele fazia quando ele tava bêbado ou...?

Ana: quando ele tava bêbado. Meu pai quando ele tava são, meu pai não judiava da gente. Mas era só ele beber e nós já sabia. Era só ele ganhar um dinheirinho, e quando ele ia beber. Tinha vez que ele ia fazer uma comprinha antes, e tinha vez que não, tinha vez que ele já vinha já de fogo, e ele jogava as comidas no quintal, as panelas no quintal. Foi uma vida bem difícil.

A: E o Roberto coitado, o Roberto ele lutava com o... aí depois disso, de certo tempo, nós tivemos que sair, e saímos daquela casa também outra vez. O mesmo problema, fomos pra outra casa. Aí chegamos nessa casa, nós já estávamos nessa casa... eu já não estava, porque eu já tinha conhecido o Manoel, o... um pessoa, ele era o encarregado de, do pessoal de campo, da Construtora Domingues.

A: E ele, ele se apaixonou por mim. Eu era... naquele tempo eu tinha uns quinze anos mais ou menos. E... você já imagina, uma pessoa que, não tem o amparo. Uma mãe que vivia viajando, ou não tava em casa, as vezes, tinha saído pra parto ou pra outras coisas. E meu pai que não, que não tinha como defender. Meu pai ia defender quem? Não conseguia defender nem ele.

A: E esse homem foi chegando e foi... tomando conta. Chegava e dava uma coisa, tomava conta dos meus irmãos (...). Ele acabou, no final das contas, acabou que acabei cedendo, cê entendeu? Não, mas só depois, que ele fez a proposta pra mim, o seguinte. Como ele era desquitado, ele podia fazer contrato. E foi o que ele fez. Ele fez um contrato de casamento comigo, se obrigando a todas as, todas as coisas que um casamento normal poderia ter, e nós fomos morar junto.

A: (...) saiu de Rancharia e foi pra Paraguaçu Paulista. E de Paraguaçu Paulista pro Mato Grosso. Primeiro em Terenos, que é perto de Campo Grande. E depois fui pra, aqui pra Rondonópolis.

Não cabe nesta pesquisa descrever a trajetória individual dos entrevistados mas sim contemplar a mobilidade da rede familiar como uma coletividade, mas para que haja compreensão do que se seguiu, é necessário dizer o que se seguiu nas duas décadas pois foi o período em que a rede passou a deslocar seu eixo para o Mato Grosso.

Ana foi aproximadamente em 1962, 1963 para lá, e alguns anos depois aconteceu o falecimento de Manoel dos Reis, mas não sem antes ambos terem registrado Rogério como seu filho em 1968. Anos depois Ana se casou, com cerimônia formal religiosa, com seu então vizinho Francisco. Como ela diz:

Ana: e era meu vizinho, eu tinha muita amizade com a família deles. E eles foram vendo meu, meu comportamento, e se agradaram (...) E nós começamos a namorar, aí casamos. E desse casamento veio minha filha mais velha a Deyse. Tinha o Rogério, que já era meu. Quando a gente casou o Rogério tinha cinco anos. E... depois foi a Deyse, depois a Nílvia, depois a Ana Kelly. Ficamos é, trabalhando. Ele como eletrônica. No começo nós passamos muita dificuldade porque, ele também não tinha, muita fortaleza né? Fomos adquirindo as coisas de pouco a pouco. Com dificuldade, devagar né? Mas sempre... e eu sempre estudando.

Deyse, Nílvia e Ana Kelly nasceram respectivamente em 1974, 1975 e 1978. Nesse período, conforme contato nos relatos de Ana e Concetta, embora com a mudança para Rondonópolis as duas mas mantiveram um vínculo e contato permanente. Já ao final da década, em 1979, Luiza, que até então morava em Rancharia no fundo de sua casa de sua mãe Concetta e seu pai Mituioce, junto também com os outros irmãos, o seu marido Bueno e os três filhos Iran (1969), Iranilson (1970) e Sílvia (1975), foi com toda a família para Rondonópolis. Anos antes a Vera havia também mudado para Rondonópolis, onde conheceu seu companheiro Wilson e teve sua primeira filha Roberta (1974), mas depois eles mudaram para São Paulo. Na entrevista de Luiza foi lembrado o momento da chegada:

Heitor: e aqui em Rondonópolis tinha essa ideia que aqui era bom pra... tinha mais oportunidade, tava começando, o que?

Luiza: não, nós viemos pra cá porque a, o meu cunhado (Francisco) chamou a gente pra vir pra cá, aí nós viemos. E aqui, foi aqui que eu separei. Ele foi embora de casa.

L: Aí eu comecei a batalhar, a criar meus filhos. E batalho até hoje. Sou mais de ter que trabalhar vinte e quatro horas do que mexer numa coisa de que não é meu. 11:00

Heitor: Rondonópolis quando você chegou aqui não era... (interrompe)

Luiza: ah, mas quando que eu entrei no ônibus, que o ônibus entrou, olha que eu falei, “meu Deus do céu, olha aonde eu vim cair. Onde o Judas perdeu as botas”, eu entrei num areião pra entrar, que não tinha asfalto. Eu falei, “meu Deus, agora eu vim onde o Judas perdeu a bota”. Mas, aí lutando, tô aqui. E agora já finquei raízes, aqui. E os filhos já têm os filhos deles, já tenho neto, bisneto. Fui fincando raízes aqui, também.

Passados os períodos de dificuldade principalmente nas décadas de 1960 e 1970, dali em diante a vida dos entrevistados da segunda geração (Ana, Luiza e Roberto) de um modo geral estabilizou-se e as mudanças de casa cessaram, passando a ser uma realidade para alguns da terceira geração como será visto. Até Mituioce chegou a morar um período em Rondonópolis no início dos anos 1990, conforme foi lembrado em diversas entrevistas, e foi logo depois que ele voltou para Rancharia depois desse período que ele faleceu, em 1993.

Nesse período moravam em Rancharia, além dos dois, somente seu filho José, com a esposa Lena e os filhos Fabiano e Vanessa. Roberto (segunda geração) já estava morando em

Marília e Conceição (segunda geração) em Tupã. Em 1996, José falecimento em um atropelamento, e sua esposa e os filhos mudaram para São Paulo junto da família de Lena, ficando Concetta, portanto, sozinha em sua casa e na cidade.

Ela ainda resistiu alguns anos morando ali, recebendo visita dos filhos e netos, mas no final da década de 1990 vendeu sua casa em Rancharia e se mudou para Rondonópolis, passando a ficar em uma casa cedida por sua filha Ana e o genro Chico, que ficou sendo sua durante uma década. Ela permaneceu morando ali sozinha uma década ao menos, sendo que as casas são muito próximas umas das outras como mostra a Ilustração 22, mas aos poucos ela foi ficando cada vez mais na casa das filhas Ana e Luiza, até que passou a ir ficar integralmente na casa das filhas.

Quando fui em julho de 2010³⁸, pouco mais de dois anos antes de ir fazer as entrevistas para esta pesquisa, ela ainda ficava mais sozinha na casa, mas quando fui em 2012 para esta pesquisa, ela já ficava a maior parte dos dias na casa da Ana. Hoje, em 2014, ela não fica mais sozinha, passando a maior parte do tempo na casa de Ana, e um ou dois dias na semana na casa da Luiza. As casas de Luiza e Ana, que são muito perto uma da outra conforme mostra a Ilustração 22. O evento das entrevistas na casa de Concetta, onde também aconteceu a entrevista com a Luiza, realizadas em setembro de 2012, foi a última ocasião na qual ela esteve sozinha por lá.

Outra observação importante é que desde viagem que eu havia feito em 2010 (citada em 3.2), até 2012, ela trocou os móveis. Comprou uma grande cama nova, guarda roupas e armário novos, e alguns dos móveis antigos foram para os quartos do fundo e para a edícula ao fundo do terreno. É importante citar essa observação pois os móveis que estavam ali em 2010 eram os que vieram desde Rancharia, da antiga casa onde a família se reunia, e portanto as coisas que foram compradas novas substituíram as velhas lembranças, mas a constituição dos móveis, as posições das coisas e os detalhes estavam parecidos. Muitos relógios, relógios

³⁸ Em 2010 fui para fazer as entrevistas citadas na subseção 3.2, visando fazer uma biografia sobre Concetta.

de parede e despertadores. E muitos quadros, dos filhos e netos. Segue na ilustração abaixo a disposição das casas na vizinhança em Rondonópolis.

Ilustração 1: Imagem sem escalas, de caráter apenas ilustrativo (Fonte: Google Maps³⁹).

A disposição das casas tão próximas uma à outra, contado também que as casas das outras pessoas que moram na cidade (Nílvia e família, Rogério e família) estão dentro de um raio menos do que dez quilômetro. Acima estão numeradas as entrevistas indicando o local onde cada um foi realizada.

Em suas entrevistas, Concetta disse diversas vezes, principalmente na última do dia 08/09/2012, quando pedi para ela fazer um fechamento final após três dias de entrevistas, que não deveria ter vendido a casa em Rancharia e jamais deveria ter saído de lá, reclamação esta

³⁹ <http://maps.google.com>. Visto em 24/11/2014.

que foi relatada também por outros entrevistados. Da segunda geração, a Luíza disse que achava que sua mãe não deveria ter vendido a casa. Da terceira geração, tanto Fabiano quanto Vanessa relatam que eles presenciaram o dia que o caminhão de mudança levou as coisas da avó em Rancharia, que segundo a Vanessa, “foi muito triste de ver”. Para as pessoas da segunda e terceira gerações que continuaram vivendo no oeste do de São Paulo, a mudança da avó representa uma despedida das lembranças ali vividas das décadas de 1950 a 1990.

A casa de Rancharia marcou o período de convivência da familiar, das festas e reuniões que marcaram o casal, seus filhos e netos, sendo que estes momentos são os que mais compõem as narrativas coletivas. A venda da casa e a partida de Concetta para Rondonópolis simboliza o fim de uma era no interior de São Paulo para uma nova migração agora para o Mato Grosso, uma mudança de eixo do núcleo da rede familiar representado por Concetta, fato comprovado com a maioria dos núcleos da família que estão por lá, vivendo na mesma territorialidade e como uma rede familiar. A mudança do eixo para Rondonópolis trás aos que não foram a lembrança do desenraizamento, sendo que, neste sentido, a presença de Vanessa e Fabiano ainda em Rancharia, começando lá novos núcleos familiares convivendo em rede na cidade das origens do grupos, torna-se uma forma de resistência da memória coletiva contra o esfacelamento (BOSI, 2004).

Vanessa, que é a mais nova de todos entrevistados, nascida em 1985, fala do período após o falecimento do seu pai José, em 1996, sendo que esse falecimento fez com que ela, Fabiano e sua mãe Lena fossem morar em São Paulo, ficando Concetta sozinha em Rancharia sem a companhia do recém falecido marido e filho que era o último morando na cidade, já que Ana e Luíza mudaram para o Mato Grosso. Sobre isso ela fala na entrevista:

Vanessa: A gente foi morar em São Paulo. Tivemos que, aprender a viver, na verdade, que... morar em São Paulo não era tão fácil, no começo era mais difícil né. E todo dia eu ligava pra vó, à cobrar. (risos) Pra falar, “vó, com oque a senhora tá? A senhora tá bem?”

V: (...) Ai, com o tempo voltamos a morar de novo em Rancharia, a mesma história. O mesmo ponto de vista onde nós começou tudo. E tamo aí até hoje né. A vó foi embora, muita coisa aconteceu por lá. Tamo aqui de novo nessa Rancharia brava.

V: Onde tudo aconteceu. Aconteceu coisa ruim, coisa boa. Passar assim, por mais que a gente tenta, o pior é passar naquela casa, onde a vó morava. Porque ali tem lembranças boas e lembranças ruim né.

Tanto Vanessa e seu irmão Fabiano, como seu falecido pai José e Lena, como todo o núcleo de Luíza na época do primeiro marido Bueno, chegaram a morar no fundo da casa da

avó Concetta e Mituioce que aparece na foto abaixo. Era esta casa, e mais outra de madeira ao fundo que não aparece na foto, que durante algumas décadas foi ponto de encontro da rede familiar.

Ilustração 2: foto da casa em Rancharia no anos 1990. Concetta, Ana, Roberto, Luíza, Josée Conceição. Fonte: Acervo familiar

Sobre a casa, Luíza, disse guardar saudade e considerou a mesma como um monumento na memória de seu núcleo familiar, sendo até hoje fruto de lembrança das gerações que vieram depois, netos e bisnetos de Concetta:

Luiza: quando ela quis vender a casa eu falei, “não vende não, aluga. Um dia a gente pode volta pra aí”. Porque é, foi muito bom morar em Rancharia. Muito melhor que morar aqui em Rondonópolis.

L: Eu acho Rancharia melhor. É, cidade pequena, mas foi ali que a gente se criou. As raízes tão ali, entendeu? Porque na última vez que a gente passou, todo mundo, “ah, cê não é filho do Sumita, cê não é filha da Turca?”. Todo mundo conhece a gente.

L: Mesmo que passa anos sem você ir lá, você vai no açougue, no mercado, algum lugar que era, que os antigos tá lá, eles lembram da gente. Tratam a gente com carinho, entendeu?Então... eu sinto saudade de lá.

L: Meus netos, até hoje falam, do pé de jabuticaba que eles subiam. De árvore, de pokam. De caqui, que eles subiam na árvore lá, eles lembram, da casa. Reclamam, “porque vendeu vó”? Porque pra eles, a casa taria lá ainda, pros meus netos.

Ilustração 3: José, Conceição, Luíza e Vera na década de 1960 em Rancharia.
Fonte: acervo familiar.

Sobre Ecléa Bosi (2004) afirma que, é pelo fato da mobilidade gerar o desenraizamento que há o esfacelamento da memória de nossa casa na infância, “as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos. Onde está nossa primeira casa?” (BOSI, 2004, p. 28). E depois completa: “condenados pelo sistema econômico à extrema mobilidade, perdemos a crônica da família e da cidade mesma em nosso percurso errante” (BOSI, 2004, p. 28).

Segundo Bosi, o desenraizamento é condição desagregadora da memória” (2004, p.28). No caso da família pesquisada, verificou-se pelas entrevistas que o desenraizamento é parte da história de alguns membros das gerações dos ascendentes e descendentes de Concetta e Mituioce, sendo que eles próprios migraram para o oeste do Estado de São Paulo, e seus filhos e netos continuaram migrando para outras partes do país. Seus filhos, da década de 1960 em diante, migraram para outras cidades e estados, sendo que a cada nova migração as famílias e suas redes precisaram também construir as suas identidades, do ponto de vista da ruptura e do “novo começo”.

No caso da narrativa familiar, foi possível identificar diversos momentos de novos começos através das gerações. Primeiro da parte de Concetta, quando seus pais se estabilizaram na casa da Rua Emílio Piedade no Brás, foi seu primeiro novo começo, até a posterior mudança a Presidente Prudente, que culminou na estabilização em Rancharia durante quatro décadas com o Mituioce, entre 1950 e 1993. Esse foi o período e local que a família analisada vivenciou a maior parte de suas narrativas como um coletivo.

Após a saída dos filhos, respectivamente Ana e Luiza para Rondonópolis, Roberto e Conceição a Marília, cada filho vivenciou os seus “novos começos”, mas a origem mais estável, durante muito anos, foi Rancharia, que era quando havia lá a casa que foi referência de tempos difíceis na infância e juventude da segunda geração analisada, e tempos mais amenos para a terceira geração.

Em termos de herança cultura, da ascendência italiana e japonesa, é possível identificar ambos os traços na narrativa dessa família, onde houve uma negociação identitária em relação às origens, pois se a família, por um lado, se organiza territorialmente, como discutido e mostrado acima na lustração 22, à maneira siciliana (GABACCIA, 1994), com as casas e as vidas sempre muito próximas umas das outras, pode-se deduzir que são características culturalmente herdada por Concetta a partir de sua vivência quando criança ao redor da casa a avó materna, essa nascida na Itália, e onde conviviam ali os pais, irmãos, tios, primos e os avós de Concetta. Segundo ela e Miguel relatam, todas as casa dos parentes era perto umas das outras, dispostas ao redor essa casa de sua avó materna, mãe de Anna e sogra de Paschoal.

Concetta disse a irmã Olga foi quem lhe emprestou dinheiro para comprar a casa própria em Rancharia, e que a dívida com sua irmã foi paga em “mais de 10 anos”, graças também a ajuda de Manuel e Ana, com o dinheiro que enviavam de Rondonópolis para Rancharia.

O que ficou claro é que a configuração atual da rede familiar abrange três grandes núcleos. Grande parte está em Mato Grosso, no eixo Rondonópolis, Cuiabá e Primavera do Leste. Outra porção no eixo Goiânia – Brasília. E uma parte ainda no interior de São Paulo, no oeste do estado eixos Marília – Paraguaçu Paulista – Rancharia. Em São Paulo, atualmente, ainda há a lembrança da casa da Rua Emílio Piedade, sabendo-se que ali ainda reside o irmão de Concetta e Miguel, o “tio Zezinho”, José Campopiano, que na mitologia da rede protagoniza o papel de guardião da memória dos antepassados.

4.2.2. Trabalho

Sobre o tema trabalho, de certa forma todos os entrevistados da primeira geração, Concetta, Miguel, Maria e Neusa, pelo que se analisou nesta pesquisa, relataram o mesmo que os entrevistados em Duarte e Gomes (2008) e Arruda (1999), uma vez que esses autores disseram que as pessoas mais velhas que eles entrevistaram fizeram questão de “apresentar certa dignidade moral, apesar das duras dificuldades enfrentadas” (DUARTE, GOMES, 2008, p.15), sendo que este “parece ser um ponto de honra suademente defendido” (DUARTE, GOMES, 2008, p.15) pelas gerações mais antigas, de uma dignidade moral conquistada pelo trabalho.

Concetta conta que trabalhou desde criança, primeiro pegando frutas no chão da feira com sua irmã Leonor e o irmão Miguel. Conta que pegavam tomates, pimentões, batatas, pepinos e assim por diante e levavam em sacos para que sua mãe separasse em casa. Segundo ela disse, os homens da feira deixavam elas pegarem os produtos do chão quando não davam para ela que eram chamadas de “italianinhas”. Ela conta que sua mãe tirava o que estava estragado, e os produtos em boas condições ela revendia para os vizinhos.

Pelas entrevistas de Concetta e Miguel, ambos falam sobre o pai ser sapateiro, que era um sapateiro muito bom mas conforme ela diz, “fraco”, querendo dizer como “pobre”. Pois ela diz que a sapataria não dava dinheiro:

Concetta: por que primeiro, a gente era muito pobre né? A gente ia nas feiras... Meu pai era sapateiro, trabalhava muito. Mas o meu pai... naquele tempo sapateiro não dava quase lucro. Fazia uma capinha... uma meia sola. Um sapato dois quintos, um sapato babinha, meu pai fazia. ... Já, quando meu pai trabalhava, sapateiro em casa, aí nós já morávamos no Alto do Pari.

C: Mas, naquele tempo era tudo difícil, sapateiro. Hoje em dia não, mas naquele tempo era né? C: Meu pai tinha muita freguesia, pra fazer conserto. C: Ele consertava aquela sapataiada, ele, o meu tio Jé, o meu tio Luis, meu tio Gênio. Trabalhavam com meu pai.

Heitor: onde que ele aprendeu, a mexer com ess...?

Concetta: eu não sei. Onde que ele aprendeu não sei não. Sei que meu pai... aí aí, a gente morava no Alto do Pari. Já, quando meu pai trabalhava de sapateiro em casa, aí nós já morávamos no Alto do Pari.

Gabaccia, em seu livro *From Sicily to Elizabeth Street* (1994), analisa algumas famílias que migraram da península italiana para a América do Norte na virada do século XIX para o

XX, e ao abordar a temática do trabalho através da análise de “um dia típico” (GABACCIA, 1994, p. 37) nas cidades rurais sicilianas ela diz que “é difícil identificar um único padrão de trabalho e lazer para as cidades rurais tão acentuadamente divididas como elas eram, por distinção de classe e gênero” (GABACCIA, 1994, p. 37)⁴⁰, mas que, no entanto, ao se fazer um comparação entre duas famílias analisadas por ela para demonstrar essa variação, é possível ver em uma delas a presença do ofício de sapateiro, como uma atividade tanto de um pai como de seu filho, apontando assim uma semelhança com a família Campopiano aqui analisada e fortalecendo a hipótese de que esse ofício veio como uma herança ancestral transmitida hereditariamente por parte da família.

Como diz a historiadora, “uma comparação entre duas famílias comuns e suas atividades demonstram facilmente uma variação nas experiências sicilianas no século XIX” (GABACCIA, 1994, p. 37), mas nota-se que em uma das famílias analisadas pela historiadora, o chefe da família, então com 40 anos, era sapateiro, assim como seu filho de 15 anos (GABACCIA, 1994, p.37).

Concetta diz que seu pai era sapateiro junto com os cunhados, e que alguns filhos trabalharam também com ele, sendo que a oficina era em casa. No caso de Concetta, assim como de Miguel, ambos começaram a trabalhar cedo com serviços gerais, até o ponto em que em certa idade foram trabalhar na indústria.

Antes de completar 14 anos de idade, ela fazia bicos como lavadeira, faxineira, ou cuidando de crianças. Quando cresceu mais, trabalhou como pajem, até completar 14 anos e começar a trabalhar em fábricas. Conta que trabalhou cuidando de uma idosa, a “*Abuela*”, que veio a falecer ao seu lado na cama. Interessante que essa parece ser outra herança do sul da Itália, onde vizinhos e pessoas próximas cuidavam umas das outras oferecendo trabalhos mútuos de pouca remuneração, de acordo com uma certa hierarquia entre uma família e outra de acordo com seus recursos. Gabaccia (1999) descreve essas interações na Sicília do fim do século XIX e início de XX assim dizendo:

⁴⁰ Tradução minha. Original: “It is difficult to identify a single pattern of work or leisure for agrotowns so sharply divided as they were by class and gender distinctions” (GABACCIA, 1999, p.37)

A vizinhança de uma mulher e, em uma menor extensão, aqueles que ela encontrava diariamente na fonte/prça, era um grupo estável, mudando só lentamente com a mobilidade residencial. Em complemento mulheres dividiam responsabilidades da casa; esses trabalhos eram comumente menos vendidos por salários. Ao invés, eles podiam ser trocados, por um pequeno custo para as famílias com menos recursos. Durante de longos períodos de tempo até as mulheres mais pobres podiam ocasionalmente oferecer ao vizinho a sua ajuda em serviços domésticos pesados, in cuidar de crianças ou em tempos de crise familiar, uma morte, por exemplo (GABACCIA, 1994, p.48).

Mas, quando atingiu certa idade foi trabalhar em fábricas, primeiro em uma fábrica de doces chamada Bandeirantes, que ficava na Rua Emílio Piedade em que ela morava. Ela trabalhava embrulhando bala, e ainda levava mais balas para embrulhar a noite em casa e ganhar um dinheiro extra. Depois com 14 anos foi trabalhar na fábrica Matarazzo, em local que ela chama de “Junta Santana”. Roberto Gambino(2006)diz que:

Concetta: na cidade de São Paulo, os italianos foram a grande força de trabalho que fez funcionarem as máquinas inglesas que deram origem ao nosso impressionante processo de industrialização. A partir de 1890, cinco bairros de operários italianos (os “5 Bês”) foram-se formando: Brás, Belém, Barra Funda, Bexiga e Bom Retiro (GAMBINI, 2006, p.279).

Miguel disse que começou a trabalhar em fábricas aos 9 anos de idade.

Heitor: bom, eu achei bom. O senhor não falou muito do...Assim é, coisas factuais assim, da infância.

Miguel: minha infância foi uma infância boa, jogava bola, trabalhava, com 9 anos fui trabalhar na fábrica, assim que eu tivesse uma folga eu ia jogar bola, das 5h à 1h eu ia trabalhar na fábrica, no jardim... E depois ia pra casa, almoçava e ia pro campo e jogar bola, ficava até 5, 6, 7 horas da noite jogando bola, até no escuro, na rua.

Retomando o que foi citado no início da análise deste tema, parece claro que os mais velhos, da primeira geração analisada, foram uma geração marcada pelo trabalho, como diz Arruda (1999) que entrevistou seus familiares para falar do trabalho nas fazendas de café na expansão para o oeste paulista, mais especificamente na região araraquarense: “o traço que aparece em todos os depoimentos é o trabalho, todos afirmam categoricamente que trabalharam, e muito” (ARRUDA, 1999, p. 133).

A narrativa de Concetta mostra que tanto em São Paulo como depois morando no interior ela também trabalhou muito. Diversas vezes ela lamenta não ter tido a oportunidade

de estudar e diz que por isso teve que trabalhar. Ela conta que perdeu um pedaço do dedo e como recebeu uma indenização por isso. Conta como começou a trabalhar na Matarazzo e posteriormente na Souza Cruz, e como precisou retornar a São Paulo para regularizar a sua aposentadoria na Souza Cruz muito depois, na década de 1980, acompanhada de uma irmã e uma nora.

Ela diz que “não tinha dado baixa”, pois, conforme sua versão, quando ela fugiu para Presidente Prudente, ela saiu do serviço sem avisar. Ela não explica em detalhes como resolveu as questões da aposentadoria, porém fica claro que tanto o fator do trabalho, e da perspectiva de melhorar de vida no interior foram motivações para sua migração.

Mas além disso, o motivo que ela relata como principal, foi o fato de que, em sua condição de mulher, foi enganada por dois homens, segundo ela, um com quem ela se envolveu a teria enganado, que era casado, em caso que será especificamente analisado na subseção do tema seguinte, na temática religiosa, e o outro que fora seu pretendente, o “Zé” segundo ela conta, casou com sua irmã Olga. Ela constrói sua narrativa baseada neste movimento de que a ida ao interior lhe trouxe uma vida nova e digna junto com seu companheiro Mituioce Sumida, com quem formou sua família.

Sobre o ofício de Mituioce, ele começou a trabalhar em Presidente Prudente em torno da farmácia e de seu tio Ângelo Saijiro Sumita. Os entrevistados que mais falaram sobre a interação ali foram, além de Concetta, principalmente a Neusa, que é filha de Ângelo Sumita e prima de Mituioce. Ambas dizem que Ângelo ensinou aos seus sobrinhos o ofício de farmacêuticos e protético, e os colocou para trabalhar em farmácias. Concetta conta que eles eram alfabetizados e fizeram cursos de “oficiais de farmácia”.

Concetta: (...) ele (Mituioce) aprendeu a ser protético, aprendeu a arrancar dente, fazer dentadura, porque o vó Sumita que ensinou (...) aí fui logo morar com ele, enrolemos logo os trapos e fomos morar juntos.

C: (...) Era o doutor Angelo Saijiro Sumida. Sumita né? Mas, ele trabalhava com ele e ficava na farmácia né? Só que o pai, o tio deles deu eles tudo pra, uma japonesa, outra japonesa, outra japonesa. Mas, quando eles foram pegando certa idade aí vieram pra farmácia, daí todos trabalhavam na farmácia. Daí o velho Sumita põe eles todos pra trabalharem na farmácia.

A entrevista com Neusa foi acompanhada com álbuns de fotos e recortes de jornal que ela mostrou, sendo que digitalizei parte desse material. Na foto que segue na Ilustração 19 está seu pai Ângelo Saijiro Sumita, o tio que criou Mituioce e seus irmãos. Ele era farmacêutico e figura proeminente na sociedade de Presidente Prudente como será visto na

análise. Segundo relatou Neusa em sua narrativa, Ângelo, apesar de ter nascido no Japão, não se esforçou para manter as tradições e sim para se integrar na sociedade brasileira.

Ilustração 4: foto com Ângelo Sumita (bem ao centro da foto) no Rotary Club de Presidente Prudente. Ao fundo, uma panóplia com a bandeira do Brasil hasteada no ponto central. Fonte: acervo de Neusa Satiko Sumita.

Concetta, ao falar sobre a sua relação com as pessoas da rede dos Sumidas, os “japoneses”, menciona muito o tema do trabalho, pois foi a rede dos familiares de Mituioce que propiciaram a formação dele como dentista, e foi nesta rede também que Concetta aprendeu ela a fazer partos, aplicar injeções e utilizar os petrechos do marido.

Concetta falou reiteradas vezes sobre o alcoolismo de Mituioce gerador de ausência, e sobre como isso influenciou negativamente a vida de toda a família, sendo este o fato que a obrigou sempre trabalhar e se ausentar dos filhos. Ela disse que ele fazia as consultas como dentista em casa, e sobre isso ela fala dos detalhes dos seus aparelhos dentários, como ele os utilizava. Fala que tiveram farmácia na cidade de Rancharia, na Vila Eneida (que segundo ela ficava em Martinópolis), e na cidade de Itaguajé, sendo que no final ela conclui que ele perdeu tudo na bebida.

Segundo ela contou, quem lhe ensinou o ofício de parteira foi uma japonesa chamada “Shinaga”, chegando a dizer que fez mais de mil partos na cidade, não se sabe se como força de expressão ou literalmente:

Concetta: se eu soubesse ler e escrever filho, eu até tinha segurado as coisas. Mas eu não sabia ler e escrever. O guarda livro que embrulhou a gente. O vô confiava naquele guarda livro e aquele guarda livro não valia nada. Mas eu não podia discutir com ninguém, porque eu não sabia nada. Eu sabia ficar na farmácia e vender, cuidar das coisas do balcão, aplicar injeção, fazer curativo quando chegava alguma pessoa. Fazia parto na cidade. O pessoal quando vinha, ia fazer parto no sítio. E assim foi.

C: Eu era parteira. Mas parteira... curiosa, porque não tinha diploma. Mas os médicos confiavam muito em mim viu, tanto em Presidente Prudente como em Rancharia. Eles buscava eu e deixava eu lá no sítio pra fazer parto. Eu... eu ficava lá com ordem dos médicos. Ai deixavam pra mim, injeção, *Isoparto*, se precisasse aplicar eu aplicava, porque o pessoal ganhava nenê. É o jeito que tava tudo, e depois o doutor Vando vinha me buscar. Doutor Vando médico, marido da Salum.

Heitor: e quantos partos a senhora acha que a senhora fez?

Heitor: Mais de cem?

C: Cem? Põe parto nisso. Eu fiz quase... eu fiz quase uns mil partos lá. Lá não tinha hospital filho. Quando eu fui pra lá não tinha hospital. Parteira tinha eu... (...)tinha quatro pareira comigo. Ah, tinha a Shinaga. A Shinaga que me ensinou a fazer parto, coitadinha da Shinaga, japonesa. Fazia parto. Eu fazia porque a Shinaga vinha me buscar. Ela me ensinou a fazer parto né? Era a Shinaga, uma velha japonesa.

C: Eu ficava lá no sítio as vezes dois, três dias. Eu ficava lá, dormia lá com a turma lá (...)E a minha vida foi assim filho, fazendo parto. Trabalhei muito né. Ai depois foi indo foi indo, foi tudo passando. Meus filhos cresceram, estudaram o que puderam.

Portanto, analisando os ofícios da primeira geração em comparação com as seguintes nota-se que quando mais próxima é a geração daqueles que vieram como imigrantes, maior as possibilidades de que o trabalho seja a marca da geração, conforme já citado aqui em Arruda (1999), que faz o seguinte relato sobre essa geração dos desbravadores do início do século XX:

Um dia estava pescando com meu pai no córrego do Varadouro, afluente do Rio Aquidauana, em Mato Grosso do Sul, e perguntei a ele: meu pai, se o Sr. Pudesse viver novamente, o que o Sr. Faria, eo que o Sr. Não faria outra vez? Ele respondeu: “meu filho, eu só trabalhei” (ARRUDA, 1999, p.142).

Da primeira geração somente Neusa teve formação universitária, tendo feito curso Superior em Letras, e trabalhado ao longo de sua vida como bancária. Pode-se dizer também que, além do fator dela ser mais nova, existe algo estatístico que mostra uma especificidade

sobre as redes dos imigrantes e descendentes de imigrantes japoneses, pois, como diz Demartini (2000), “a bibliografia que trata o tema educação entre os japoneses revela uma preocupação acentuada dos nipônicos com a educação de seus filhos aqui no Brasil; essa atitude seria uma continuidade do que ocorria no Japão no início do século XX” (DEMARTINI, 2000, p. 44). Ela cita dados do estudo *Uma epopéia moderna : 80 anos da imigração japonesa no Brasil* (VÁRIOS AUTORES, 1992).

A Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo quando fez um levantamento a esse respeito imigrantes que desembarcaram no Porto de Santos entre 1908 e 1932. O percentual de japoneses com idade superior a 12 anos não -analfabetos era de 89,9%, enquanto entre os imigrantes italianos era de 71,36%; entre os imigrantes portugueses, 51,7%; entre os imigrantes espanhóis era de 46,3% e entre os imigrantes alemães, 91,1% (Vários Autores 1992, p. 143 apud DEMARTINI, 2000, p.44).

Esta ideia mostrada pelos números também permeia o senso comum, e as entrevistas mostraram como as pessoas da rede familiar se apropriaram dessa herança ao falar sobre identidades japonesas, sempre associando a referências positivas, de estudo e disciplina, além das já associadas ao trabalho e à dignidade moral como foi colocado.

Observando a segunda geração, é possível ver a mudança no perfil das profissões dos entrevistados, que quando criança tiveram que trabalhar e também repetiram a mesma vivência da mãe durante sua infância no Brás, pois em Rancharia eles pegavam frutas na feira e comida com os vizinhos, mas que, no entanto, na medida em que foram crescendo saíram de casa para estudar, ou no caso das mulheres primeiramente para casar. Fizeram faculdade, enquanto sua mãe Concetta reclama nas entrevistas por se dizer analfabeta, embora ela assine papéis e saiba ler, não teve formação específica.

Já com base nos entrevistados da terceira geração as mudanças passaram a ser bastante significativas, surgindo pessoas com formação superior, pós-graduados, empresários nos ramos mais variados, funcionários públicos, profissionais da saúde e comerciantes. Mas perante o grupo, o tema do trabalho, em termos de categoria identitária, remete à lembrança do passado vivido pela primeira geração, e parcialmente herdado pela segunda, de uma dignidade moral duramente defendida, como relataram Arruda (1999) e Duarte e Gomes (2008) em suas pesquisas. Da terceira geração o relato mais significativo em termos da relação entre trabalho e a origem migratório foi o de Eduardo, que associou sua herança japonesa diretamente ao seu trabalho, dizendo ter desenvolvido como professor de natação e dono de uma academia de natação para crianças e jovens o “Método Sumida”.

Eduardo: é um método, no qual eu criei, tá? (...) É um método que a gente desenvolve no aprendizado da natação. É, existem várias formas de se ensinar, várias formas de se ensinar uma criança tá nadando e nós criamos essa metodologia própria, eu criei essa metodologia e o nome dessa metodologia é Metodologia Sumida de ensino de natação.

E: É, da forma que a gente faz desde criança, bebezinho, quando ela entra, a partir de 19 dias tem todo um processo que nós fazemos, é, como liga com bebê até tal idade, depois outro processo, depois a criança um pouco mais velha o que ela faz, o que ela pode fazer, o que ela não faz. Então é muito legal, e a gente deixou marcado, eu quis uma forma de homenagear os meus antepassados. É uma forma de tá presando aquilo que eu falei com relação a confiança, principalmente da colônia japonesa que tá muito enraizada aqui na nossa cidade, então uma forma de adquirir confiança também foi o que nós colocamos nesse nome: Metodologia Sumida, agora com relação a cultura japonesa inserida principalmente, é, o que a gente mais trabalha.

4.2.3 Religião visões sobre religião, religiosidade e espiritualidade.

Para entender a profundidade do tema da religião, e de como os costumes católicos influenciaram os rumos de Concetta e consequentemente da rede familiar que dela deu origem junto com Mituioce, é preciso se atentar aos relatos sobre o que motivou sua “fuga” de São Paulo para o interior. Segundo ela conta, o motivo de sua fuga seria em decorrência de ter se relacionado com um homem chamado Ângelo Gabeta, que era casado, e que teria enganado ela e toda a família com uma falsa proposta de noivado.

Concetta: ai eu me desgostei, porque, que eu namorava com ele em casa. Gostava muito dele, e ele frequentava a casa do meu pai, no Alto do Pari. (...) Ai quando foi um dia apareceu uma mulher na minha casa, e falou que era a mulher dele. Dai eu falei, 'mas não pode ser, ele é meu noivo, eu tô de aliança e tudo'.

Heitor: tava assim de aliança e tudo?

Concetta: é, eu já tinha ficado noiva, ai foi que, ai foi que eu desgostei, por causa dele.

Heitor: ah, agora eu tô entendendo.

Concetta: é, desgostei, por causa dele. Ai que eu fui embora pra Presidente Prudente. E larguei o emprego.

Heitor: mas ele já, ele era casado e...

Concetta: é, ele era casado, era casado e não falou pra mim. Namorava comigo dentro da minha casa. Ai quando meu pai descobriu, o meu pai foi lá, aonde ele trabalhava. Ele trabalhava, trabalhava num... era o "Garoto" e a "Garota", num restaurante assim. (...) Ai meu pai foi lá, e deu uma surra desgramada nele. Quase matou ele. Ele foi preso. E meu pai também foi processado, por causa do Angelo.

Heitor: o Angelo foi preso?

Concetta: é, Angelo Gabeta, ele foi preso, porque ele tinha aproveitado de mim.

Heitor: certo.

Concetta: ai meu pai falou, "isso não vai ficar assim não". Quando nós descobriu... Nunca tinha acontecido nada, ai aconteceu num dia, no outro dia a mulher dele apareceu na minha casa. Falando que era a mulher dele.

Nota-se que, para entender o que ela diz neste trecho, é preciso analisar as entrelinhas, pois embora ela não tenha entrado em detalhes sobre sua relação íntima com o homem, mas fica subentendido ao dizer que “nunca tinha acontecido nada, ai aconteceu num dia, no outro dia a mulher dele apareceu na minha casa, falando que era a mulher dele.” Esse “nunca tinha acontecido nada” revela que a questão subentendida diz respeito à sexualidade, em assunto abordado por Vainfas (1986), ao falar do “o preço da virgindade” e de uma moral de uma “vida continente” herdada do modelo “judaico cristão” (VAINFAS, 1986, p.81), em que o sexo teria um valor material, valor que a família católica monopolizava como um valor onde os pais tinham nas filhas uma oportunidade de ascender socialmente.

Dentro de redes familiares e de vizinhança, que no caso da família estudada dos Campopiano abrangia toda uma vizinhança do Brás e do Alto do Pari, com hábitos que vieram das raízes italianas, das redes transplantadas pela imigração, esse caso dela com um homem casado tornou sua convivência ali insustentável, pois Concetta, ao se envolver com um homem casado, sofreu as punições morais não somente dentro da rede familiar, mas de toda a rede ampliada dos parentes, vizinhos como ela mesma relata:

Concetta: ai que eu peguei minhas coisas, arrumei minhas coisas, com a mulher, que era minha colega, e falou, "não, vamos pra Presidente Prudente, nós arruma serviço, eu arrumo, e a senhora vai viver lá. Deixa esse home casado ai".

Heitor: entendi. A senhora, então, quis fugir de São Paulo porque tava, não queria ficar ali, fofocas... (interrompe)

Concetta: é, eu não queria ficar ali porque, no Alto do Pari todo mundo ficou falando. (...) E como eu tava desgostosa com ele, e antes dele eu tinha ficado muito desgostosa por causa de um cunhado meu, o Zé, que eu namorei com ele e não deu certo. (...) ai, eu fui pra Presidente Prudente que é onde eu conheci o Sumita. Ai eu fiquei em Presidente Prudente morando lá, muitos anos. Ai eu criei meus filhos.

Analisando os sicilianos pesquisados por Gabaccia (1994), ela os descreve realmente como uma rede como ampla, envolvendo família e vizinhos, em situação na qual o pai, ao menos teoricamente ou entre as camadas mais ascendentes, liderava a família:

All family members were expected to work for the good of the family and to cooperate at all times. This was necessary because the nuclear family, as owner of property, had its own interests, inevitably brought it into competition with other families (GABACCIA, 1994, p.3).

Por isso Concetta disse ter migrado, porque sua situação aos 18 anos perante a família e a ampla rede de descendentes de italianos tornou-se insustentável:

Concetta: e como eu tava desgostosa com ele, e antes dele eu tinha ficado muito desgostosa por causa de um cunhado meu, o Zé, que eu namorei com ele e não deu certo. Ai peguei o Angelo, aconteceu aquilo. Ai, eu fui pra Presidente Prudente que é onde eu conheci o Sumita. Ai eu fiquei em Presidente Prudente morando lá, muitos anos. Ai eu criei meus filhos.

E Concetta e Mituioce viveram 46 anos juntos, mas se casaram em cartório somente na década de 1990, pouco antes de Mituioce falecer. Segundo Concetta, “ele não quis morrer solteiro”. Ela falou que casou com Mituioce semanas antes dele falecer, e quem fez uma cerimônia religiosa em sua casa foi um pastor de uma igreja evangélica. No entanto ela enfatiza diversas vezes o orgulho de ter “casado bem” seus filhos, citando cada igreja onde cada um casou. Tanto Luíza como Conceição casaram em Rancharia. O filho José, o mais novo, casou em São Paulo, na Igreja de São José do Brás. Esse fato mostra um retorno simbólico de Concetta às suas origens em São Paulo, das origens católicas napolitanas de sua ascendência em termos de origens migratórias e também como foi problematizado no 4.1 sobre o que se consolidou como modelo dominante de família brasileira.

A própria trajetória da rede mostra que a mencionada “moral judaico-cristão” se mostrou mais no campo da aparência, havendo um esforço constante da parte de Concetta de manter as aparências, sendo essa característica também herdada, pois Gabaccia mostra que desde o final do século XIX no sul da Itália:

Both peasant men and peasant women faced huge obstacles in their efforts to behave properly as family members and to behave ‘civilly’ as members of a larger social group. Peasant women could find consolation in mothering their children in the idealized fashion (GABACCIA, 1994, p.3).

Ilustração 5:foto do casamento de José e Lena em 1979, na Igreja São José do Brás, em São Paulo/SP. Da esquerda para direita estão Mituioce, Concetta e Ana com as crianças, Lena e José. Em baixo: Sílvia, Iran, Iranilson, Roberta, Kelly, Nílvia, Deyse e Rogério.

Os autores, cujas pesquisas foram feitas a partir de suas próprias redes familiares sendo analisadas através de diferenças transgeracionais, observam que seu estudo foi testemunha de um processo de tensão entre pertencimento familiar, que segundo os autores é “uma das característica centrais da visão de mundo e da experiência concreta das classes populares (DUARTE, GOMES, 2008, p.272), pois aí “as pessoas aí se encontrar entranhadas de modo naturalizado” (DUARTE, GOMES, 2008, p.272), e do outro lado, “a busca de saídas propiciadoras de uma ansiada autoafirmação social”, decorrentes de “dificuldade prementes com que se defrontam esses sujeitos para sua reprodução social legítima” (DUARTE, GOMES, 2008, p.272).

No caso de Concetta, a fuga para o interior, afastando-se do ambiente familiar em São Paulo para ter a dignidade reconquistada ao gerar uma família em Presidente Prudente e Rancharia foi em decorrência de ter ao mesmo tempo optado e sido forçada a migrar, e embora não tenha ficado claro nenhum detalhes sobre como ocorreu falando ela em “fuga”, apenas que ela “fugiu sem os pais saberem”, o que importa é que, como dizem Duarte e

Gomes (2008) sobre a tensão do pertencimento familiar, e nos caso desta pesquisa uma família católica de origem napolitana, ocorreu que suas escolhas implicaram em afastamento físico e moral e sua unidade original, como também ficou verificado em *Três Famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares* (2008).

Conforme o que o autor disse, a busca pela individualização pode causar “um relativo desenraizamento, uma autonomização pela nuclearização familiar ou pela acumulação diferencial” (DUARTE, GOMES, 2008, p272), ocasionando uma possibilidade de um novo começo, de uma coerente sensação de pertencimento, acarretando que, “nos casos em que esses processos são bem sucedidos, mesmo que parcial ou temporariamente, consolida-se um ‘salto qualitativo’, com a transição do sujeito (pessoa ou família) para uma nova identidade social” (DUARTE, GOMES, 2008, p.272).

Roberto: você é um cara que vai ter essa personalidade, que vai ser desenvolvida, porque? Por grupos que você frequenta. A família já não vai contar muito. A família sim, contou no começo. Quando você era criança, era jovem. Era infantil. A partir do momento que você é, tá num colégio, e você tem um grupo. Que tem uma afinidade no colégio. Você muda. A família não consegue mais segurar.

A “fuga” de Concetta representou também o abandono das identidades católicas, embora exista, como foi mencionado, uma necessidade de manter nas aparências uma adesão aos bons costumes da família católica, que foi visto aqui em 3.1, na primeira subseção deste Desenvolvimento, é a marca do estereótipo da família brasileira. Foi possível observar a transição entre as vivências dos entrevistados da primeira geração para a seguinte em termos de costumes religiosos, apontando para o que Duarte e Gomes (2008) colocam como processo de individualização, em tensão entre pertencimento familiar e autoafirmação que envolvem diferenciações complexas (DUARTE, GOMES, 2008, p.241).

Da terceira geração, de um modo geral os entrevistados falaram muito abertamente sobre aspectos religiosos, mas poucos se declaram de uma religião específica. Sobre a religião católica, alguns lembraram de seu batismo, como Iran que lembrou ter sido batizado e que sua madrinha foi a Claudete, irmã de Concetta, e Laila cujos padrinhos foram seus avós Concetta e Mituioce. Eduardo, filho de Roberto, disse ser espírita, mas menciona ter sido batizado na igreja católica, e de ter batizado suas filhas lá também como uma forma de inserir a família na sociedade.

Eduardo: Então, com relação... ...Até a gente tava falando da base religiosa, você vê que cada um dos filhos dos nossos tios, cada um seguiu pra um lado, eu mesmo por

exemplo, Heitor, eu não sei você, mas meu pai nunca me falou que eu tinha que ser católico, que tinha que ser evangélico, que tinha que ser, não sei você como é que foi essa base aí, educação, a gente chama de educação religiosa. Eu já fui em igreja evangélica.

E: eu já fui em igreja católica, eu já fui várias, várias igrejas pra achar o que mais me encaixou na minha família, entendeu? Agora, cê vê que tem uma das nossas tias que são evangélicas, outra católica fervorosa, então, a cultura, já que você está estudando sobre cultura, cultura, acho que a formação religiosa, eu acho que não foi tão bem. Assim, difundida dentro da nossa família.

E: acredito que na nossa cultura assim, que nem a gente tava falando lado japonês e o lado italiano. A gente sabe que os italianos grande parte são católicos, né? E os japoneses tem muito assim o budista, né? Os japoneses na referencia que eu tenho.

E: mas isso, é, da nossa descendência isso aí não foi tão, pelo menos pra mim na minha visão não foi tão colocado assim, olha, essa religião é assim, assim, não, não foi colocado não. Claro que sou batizado na igreja católica, minhas filhas também. A gente fez primeira comunhão, crisma, né? Catequese toda aquela coisa. Mas mais para um, é, por você, por você, estar inserido dentro da sociedade do que por uma cultura genética, ou uma, uma parte de mesmo de religião do japonês, do italiano.

Os entrevistados dessa geração falaram com maior naturalidade sobre religião, principalmente os homens, sendo o assunto abordado diretamente por Eduardo, Rogério, Fabiano e Iranilson, seguindo o que foi analisado da segunda geração, que Roberto e Neusa conversaram sobre o assunto, sendo que nem Luiza ou Ana falaram diretamente mas algumas expressões por elas utilizadas (como “Graças a Deus” por exemplo) denotam algumas preferências. Os relatos da terceira geração vieram sem definição ou distinção entre crenças e práticas, de forma que cada núcleo familiar, ou mesmo cada indivíduo, demonstrou ter suas próprias convicções.

Coube aos netos falarem sobre um assunto que Concetta silenciou, como por exemplo Rogério que disse que viu a sua avó “receber um espírito”, isso em ocasião na qual ele esteve em São Paulo quando jovem. Não cabe entrar aqui nas especificidades de nenhuma religião, e nem de como ocorrem seus fenômenos, mas cabe ressaltar que em praticamente três horas de entrevista Concetta não relatou nada em relação a essas experiência.

Segundo Lang (2009), ao traçar um breve panorama sobre o espiritismo no Brasil, o espiritismo se define, “de um modo bastante geral (...) como uma crença nos espíritos e a aceitação da possessão como meio pelo qual os espíritos se comunicam com os vivos” (LANG, 2009, p.172). E ele diz, em tom de brincadeira, que em contraste com as várias identidade religiosas de sua avó Concetta, como católica, espírita e evangélica. Ele relata ter visto Concetta “receber” um espírito.

Rogério: e a vó é meio. Eu lembro uma vez rapai, é meio complicado, a vó, a vó era meio espírita né. Uma vez eu fui lá. (risos) Eu lembro até hoje rapaz, eu fiquei,

impressionado porque. A vó, acho que ela incorporou lá e... deu uma surra na tia Dete rapai. Mas assim, uma surra sem triscar na mulher. (...)

R: eu era mulecote fi, de dez, doze anos, ou menos eu acho. Eu acho que menos. E eu fiquei impressionado com aquele negócio até hoje. Porque a vó ela, era espírita lá das mesa branca dela lá pra lá né. E ela tinha esses trem também. Nunca, nunca me aprofundei nesses detalhe não mas, esse dia foi fera véi.

H: (..) é... quando se fala em origem italiana geralmente se pensa em católico né.

R: é, católico. Mas minha vó toda vida foi espírita. Pelo que, pelo que eu sei. Pode até ter sido, sido outra coisa antes.

Entre os relatos desta terceira geração, o de Fabiano também não foi convencional e demonstrou, em termos de construção identitária, uma capacidade de misturar identidades, sendo que seu relato foi baseado em sua própria vivência e narrativa como membro de movimentos de contestação política nos anos em que viveu em São Paulo após o falecimento de seu pai, nos anos 1990, em um cenário urbano que se define como “tribos”, de diversidade identitária extrema.

Fabiano: Lá tipo assim (...) um grupo é uma coisa só. Que gosta de uma coisa só. Se a gente é do outro grupo é assim, falou falou, mas nunca fica junto assim, era muito. E a gente vi bastante assim, lá tinha bastante, é a cidade das tribos lá né mano. Tem muita coisa lá. (...)

F: Tinha gótico. Tinha *headbanger*. Tinha *heavy metal*. Tinha punk, igual... ixi, lá tem bastante. Skaitista. “HC” que eles falam. *Hardcore*. Ih, lá, as tribo é bem...

F: Agora não sei se já mudou né, porque faz tanto tempo. O meu foi na década de noventa né.(...) a nossa ideologia, a gente era contra a política né cara. Contra as atitudes do governo mesmo. Contra o passe que aumentava, de estudante. Então a gente era assim, a gente ia pra rua pra protestar e brigar mesmo. Entendeu? Contra a globalização. Contra o capitalismo. Era assim cara. A gente... naquela época né. Hoje, hoje em dia, já mudou tudo né cara.

Heitor: Mas qual que, qual que era o seu grupo?

Fabiano: Eu era punk mesmo. Punk mesmo. Era.

Heitor: Punk eles são, anarquista?

F: É, anarquista. É.

Heitor: Contra a globalização.

F: É. Sem ídolo. Não existe ídolo, pra punk né. Punk não gosta. O único ídolo pra punk é Deus, né. Que é o maior ídolo de todos.(...) Ou é Deus ou é Jesus Cristo. O resto cara, não existe nada de ídolo. Num pode idolatrar as coisas cara. Só esses dois, Deus e Jesus Cristo. O punk acredita muito nisso aí cara. E tem gente que pensa que punk é da, punk é da parte do demônio. Não é cara.

Aqui nas entrevistas desta geração fica mais bem claro que as identidades são constituída a partir da narrativa de vida de cada um, e que essas narrativas de vida são expressadas através de um esforço de rememoração, de processos de rememoração individual e coletiva, que se transformou em memória compartilhada nas entrevistas, confirmando o que foi posto nesta pesquisa no início sobre a relação indissociável entre memória e identidade, e que por isso a identidade é narrativa, pois é baseada na memória e vivência de cada um. Por isso hoje está em andamento um processo de múltiplas identidade, bem diferente do que foi vivido pelos imigrantes italianos e japoneses que chegaram ao Brasil e cujos descendentes foram objetos deste estudo. Joutard (2000) assim descreve o processo identitário na entrada do século XXI:

A memória é um elemento constitutivo da identidade. Assistimos, hoje, ao crescimento da força de todas as identidades, de sexo, de grupo, de religião, de nações, o que seria uma reação à globalização e a uma certa uniformização cultural (ao menos superficial). Numerosos empreendimentos de história oral participam deste crescimento de força, que eles exprimem e reforçam, alternando-se como causa e consequência do movimento identitário (JOUTARD, 2000, p. 43)

4.3 A memória da família e as identidades nas próximas gerações.

É possível pensar na família como um ambiente de múltiplas identidades, em que seja necessário conciliar as sobreposições, interposições e justaposições, em situação em que antes de tudo considera o indivíduo em sua singularidade, que ao assumir uma identidade cultural está fazendo parte de uma coletividade, seja por escolha consciente ou não, tratando-se portanto de uma identificação com um grupo, uma coletividade. Foner (2011) diz que a família é um lugar “onde há interação dinâmica entre estrutura, cultura e agente – onde a construção de cultura criativa acontece no contexto das forças sociais e econômicas externas, bem como no quadro cultural pré-migratório⁴¹” (FONER 2011, p.961). Tais reações, que dão

41 Tradução minha. Original: “Where creative culture buildings takes place in the contexto of external social and economic forces as well as immigrants’ premigrationcultural frameworks”.

propulsão para o desenvolvimento da cultura criativa que constrói as identidades, como foi observado nesta pesquisa.

A partir do estudo e análise da família, e dos recortes temporais e geográficos escolhidos, foi possível identificar, através da interpretação das narrativas, o que veio a ser parte do processo de ascensão das identidades nacionais nas primeiras gerações estudadas, e de enfraquecimento nas última geração, no que Candau chama de “grau de pertinência das retóricas holistas” (2011, p. 30), que são as identidades nacionais e identidades étnicas, entre outras. Candau (2011) diz que uma retórica holista se define com “o emprego de termos, expressões, figuras quem visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos” (2011, p.29). Sua crítica é que a disseminação de discursos generalizadores sobre a sociedade passam a naturalizar a crença nas identidades holistas, criando situações nas quais, “esse nuer ou esses nuers com quem o antropólogo conversou um dia se transformam, pela magia da escrita etnográfica, em os nuers” (2011, p. 28), gerando casos caricaturais, “em que se afirmará que os nuers, os italianos, os gregos, os judeus, os bretões ou os parisienses pensam isso ou acreditam naquilo” (2011, p.30).

Pelo fato das histórias de vida aqui estudada estarem relacionadas ao global e às articulações sociais mais amplas, através dos estudos das gerações pode-se perceber como as identidades e a forma de se construir identidades das pessoas entrevistadas acompanharam as mudanças do quadro social, mudanças essas vistas ao longo do século XX, no qual repousa o recorte temporal da pesquisa.

Trata-se de um período em que, segundo Candau (2011), a ideia da necessidade de pertencimento foi reconfigurada, passando das retóricas holistas no início do século XX, para o discurso das múltiplas identidades, período que se inicia após as duas grandes Guerras Mundiais, e se acentua a partir do fim da Guerra Fria. “Ao desaparecimento de um princípio explicativo único e ao retrocesso de memórias unitárias... observa-se a multiplicação de memórias particulares que reclamam sua própria história”. Cada indivíduo “toma seu próprio caminho ... cada um pertence a uma pluralidade de grupos” (CANDAU, 2011, p. 183-4).

Muitos, numerosos pesquisadores avançaram na hipótese de uma mudança radical trazida pela modernidade: nas sociedades contemporâneas, as estruturas a memorizar e as estruturas de recordação coletiva se tornaram muito vagas, numerosas e complexas a ponto de sua aquisição e assimilação serem, doravante, bastante aleatórias... se isso é verdade, as retóricas holistas tenderiam a perder atualmente toda a sua pertinência (CANDAU, 2011, p.183).

Ao mesmo tempo em que a identidade se tornou diversa com “a decadência das grandes identidades holísticas” (CANDAU, 2011, p. 181) e surgiu a tese da “pulverização de identidades” (2011, p. 199) em identidades fragmentadas, nota-se que, se tomada como verdadeira essa tese, o surgimento das ditas múltiplas identidades amplia radicalmente um processo de separações e da noção frágil de confrontação com o “outro”, em um processo que consiste na contemporaneidade em afirmar as políticas de identidade justamente como sinônimo de políticas de diferença.

São identidades que não param de se proliferar e diferenciar, em contexto no qual “as versões públicas de representações ... são substituídas por inumeráveis versões privadas” ante uma “incapacidade crescente do Estado de se dizer lugar legítimo de expressão de todos” (2011, p. 187), gerando um clima de incerteza memorial, que estaria na origem de uma “incerteza identitária” (BALANDIER, 1994, p. 18 apud CANDAU, 2011, p.187), fruto de um “medo da perda”, fator que geraria memórias e identidades petrificadas: a “tradição petrificada” (CANDAU, 2011, p.190), que “não é mais legítima a priori”, e que por essa razão, “as chances de que venha a ser compartilhada se reduzem consideravelmente” (2011, p.191). Por este fato, e a “incapacidade crescente das sociedades modernas em enfrentar a perda ou alteração (...) as conduz a petrificar o passado a fim de salvaguardá-lo e , por isso mesmo, perde-lo mais ainda” (2011, p.189).

Uma possível crise identitária surge quando em um grupo qualquer é compelido a aceitar “representar o papel a eles atribuído por outros” (CANDAU, p.192), deixando-se reduzir “à memória esclerosada (...) fossilizada, museificada”, que “contribuem para o enrijecimento das identidades sociais e culturais a ponto de, por vezes, necrosá-las, dando-lhes, depois, a rigidez dos cadáveres” (2011, p.189). É esta resistência que como dito no item anterior, Ricouer chama de “zona de encobrimento”

Para Candau, a crise de identidades tem “pelo menos, um efeito de perspectiva” (2011, p.189), vislumbrando outras memórias que nascem, “menos expansivas, mais particulares, mas frequentemente mais abundantes e robustas” (2011, p.193), como as memórias locais, com mais pertinência com a realidade, como as memórias da comunidade e da família que geram identidades mais fortes, segundo Candau (2011, p.192).

Deste o início da pesquisa partiu-se do pressuposto de que esta rede familiar formada por descendentes de japoneses e italianos apresenta uma multiplicidade de identidades passíveis de análise através da utilização do método da história oral, e que estas identidades se

tornaram observáveis nesta pesquisa. Ficou evidenciado que através das narrativas de vida é possível analisar a relação intrínseca entre a vida privada dessas pessoas e o interesse público, entre o local e o global, pois as narrativas fizeram com que os fios invisíveis que relacionam essas dimensões fossem evidenciados.

Esta transmissão cultural que se dá no âmbito familiar coloca em destaque as relações privadas do lar, nas quais estão ancoradas as memórias familiares, como Candau afirma, servem “de princípio organizador da identidade do sujeito em diferentes modalidades... intervém o compartilhamento de certas lembranças e esquecimentos”, sendo a memória familiar o local onde “o jogo da memória e da identidade se dá a ver mais facilmente” (CANDAU, 2011, p. 135).

Nesta pesquisa, foi observado pelas entrevistas que em alguns membros da família de descendentes de dois grupos de imigrantes, japoneses e italianos, que vivenciaram duas rupturas de dois processos migratórios, ocorreu uma busca genealógica, como ímpeto de preservação da memória individual e coletiva, sendo que esta busca por compartilhar memórias é ao mesmo tempo uma “busca obsessiva de identidade”, e isso acontece nos grupos migrantes porque, como argumenta Candau, esta busca “se apresenta com mais força quanto mais as pessoas experimentam o sentimento de se distanciarem de suas “raízes” (2011, p.135).

E essa transmissão cultural hereditária se dá associada ao fato da memória familiar ser de antemão uma “memória curta”, que “não remonta além de duas ou três gerações”, em oposição as memórias mais profundas e institucionais como uma memória nacional por exemplo. Neste contexto, “cada indivíduo sabe que, uma vez que a profundidade de sua própria memória não vai além de duas ou três gerações, ele mesmo será totalmente esquecido algum tempo após sua morte” (CANDAU, 2011, p. 139), é um esquecimento fatural, em que os ancestrais distanciados por algumas gerações “se confundem com uma massa anônima” (2011, p.139).

Como mostrado na análise, dois entrevistados da segunda geração, Rogério e Roberta, foram buscar, em momento diferentes, ao longo da década de 1990, buscar informações sobre a genealogia da família, e o próprio Mituiocce preservara um álbum de fotografias que foi utilizado nesta pesquisa. Esta busca por genealogia, argumenta Candau, no caso de genealogias migrantes, ou como também é comum entre camponeses e camadas mais simples, ocorre que:

Não possuem memória genealógica abundante, nem em profundidade nem extensão. Por outro lado, suas memórias familiares são privilegiadas: mortes trágicas, vida no povoado, vida profissional, álbum de fotografias, mobiliário e objetos que representam uma “memorização tangível” da história doméstica. É na vida cotidiana que se ancora a memória familiar dessa população (2011, p. 138).

Essa passagem resume as características da família aqui estudada, descendentes das famílias Sumida e Campopiano, dos grupos de imigrantes cujas trajetórias foram marcadas pela necessidade de migrar, um acontecimento de ruptura, e uma herança cultural herdada no âmbito familiar pelas gerações posteriores. O que se buscou nesta pesquisa foi registrar a memória coletiva dentro do âmbito da família para analisar os laços sociais, sua manutenção e perda, e a transmissão cultural, que ficaram visíveis nas entrevistas e nas análises.

Acrescenta-se o que diz Paul Ricoeur, ao associar o rememorar ao trabalho de dor, consistindo no ato de lidar com a perda, sendo que tal trabalho de dor “não se resume à lamentação passiva, mas consiste num trabalho feito sobre a perda, que é levada até a reconciliação com o objeto perdido, no termo de sua completa interiorização”. (RICOEUR, 2000, p.3). O autor faz um paralelo entre uma análise psicanalítica individual com uma coletiva, sendo que “a noção de objeto perdido encontra uma aplicação direta nas “perdas” que afetam igualmente o poder, o território e as populações que constituem o Estado” (2000, p.3), sendo que “o fato perturbador é que a memória das feridas é mais longa e mais tenaz no plano coletivo do que no plano individual; os ódios são aí milenares e inconsoláveis” (2000, p.4).

A questão central portanto é que a memória e a identidade são valores disputados, e como afirma Candau (2011), no jogo identitário e memorial contemporâneo, há o “medo da perda” e as “memórias e identidades petrificadas” (2011, p. 189), há também as “memórias e identidade vivas”, acompanhadas de uma “assunção de perda”:

No domínio da memória, da identidade e do laço social ... essa assunção supõe uma reabilitação da falta e da ausência do tempo morto, das “durações livres” e da incompletude: aceitar ter que fazer escolhas em nossas heranças, reconhecer que a totalidade das memórias nos é inacessível. É admitir nossa radical individualidade e a impossibilidade definitiva de um compartilhamento absoluto com o Outro é, talvez, a única maneira de reconstruir as memórias que não serão mais hegemônicas, mas pelo menos sólidas e organizadoras de um laço social em condições de repudiar toda ideia de submissão (CANDAU, p. 195)

As identidades em torno de memórias familiares, as identidades de família, serviram para se identificar as pressões sofridas pelas gerações estudadas e seus antepassados ao longo

dos processos históricos, confirmando a tese de que uma história vivida coletivamente comprova que os sujeitos "são parte da sociedade em que vivem e que, de alguma forma, são participantes da história" (MAGALHAES, 2007, p. 29).

Ao utilizar-se aqui do método da história oral e da análise das identidades narrativas foi possível portanto mostrar como as pessoas e as gerações vivem em constante movimento de jogos e disputas identitárias. Este trecho da entrevista de Roberto por exemplo mostra como as identidades disputaram espaço ao longo da trajetória da família, do tempo transcorrido que marcou desde a chegada dos imigrantes com suas identidades e como essas foram mudando e se adaptando no Brasil. Nota-se, pelo trecho que o entrevistado, que ao comparar as identidades das origens italiana e japonesa o mesmo coloca uma hierarquia e uma disputa, confrontando-as a partir de sua própria narrativa e relato autobiográfico.

Heitor: e essa mistura de culturas assim que se deu na nossa família, explosiva vamos assim dizer //

Roberto: na verdade, ela não afetou muito porque, o italiano, ele, da família, a parte italiana da família, ela nunca, nunca teve muita assim presença, na parte, na vida da gente. A gente teve um pouco mais de presença dos japoneses. Os, os italianos, já fazem parte mais, mais distante.

R: (...) pelo menos eu, com os japoneses que moravam em Presidente Prudente. Alguns foram até, ajudaram a fundar a cidade. Mas na verdade, é, a gente tem mais afinidade com os japoneses. Com os italianos muito pouca. Muito pouca. Então a gente não, não teve essa, esse conjunto de coisas que poderiam influir na cultura da gente não. Mais japoneses.

R: O italiano ele é mais. Ele é um povo muito mais, é... desenvolvido assim no sentido social. Ele fala muito. Ele, ele, ele se expressa melhor. O japonês não. O japonês é mais recatado.

R: Ele é, pela própria formação dele, ele é mais tímido, recatado. Hoje já não é tanto assim porque, claro. Não existe mais japonês que... brasileiro. O cara é brasileiro. Ele nasceu no Brasil. Ele estudou desde pequeno na, a cultura brasileira, a língua brasileira. Acabou essas escolas que tinham japonesa na época. Na época, o japonês ele mantinha uma escola japonesa pra não perder a própria essência. Hoje não existe mais isso daí.

R: (...) o nosso índio tá perdendo a, a... o nosso índio brasileiro, de tanta gente, de tantas tribos que acabaram sucumbindo ao nosso, entre aspas, desenvolvimento. Mas na verdade eles, eles tão sucumbindo. A cultura deles tá indo embora. Por mais que eles tão lutando, não consegue. E a tendência deles é fazer o que aconteceu com a gente... perder a identidade de imigrante. Isso não existe mais. Ou você é brasileiro... você não é mais imigrante(...)

R: Você estuda o idioma brasileiro. Você desde a escola já tem os ensinamentos. Você tem as suas opções. É claro. Na sua vida. Mas a essência é tudo igual. Você não... perde a identidade. O imigrante, ele, ele só tem uma história pra contar. Na verdade, não tem uma identidade de imigrante. Não existe isso daí. Ele é brasileiro. Então, a imigração, de todos os povos no Brasil, é histórico. Apenas histórico.

Da mesma maneira colocam suas duas irmãs, mostrando que os entrevistados da segunda geração, relacionando a história e a narrativa familiar com as narrativas mais amplas da vivência dos grupos estudados, sendo que as identidades nacionais das origens migratórias são realmente retrabalhadas nos grupos de imigrante. Conforme argumenta Nelly Richard, há rupturas biográficas, neste caso em especial, configuradas pelas experiências da imigração vividas pelos antepassados, nesses casos, essas rupturas agregam à memória individual e coletiva “às figuras da ausência, de perda, da supressão, do desaparecimento” (RICHARD, 1999, p. 324), por isso faz-se necessário apontar através das narrativas uma “cena de produção de linguagens”, que possa permitir “quebrar o silêncio traumático de uma não-palavra cúmplice do esquecimento” (RICHARD, 1999, p. 332).

Por não terem frequentado grupos ou associações que reforcem as identidades nacionais dos seus ancestrais, as identidades italianas e japonesas, e por não terem relações institucionais com entidades que reforcem as identidades étnicas que envolvem esses grupos, e também, por terem tido a transmissão cultural dessas identidades interrompidas, no que concerne as transmissões dentro da família, restou-lhes moldar uma identidade que é sim fragmentada do ponto de vista das identidades sociais, essas nacionais e étnicas citadas, mas que é, no entanto, coerente e concisa no que diz respeito à identidade narrativa.

A construção das identidades nessa geração onde já havia ocorrido a união entre os diferentes grupos de imigrantes. A começar por Luíza, ao perguntar sobre o contato e a influência que ela teve de sua família, veremos que ela não atribui heranças culturais vindas desses grupos. Ela justifica o pouco contato com os parentes por outros motivos:

Heitor: aham. E voltando lá pra Rancharia, pra aquela época da infância, você tinha contato com os parentes do vô e da vô? Com os tios?

Luíza: não, os parente do vô, do do, do meu pai, nunca foi assim com nós. Nunca. Porque, a gente era pobre, e como a situação deles era melhor, eles nunca foram amigo da gente. A única que gostava de nós era a irmã do pai, a tia Tamiê. Quando eu morava em Prudente eu ia direto na casa dela. Ela era uma pessoa excelente, morreu. Era a única que, também era muito pobre, e era a única que gostava de nós era ela, porque, o resto que tinha situação financeira não ligava pra nós. A família do meu pai não ligou pra nós. E a família da minha mãe também ficou lá pra São Paulo,

era longe. Muito difícil vir em casa. Ai nunca mais se vimos, também. Parente de pai e mãe, nós somos bem afastados.

Heitor: chegou a conhecer seu vô?

Luiza: o meu vô Paschoal, eu lembro dele, que quando eu fui batizar, eu tinha seis anos, e eu fui lá pra tia Claudete me batizar. Eu lembro do meu vô. Muito bonito, dos olho azul. Eu alembro. Mas eu fiquei quatro dias lá em São Paulo, não tenho muita lembrança. Eu tinha seis anos na época, entendeu? Eu sei que ele andava de bengala, ai ele chegava, e embaixo da janela tinha uma caminha de solteiro. Ai, ele vinha e nem entrava na casa, ele vinha pela janela e jogava bombom Sonho de Valsa, pra mim. Pela janela ele jogava uns doces, e saía. Agora minha avó era cega, ai num. Num tinha aquela coisa com a gente. Ela não, não se expandia né. Só via ela, ficava sentada na cadeira. A família da minha mãe também afastou. Eles também eram bem de situação. A mais pobre era minha mãe mesmo. Então... não teve contato.

Nota-se que no caso de Luiza, o que determinou o contato e a herança cultural, ou a falta dela, foram fatores econômicos. Abaixo agora na entrevista com Ana, que é a filha mais velha, veremos que ela trabalhou com as identidades dos italianos e japoneses, ora para criticar, ora para exaltar, mas para enfim construir sua própria identidade e fazer uma autoanálise de si e da família. Ele relembra que das poucas vezes que foi a São Paulo e teve contato com a família da sua mãe, a rede dos Campopiano, identificou algo como uma característica peculiar daquela rede familiar que ela rejeitou em sua própria identidade.

Ana: Nunca tive assim contato de dizer pra ela como que era, como que ela veio, o pai dela. Nunca tive isso com a minha vó. Chega já e só briga, só discussão, só problema. Eu ficava é doida pra eu ir embora é logo.

Heitor: eles brigavam por pouca coisa?

Ana: pouco! Pouca coisa. Uma tia tinha falado da outra alguma coisa, ai já virava uma briga. Uma coisinha de nada, de nada. As vezes uma bobagem. Ai já era motivo pra brigar. Ai não dá gosto né? Você chega numa pessoa e ela fala, “aquele fulano não vale nada, é um vagabundo”, e bam bam bam, ai você não, você acaba ficando meio constrangido, na casa até dessa pessoa. Então você faz o possível pra não puxar certas coisas pra não dar problema. Na verdade...

Heitor: eles brigavam e voltava, brigavam e voltavam?

Ana: ah, brigavam, depois, cê sabe como que é né? A italianada, briga, briga, depois daqui a pouco fala, “vamos comer, vamos fazer festa”, é assim. Briga hoje e amanhã já está tudo de bem, tudo junto, é assim. A italianada daquele tempo, do pessoal da minha avó era assim. Briga, dali a pouco tá de bem, dali a pouco brigava outra vez, é... assim. Italianada brava. (risos)

No trecho acima Ana fala dos italianos como apontando defeitos de suas características e suas “italianices”, mas logo em seguida ela mostra tais fatores como positivos, agregando-os para sua própria identidade e da sua família.

A gente brigava, claro, todo mundo briga, os irmãos faz coisa certa, coisa errada. Mas o importante é que tá junto. A gente acho que puxamos um pouco da família de italiano. Os italianos, brigam, brigam com os irmãos, mas se uma pessoa de fora entrar, ele apanha. Então acho que nós puxamos um pouquinho disso, sabe? (risos) A gente fala as vezes dos irmãos, mas se alguém for falar qualquer coisa, a gente não aceita, a gente enfeza. É isso aí.

O mesmo ela faz com os japoneses. Primeiro, ao falar dos tios, aponta como se fossem defeitos:

Ana: mas quando a gente ia lá que a gente era mais pequeno na casa deles, eles não conversavam com a gente. Eles eram envergonhosos sabe? Ai a gente chegava e eles subiam tudo pra cima da casa. Ficavam olhando a gente de cima da casa. De cima assim, andavam e a gente ficava só escutando as risadas sabe? Então eles não vinham conversar com a gente.

Em seguida ela aponta as características positivas do que considera o jeito de ser dos japoneses, aderindo como sua própria identidade, sendo que esta identificação é baseada nas experiência de vida, individuais e com a família, pelas histórias que viveram juntos. Por isso se tem argumentado na pesquisa que a identidade de constrói através da narrativa que o relato de cada um revela, de forma que a pessoa vai montando sua própria estratégia identitária:

Ana: apesar de todas essas coisas que nós passamos na vida Heitor, uma coisa que a gente pode orgulhar, eu falei pras minhas filhas: “Se um dia vocês forem, tanto pra Rancharia, como pra Rondonópolis, cêis tenham orgulho. Levantem a cabeça, põe a cabeça pra cima, e tenham orgulho, porque dentro da Rancharia, ninguém pode falar mal dos seus tios, e da sua mãe, porque a gente toda vida fomos honrado.

A: e aqui também em Rondonópolis, vocês podem ir em qualquer lugar, perguntar de mim e do seu pai, e todo mundo vai falar só bem”. Isso daí, pouca gente pode se orgulhar de falar disso, com a garganta, não é só com a garganta aqui não, é com o coração, e com a verdade. Porque vou falar, nós somos honrados, nós somos honestos, nós nunca fizemos nada errado, graças a Deus, apesar dessas dificuldades.

A: minha mãe foi uma heroína, porque ela lutou coitada, minha mãe, pra gente ser hoje o que a gente é. E eu falo pras minhas filhas, vocês podem ter orgulho, de chegar com a cabeça em pé, porque ninguém vai falar mal de vocês, “porque seu pai e sua mãe é sem vergonha. Ou porque seu pai ou sua mãe me deu um prejuízo, passou a perna em nós”, nunca. Ou foi sem vergonha, nunca. Ninguém pode falar isso. Eu acho que é uma honra pra uma pessoa. Né? É verdade. Dignidade acima de tudo.

A: porque cê sabe que o japonês, ele, ele é uma raça de honra. Porque os chineses, eles trabalham, são pessoas trabalhadoras. Mas o japonês em si, eles são um povo de honra, eles têm brio. Eles têm vergonha das coisas. Então acho que isso daí, nós puxamos da nossa raça, puxou, graças a Deus, dos japoneses, tem. Sabe? Gosta de fazer as coisas bem feito, gosta de ter capricho naquilo que faz. Eu acho que isso daí a gente puxou, essa, essa, esse caráter, acho que foi.

Da segunda para a terceira geração prevaleceu no geral a mesma estratégia. Esta história relatada por Roberta, da terceira geração, quando pergunto a ela sobre a “italianada”, ela relata um episódio que viveu com a família de sua avó Concetta. Primeiro ela responde, estimulada pela minha pergunta, que assim como Ana da segunda geração ela as via como briguentas, inclusive dizendo ter ouvido essa versão da própria Ana; mas em seguida relata um episódio como vivido por ela mesma para dar a sua impressão particular, em ocasião em que estava em São Paulo com Concetta e outras tias-avós dos Campopiano.

Heitor: Família grande, é... a avó mesmo fala com essas palavras, “a italianada.” Que que você lembra... ali, não sei se você lembra vagamente ou se ouviu de terceiros, mas o que você lembra dessa, que se pode dizer... dessa... origem cultural é... dessa família italiana, que tinha essa coisa, muito irmão, eles brigavam aí depois já tava bem, depois já... gritaria né?

Roberta: As tias mesmo falam, tia Ana mesmo fala que ela lembra de ir pra lá e ouvir uma gritaria e aí era uma tia chorando mas dali a pouco, dava dez minutos já estavam se abraçando e era choro e risada.

Depois ela conta de um episódio que viu quando criança em um hospital, mas que não fica claro onde ou quando, mas que tenta relembrar como era a convivência das tias avós:

Roberta: é, eu via assim, quando eu ia na bisá Anna (mãe de Concetta), na bisavó, aí chegava lá era engraçado porque, né... eu chegava lá e todo mundo falava em italiano. Né? Mas falavam pra que nós, né, que no caso, não entendesse. Então eu não entendia nada né, do que tava falando, a vó... que a Nenela né? Que todo mundo chama ela de Nenela, e a tia Dete.

R: E elas falavam muito em italiano e... quando você começa a ver você não sabe (riso) se estão conversando ou se estão brigando. Né? porque gesticula muito, né fala alto. E eu via isso e quando juntava blocos, os irmãos dela, frequentemente eles falavam italiano.

R: Quando a...a tia Leonor, que foi internada, aquela história triste, é... a gente foi vê-la né? Eu, a vó e a tia Dete, a gente foi visitar a tia Leonor, e... de repente as três começam a cantar em italiano e quando eu fui ver aquilo contagiou de um tanto que estavam todos os loucos cantando também.

R: então foi uma coisa marcante. Não sei se isso contribui pra o quê você quer saber né Heitor, mas o que eu lembro é isso.

Como foi dito, na disputa entre identidades italianas contra identidades japonesas, de uma modo geral tanto na segunda como na terceira gerações, prevalece uma preferência aparente pela segunda devido a fatores tanto do histórico da família como do contexto geral do senso comum. Perguntei ao Rogério quais suas impressões sobre Maria Kinoshita quando esteve lá no início dos anos 1990 atrás da documentação da família:

Heitor: falar um pouco dessa, da experiência, por exemplo, você foi lá em Mogi.

Rogério: aham.

Heitor: o tipo de pessoa, que a gente tá falando dessa origem, italiana e japonesa.

Rogério: isso.

Heitor: que até sua mãe já falou numa entrevista que, que... os italiano eles, tinham aquela coisa.

R: éééé.

H: de falar e tal.

R: éé. A vó brigava muito. E a vó é italiana mesmo. Ó, lá em Mogi, é a maior paz do mundo. Aqueles povo era muito tranquilo sabe. Um povo bom, cuida de. Tratou eu muito bem. E, e, e comida pra lá, e comida pra cá. E cuidava e tal né. E, e lá na vó não. Na vó, as vezes que eu vi era só mais ou menos, era só brigar (fala rindo). A vó ia lá só pra brigar. Brigar com a tia Dete. Que a tia Dete, deixava a bisa. E não cuidava direito da bisa. Porque ela que cuidava da bisa né. E aí a vó sempre, toda vez que eu via lá tinha briga. Mas italiano é isso mesmo. É, briga e briga mesmo.

Deyse, além de relatar também que tudo que soube, viu ou escutou sobre a origem italiana eram brigas e conflitos familiares, acrescentou o fator “mistério” como sendo uma causa até pelo seu desinteresse pelas identidades italianas.

Deyse: foi. Então assim, o que eu vi, foi que parecia sempre ter conflitos. Né? É... sempre brigas, tudo da vó, foi relacionado a brigas. Né? Era a irmã que tinha tomado um noivo da outra irmã, que engravidou e aí teve brigas, separou a família, mas nunca as histórias (interrompe), não sei se porque nós éramos pequenas mas nunca as histórias eram meio cercadas de mistério.

D: de algumas coisas. Então assim, era até o limite (com ênfase) que eu podia saber (risos). Aí você imagina que, mas porque que aconteceu tal coisa? “Ah, um outro, um outro... é... cunhado que abusou de uma sobrinha, duma cunhada que era mais nova”. Então era sempre coisas estranhas... “ah, de uma vó que chegou grávida e uma irmã bateu. As histórias não casavam assim, por mais que cada, que cada (pausa), cada história era cercada de muito mistério.

Ela diz portanto que:

Deyse: a parte japonesa me interessava mais, né? De querer conhecer, de querer saber algumas coisas. De como é a cultura, apesar que foi um pouco nesse sentido né? Com o vô, mas... a italiana sempre (pausa), porque sempre há brigas, sempre discussão, sempre todo mundo discutindo, brigando, mistério. Coisas que você não conhecia, e que, que você sabia (com ênfase) que tinha alguma coisa estranha, né? Mas que não te era revelado, só era as pequenas histórias, né?

D: outra aqui... E você vê que (interrompe). Porque, mas... como que uma irmã bate da outra irmã grávida, grávida não, acabando de ter um neném?

D: Que ódio (com ênfase) é esse, que chega a uma irmã a bater na outra que acabou de ter um filho, né? Porque o pai nunca aceitou a, a.. filha dentro de casa? Uma filha, que por mais que tenha tido problemas anteriormente, é... que era dito pra gente que era... era porque casou com japonês, que não sei o que, mas sabia que tinha algum mistério ali. Porque na realidade, nenhum pai também sabendo que a filha tava com dois filhos, acabou de ter um neném, apanhou da irmã e deixa na rua. Então assim, umas coisas meio (riso). Então eram umas coisas que sempre, nunca, da parte italiana nunca me fascinou, ou me trouxe alguma coisa.

Na entrevista de Laila da terceira geração também aparece essa disputa entre identidade italiana e identidade japonesa, sendo que em seu quarto, no momento da entrevista, tinha pendurado no armário duas flâmulas uma de cada país. Ao ser perguntada sobre os objetos de memória ela responde:

Laila: então, essas flâmulas vamos dizer assim, eu comprei no, no Museu da Imigração. Em São Paulo. Brás eu acho. Brás né? Que uma vez eu tava de férias, fui. Ai eu fui procurar, procurei o sobrenome da família do vô né. Sumida. Não achei. Ai fui procurar alguma coisa da família da vô. Depois de cê ficar todo emocionado com tudo, ai já tem um monte de souvenir pra vender. Ai que cê já tá emocionado, cê gasta né.

Portanto, com esse relato, fecha-se a ideia de que para a terceira geração, que em termos de geração migratória é de tataranetos de italianos (pois Concetta é neta de italianos) e bisnetos de japoneses (pois Mituoce é filho de japoneses), o jogo identitário se fez, conforme se tem tentado demonstrar nesta pesquisa, através de um processo de reconstrução em relação às origens, e que na disputa entre identidade japonesas contra italianas, a maioria dos entrevistados demonstrou ter orgulho das primeiras.

Nílvia: a única coisa que eu tenho, eu tenho na minha casa uma quarto japonês pra visita. Que já vem oriental.

N: porque, a gente buscou aquela coisa. Eu tenho uma linhagem. Você parece, as pessoas falam assim, ai... Quando eu falo, antes era brincadeira. Porque o meu sobrenome na escola, geralmente era brincadeira. “Sumida”. Já virava sarro. “Ae Sumida”, então, não era legal, né.

N: hoje que a gente vê, a maturidade também vem. A gente vê a importância de quem a gente, o que que a gente contribuiu pro país. Porque, a minha descendência sim, eu tenho história porque, os meus avós, meus bisavós, meus pais vieram, trazer a cultura, né. Veio pra trabalhar. Então, saber que eu, eu... não surgi. Eu não vim do nada. Eu vim, de descendentes de japoneses, que contribuíram muito né, pra nosso, país bendizer.

N: e, e a minha família contribuiu. Então, alguma coisa, alguma importância a gente trouxe, tanto é que, que tá a buscar. Todo mundo falava, “não a gente tem uma história ai”. Mas perdida, no tempo.

N: Porque, eu acho assim, que minha mãe fala que perdeu porque meu avô casou com brasileira. Então minha vó não tem a tradição, de ter passado. Eu falo, mãe, que tradição? Tudo muito difícil, passava fome. Vai comprar o que? O que eu ia falar? Que cultura?

Por outro lado, contrastando com essa visão na necessidade por uma busca genealógica, está no relato de Iran uma demonstração de desinteresse por pesquisar as origens:

Heitor: bom, ai, um dos focos da entrevista é, a questão da origem migratória, da sua família, que é minha família também, que é a sua origem. Imigrantes japoneses né, os pais do vô. Os nossos bisavôs eram nascidos no Japão. E os nossos tataravôs nascidos na Itália. Então que que isso, mudou alguma coisa assim, na sua vida? Você teve contato, você sabe alguma coisa do antepassado da família, do vô, da vó.

Iran: não. Eu nunca procurei saber, só da vó pra frente, e do vô.

H: e assim, mas e o... o que você sabe? Você lembra alguma coisa de, alguma história do vô?

H: porque tem a... ninguém sabe direto o vô, como é que... falam que perdeu, quando era criança ele mudou pra Prudente. Morava em outra cidade.

I: É, mas eu assim eu num, não sei. Eu nunca perguntei assim pra minha mãe. Eu nunca procurei saber assim de nada assim, eu sou sossegado eu, eu só vivo o presente, e o futuro que eu tô vendo. Pra trás eu não ... nunca procurei não.

Com seu irmão Iranilson aparece outra identidade até então oculta, uma identidade mais local que até então não havia aparecido diante das identidades nacionais, e nem pelas identidades religiosas postas aqui pelas origens dos entrevistados das primeira e segunda gerações, mas que, pela trajetória da família, pelo que foi discutido sobre as migrações na subseção 4.2.1, teve a sua explicação baseada na narrativa familiar no que concerne a ida para o Estado do Mato Grosso. Ele diz ser mato-grossense, o que confirma que as identidades vão agindo e se reconstruindo mesmo na medida do movimento humano e dos processos abertos de reconstrução constante da memória e da identidade, que sempre está condicionada a sua vivência do presente, que é justamente o momento em que a identidade se revela.

É, sinto muito. No começo, quando eu mudei pra Rondonópolis, em 1980... eu senti muita falta de lá. Muita mesmo. A vontade minha era voltar em sequência, pra Rancharia. Mas com o passar dos anos, sou, sou paulista, de coração mesmo, minha terra que eu nasci que eu amo de paixão. Mas hoje se eu me considero hoje um mato-grossense. Pela quantidade de ano que eu vivo dentro de Rondonópolis. São 33 anos morando dentro de Rondonópolis.

É possível então pensar que não vemos sujeitos em crise de identidade com a decadência das identidades nacionais e étnicas e sim sujeitos que constantemente refazem suas tradições e refazem sua identidade, à maneira do que Paul Ricoeur chama de identidade narrativa. Para ele: “o estatuto epistemológico da autobiografia parece confirmar esta intuição (...) o conhecimento de si próprio é uma interpretação, - a interpretação de si próprio, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada” (RICOEUR, 2000a, p. 1).

Esta pesquisa se propôs a analisar a herança cultural de uma família brasileira descendente de imigrantes, para tentar verificar os choques de identidades através do que foi observado e interpretado das narrativas orais das histórias de vida do núcleo escolhido, no qual procurou-se aqui identificar os agentes sociais e políticos promotores desses choques, bem como as possíveis consequências advindas dos choques, considerando as relações entre os sujeitos estudados, e deles com o resto da sociedade.

Giralda Seyferth (2011), uma referência em estudos migratórios no Brasil, aponta para o que considera um equívoco até hoje recorrente, de que "as teorias da migração nem sempre contemplam a cultura, assunto tão relevante quanto as representações da identidade construídas por indivíduos e grupos a partir dela, formando enunciados simbólicos que apontam a ideologia como sistema cultural" (SEYFERTH, 2011, p.48). Aliás, "a noção de diferença cultural, no caso das migrações, remete às ideologias de pertencimento e seus usos, inclusive políticos, diante das situações de desigualdade no âmbito do Estado-nação" (SEYFERTH, 2011, p.48). Algumas identidades permanecem, como foi mostrado na pesquisa, e como os próprios entrevistados falaram, apontando hábitos, gestuais, formas de organização social, conceitos e ideias sobre temas gerais como trabalho, religião conforme foi debatido aqui.

Existem também outros importantes aspectos que esta pesquisa não contemplou, mas que mesmo no senso comum a sua importância foi ressaltada, como na entrevista com Caroline que cita a importância das questões genéticas das genealogias.

Caroline: eu lembro também que a mãe da vó, ela tinha diabete, né? Tem a preocupação...né, né... cultural, né? E tem a preocupação de você saber um pouco da tua história, eu acho que todo mundo tem que ter esse conhecimento sim. Agora de patologias, eu lembro que a mãe da vó, parece que ela era diabética, que por causa da doença que não teve controle tinha acontecido varias... amputações, se eu não me lembro. Mas eu acho que todo mundo teria essa, digamos, obrigação sim, de saber da sua história, até pra...pra poder passar isso pra frente pra que isso não acabasse.

E alguns trechos das entrevistas também mostraram que os entrevistados, mesmo professando um discurso de senso comum, sentem duramente as mudanças tecnológicas e inconscientemente refletem sobre como as identidades mudam com isso. Sobre isso já foi citado Nelly Richards (1999) que fala sobre "tecnologias do esquecimento experientes em suprimir as articulações biográficas e históricas das sequências cronológicas e em apagar a problematidade de seus enlacs (RICHARDS 1999, p. 332). A entrevistada Tracy Kelly fala sobre essas sensações de eminente perda:

Kelly: Eu tenho a minha filha, a minha filha tem treze anos. Eu vejo que as coisas mudam muito. Eu aos treze, jamais minha filha é o que eu fui aos treze anos.

Vamo colocar, hoje tem o *WhatsApp*⁴². Então o *WhatsApps* acelera as coisas numa velocidade que você, choca. Eu, eu fico chocada. Com a velocidade das informações que tem hoje em dia. Então cê imagine, o que será isso daqui, daqui dez anos. As gêmeas tem seis anos. As gêmeas aos dezesseis anos, eu acho que vai tá muito além. Então eu, procuro hoje dá o freio.

Hoje, eu moro em prédio, eu sei que se minhas filhas descenderem todos dias e com os amiguinhos. A informação é tão grande, que minhas filhas vão do seis pros dezesseis muito rápido. Então eu procuro deixar mais em casa, amiguinha vem em casa, aquela coisa. Pra você preservar, o que é a família, o que é a mãe. A visão da mãe, a visão do pai.

No plano do presente, embora acredita-se aqui no que diz Candau (2011) sobre a dita crise de identidade ter uma perspectiva de mudanças, deve-se ter a preocupação sobre tudo com aquilo que Ricoeur coloca como artifício da identidade *idem*, e do perigo da zona invisível de recobrimento da identidade *ipse* pela identidade *idem*, movimento que também foi mencionado nesta pesquisa como um movimento de identidades petrificadas, que teriam “medo da perda”. Pois como argumenta Joutard (2000):

Porque há identidades abertas e identidades fechadas e , sejamos realistas , espontaneamente a identidade se fecha , porque defende o que acredita ser sua "integridade", reage contra tudo que lhe parece estrangeiro, é exclusivista, e o perigo da xenofobia e do racismo não está distante. É em nome da memória e da identidade

⁴² Aplicativo de celulares usado para comunicação instantânea entre os usuários.

que os protestantes e católicos irlandeses vêm se matando , há décadas, e que ocorreram os enfrentamentos que conhecemos na antiga Iugoslávia. Foi em nome das identidades nacionais que houve as primeiras grandes hecatombes do século XX - refiro-me à Primeira Guerra Mundial. Sobre este ponto, estamos na linha de frente, a história oral tem pesada responsabilidade : manejamos a "dinamite" e, até, o "nuclear". Trazer à luz o patrimônio oral, instrumentalizado, pode contribuir para fortalecer as identidades simplificadoras, maniqueístas, que excluem, portadoras do ódio e da morte. Tenho a ilusão de acreditar que podemos ajudar as identidades fechadas a se abrirem, desempenhando nosso papel pleno de historiadores e historiadoras, e não o de simples memorialistas (JOUTARD, 2000, p.43)

Ele prossegue dizendo que deve-se prezar pelo caráter de “mestiçagem” da identidade para que não sejam mortíferas:

Para que as identidades não sejam "mortíferas", querizei; portadoras da morte , é preciso que saibam mestiçar -se, ou seja, reconhecer a necessidade de contribuições exteriores, estrangeiras. A história oral, que por seu permanente recurso à memória é um poderoso vetor de identidade, pode ajudar as identidades a efetuar esta mestiçagem necessária, antídoto do fechamento: em primeiro lugar, ela demonstra que em suas próprias construções as identidades já são mestiças , e que basta , portanto, que permaneçam fiéis a esta origem ; assim, ela pode ajudá-las assumindo completamente sua própria mestiçagem , suas ambiguidades (a ambiguidade do próprio nome "história oral") e sua diversidade (JOUTARD, 2000, p.45).

Encontrou-se aqui na análise das narrativas uma ferramenta teórico metodológica que permitiu que fosse lançado um olhar sobre a cultura em um sentido amplo, sendo que de maneira alguma o assunto se deu por encerrado, ficando, ao contrário, entendido que tanto as memórias como as noções de identidade são parte de uma disputa constante e ininterrupta de se buscar uma consciência de si, tanto em termos individuais como coletivos. Compreende-se, deste esforço de pesquisa que a narrativa:

Não dá por encerrado o problema da identidade pessoal e da permanência no tempo , que é um dos pontos importantes que está por trás deste problema , justamente porque sempre se pode narrar de outro modo aquilo que aconteceu, o que nos leva ao inacabamento e a permanente indagação afim , 'Quem é o si - mesmo?' Mas isto não quer dizer que a narrativa não seja uma boa resposta ao problema se consideramos as noções de coesão e unidade de vida no contexto das histórias que são contadas a fim de torná-las compreensíveis as ações que são realizadas e sofridas por alguém (NASCIMENTO, p. 227).

A identidade de família, baseada na memória familiar advinda de uma convivência de pessoas, como já citado por diversos autores, é o laço vivo das gerações. É onde a transmissão cultural e memorial se faz visível mais naturalmente. É, como diz Candau (2011), uma identidade viva, e que por isso as pessoas se identificam, não integralmente, mas na interação entre *ipse* e *idem*., de acordo com cada narrativa individual. E como mostra a ilustração

abaixo, no caso da família estudada, houve uma apropriação da ancestralidade nos do jogo identitário. Por isso o entrevistado Eduardo por exemplo associou o seu método de trabalho com valores ancestrais supostamente advindo das origens familiares.

Ilustração 6: logotipo do método criado pelo entrevistado Eduardo Perez Sumida (fonte: Internet)

Comprova-se portanto a força da identidade de família, que se apresenta com profundidade memorial e ao mesmo tempo mobilidade narrativa. Sobre essa perspectiva de uma identificação do humano com a própria linhagem ancestral, nas conclusões do livro *O si-mesmo como outro* (2014), Ricoeur pondera e clama por uma filosofia que amplie a ideia que assuma a epifânia que o filósofo, enquanto filósofo:

Precise confessar que não sabe e não pode dizer se esse Outro, fonte da injunção, é um outrem que possa considerar ou que possa me contemplar, ou meus ancestrais dos quais não há representação, a tal ponto minha dívida para com eles é constitutiva de mim mesmo (RICOEUR, 2014, p.422).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA

A pesquisa com o estudo dos descendentes de imigrantes em questão e a presença do pesquisador de dentro, realizada utilizando-se de uma abordagem interdisciplinar, tentou mostrar que os conceitos relacionados ao “ser italiano” e “ser japonês” enfraqueceram ao longo das gerações estudadas por terem justamente perdido o seu sentido prático, nas palavras do senso comum, por terem se transformado em “história”, se incorporando como parte da trajetória do grupo referente a um passado mais ou menos determinado.

No entanto, também pareceu evidente que muitas identidades, no sentido delas como veículos de uma herança cultural, permanecem por meio dos indivíduos e instituições, mesmo que o sujeito não se dê conta disso ou as rejeite, ficando portanto clara uma discrepância entre aquilo que é “falado”, aquilo que é “dito”, como representação do que cada um pensa sobre um 'si-mesmo', e aquilo que caminha de maneira invisível, de um 'si-mesmo como um outro', evidenciando que alguns comportamentos culturais permanecem ao longo de gerações como se estivessem marcados nos grupos sociais.

Novas pesquisas e novos campos científicos apontam para um esforço humano na busca de compreender essas questões. Áreas como a Psicologia Cultural passa a considerar a cultura em seu aspecto social e compartilhado como também parte de inconscientes individuais e coletivos.

Acredita-se aqui, portanto, que para avançar precisamos contemplar um futuro no qual a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade possam ser levadas ainda mais adiante, promovendo estudos inéditos com o cruzamento de áreas aparentemente inconciliáveis hoje. Pois só assim o conhecimento científico superará barreiras da ideologia que separa tudo dentro de muros e fronteiras definidas, sendo que a questão talvez não seja derrubar todas essas divisões que nos limitam mas também nos permitem viver como vivemos hoje, mas sim, apenas, buscar os pontos de conexão e convergência de todas as esferas das possibilidades.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 3^a ed., 2013.
- ARRUDA, G. Cidade e Sertões: historiador entre a história e a memória. **Proj. História**, São Paulo, (191), nov. 1999.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi** \ tradução; Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BERTONHA, J. F. BERTONHA, J.F. **Os italianos**. São Paulo. Contexto, 3^a ed., 2014.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 16^a ed., 2010.
- _____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOYD, M. Family and Personal Networks in International Migration. **International Migration Review**, vol. 23, n. 3. 1989.p.638–69.
- CANDAU, J. **Memoria e Identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. – São Paulo, Contexto, 2011.
- CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre estudos culturais**. 2^a edição. São Paulo: Boitempo, 2008 (1^a ed. 2003).
- CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ARANTES, A. A. [et al.]. **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. 3^a ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, p. 15-42.
- DEMARTINI, Z. B. F.. Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses : elementos para a história da educação brasileira. *Educação & Sociedade*, ano XXI, no 72, Agosto. 2000.

_____. Relatos orais, documentos escritos e imagens: fontes complementares da pesquisa sobre imigração. **História, memória e imagens nas migrações: abordagens metodológicas**. 2005. p.99-133.

_____. Viagens vividas, viagens sonhadas: os japoneses. In: **Família em São Paulo: vivências na diferença**. São Paulo: CERU/Humanitas (Coleção Textos. Série 2, n.7), 1997.

DUARTE, L; GOMES, E. C. **Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FONER, N. "The Immigrant Family: Cultural Legacies and Cultural Changes." **International Migration Review** 31:961–974, 1997. Read more: Immigration - Immigration's Effect On Families - Gender, Poverty, Family, Family, and Country – Jrank Articles <http://family.jrank.org/pages/844/Immigration-Immigration-s-Effect-on-Families.html#ixzz1wzK2Ulbn>. Access on 06 June 2012.

FREYRE. G. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 50^a ed. São Paulo: Global Editora, 2005.

FRÚGOLI JR., H. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2007.

GABACCIA, D. **From Sicily to Elizabeth Street : Housing and Social Change Among Italian Immigrants, 1880-1930** SUNY Series in American Social History. 1994.

_____. Is everywhere nowhere? Nomads, nations and the immigrant paradigm of United States history. **Journal of American History** 86: 1115–1134. 1999.

GAMBINI, R. Corações partidos no porto de Gênova. **Estudos Avançados**, São. Paulo, v. 20, n. 57, 2006. Disponível em: www.sicelo.br. Acesso em: Fevereiro de 2012.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1a edição, 13a reimpressão. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HOBBSAWN, E. J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**, tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 15^a edição, 2001.

IBGE . Resistência & Integração-100 Anos de Imigração Japonesa no Brasil, 1a.ed., 2008, 212p.

JOUTARD, P. Desafios à história do século XXI. In: ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

KOTRE, J. A verdade e a utilidade das histórias. In: Magalhães, V.; Santhiago, R. (Orgs.). **Depois da Utopia: A história oral em seu tempo**. São Paulo: Letra e Voz/ Fapesp, 2013.

LANG, A. B. S. G. . História Oral e migração: a questão do regresso. **Oralidades - Revista de História Oral** , v. 2, p. 15-31, 2007.

_____. Trilhas da pesquisa, convicções e diversidade. In (Orgs.). **Depois da Utopia: A história oral em seu tempo**. São Paulo: Letra e Voz/ Fapesp, 2013.

LEÃO NETO, V. C. **A Crise da Imigração Japonesa no Brasil, (1930-1934): contornos diplomáticos**. Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, 1989, 8vo, 360 pp., tabelas, brochura.- (Relações Internacionais, n.10).

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. **A outra face da lua: escritos sobre o Japão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MAGALHAES, V. B. . Imigração: Subjetividade e Memória Coletiva. **Oralidades: Revista de História Oral**, v. n 1, p. 23-32, 2007.

MAGALHAES, V. B; SANTHIAGO, R. (Orgs.). **Memória e diálogo: escutas da Zona Leste e visões sobre a história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. 186 p.

_____. (Orgs.). **Depois da Utopia: A história oral em seu tempo**. São Paulo: Letra e Voz/ Fapesp, 2013. 250 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.

Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo , v. 17, n. 49, June 2002 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=en&nrm=iso)

69092002000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 22 May 2014.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002> .

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**. Vol. VII, No 13, p.31-44. Jan – Jun. 2002.

MAUAD, A. M. Fontes de memória e o conceito de escrita videográfica: o propósito da fatura do texto videográfico Milton Guran em três tempos. **Oralidades: Revista de História Oral**, v. n 13, n 1, p. 141-151, jan-jun. 2010.

_____. Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares. **Proj. História**, São Paulo, (22), jun. 2001

MCCLEARY, L. E. . História oral: Questões de língua e tecnologia. In: MAGALHÃES, SANTHIAGO (Org.). **Memória e diálogo: Escutas da Zona Leste, visões sobre história oral**. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2011, v. , p. 93-123.

NASCIMENTO, C. R.. Identidade Pessoal em Paul Ricoeur. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

PEDRAZA, S. Women and Migration: The Social Consequences of Gender. **Annual Review of Sociology**, Vol. 17, pp. 303-325. Nivalainen, 1991.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p.3-15. 1989.

_____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1989.

RAMOS, J. de S. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. In MAIO, CHOR (org.) **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2006, p. 59.

RICHARD, N. Políticas da memória e técnicas do esquecimento, p.321. In: MIRANDA, Wander Melo (organização). 1999.

RICOEUR, P.A Identidade Narrativa. In: CORREIA, Carlos João. A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal. Tradução comentada de “L’identité Narrative” de Paul Ricoeur. **Arquipélago** 7, 2000, p. 177-194 Disponível em <metafisica.no.sapo.pt/ricoeur.html>. Acesso em 02/12/2012.

_____. Identidade frágil: respeito pelo outro e identidade cultural. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/identidade_fragil> , Portugal, 2000.

_____. **O si-mesmo como outro**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

_____. **Tempo e narrativa** – Tomo I. Trad. Marina Appenzeler. Campinas, Papirus, 1997.

_____. **Tempo e Narrativa** – Tomo III. Trad. Maria Appenzeler. Campinas, Papirus, 1997

_____. **Teoria da Interpretação**, Tradução: Artur Morão. Portugal: Porto Editora, LDA, 1995.

SAMARA, E. M. Patriarcalismo, família e poder na sociedade brasileira – séculos XVI-XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 11, n. 22, 1991.

SANTOS, B. S. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez. 1995.

SCOTT, P. Gerações e famílias: Polisssemia, mudanças históricas e mobilidade. **Sociedade e estado**, Brasília, v. 25, n. 2, Aug. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 24 Feb. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922010000200006>.

SENNETT, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Trad. Marcos Aarão Reis. 3^a ed. Rio de Janeiro. Record, 2003.

SEYFERTH, G. A dimensão cultural da imigração. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 26, n. 77, Oct. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092011000300007&lng=en&nrm=iso>. accesson 21 May 2012.

_____. Construindo a nação, hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In MAIO, CHOR (org.) **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2006, p. 41-57.

SIVINSKI, D. J. A Identidade Narrativa de Paul Ricoeur: pressupostos, referências e propostas. In: Seminário Internacional Linguagem, Interação e Aprendizagem e VII Seminário Nacional Linguagem, Discurso e Ensino, 2010. Porto Alegre. Anais ... Porto Alegre: 2010, UniRitter, Curso de Letras/ PPGLetras. Disponível em: http://www.uniritter.edu.br/mestrado/letras/linguagem_interacao/index.php?secao=e-ventos. Acesso em: Julho 2014.

TERUYA, M. T. A família na historiografia brasileira, bases e perspectivas de análise, Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Belo Horizonte, 2000. Disponível em internet:

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf> Acesso em: dezembro de 2013.

TEIXEIRA, P. E. **O outro lado da família brasileira: mulheres chefes de família**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

TILLY, C. “Transplanted networks”, IN: YANS-McLAUGHLIN, V. **Immigration Reconsidered**. New York/Oxford: Oxford University, 1990.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. Tempo soc., São Paulo , v. 20, n. 1, 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702008000100010>.

VAINFAS, R. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1986.

VÁRIOS AUTORES. **Uma epopéia moderna : 80 anos da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981. p.121-132.

VIEIRA, Francisca Isabel S. **O Japonês na Frente de Expansão Paulista**. São Paulo: Ed. Pioneira/USP, 1973.

Sítios consultados:

Portal de Prefeitura Municipal de Rancharia:

<http://www.rancharia.sp.gov.br/prefeitura/website/secoes/historia.asp>

Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo:

http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_evo.php

<http://www.worldometers.info/world-population/>

APÊNDICE A – árvore genealógica a partir de Mituioce Sumida.

Mituioce, irmãos e primos (1a geração); filhos (2a geração)

APÊNDICE B – árvore genealógica a partir de Concetta Campopiano Sumida.

Concetta e irmãos (1a geração); filhos (2a geração)

APÊNDICE C – árvore da segunda e terceira gerações

2a e 3a gerações

APÊNDICE D – Os arquivos de vídeo por ordem de realização da entrevista.

Entrevistado	Tempo total	Extensão *.M2T	Extensão *.MP4
Concetta	2 h 57 min.	31,80 GB	A ---- 384,9 MB (44 min.) / B - 629 MB ---- 1 h 12 min. / C - 286,7 MB ---- 33 min. / D - 225,6 MB / 26 min.
Ana	1 h 29 min.	16,10 GB	637,4 MB
Luíza	32 min.	05,87 GB	198,6 MB
Maria	1 h 51 min.	20,20 GB	A - 372,2 MB / B - 425,7 MB
Miguel	2 h 01 min.	22,00 GB	A - 426,3 MB / B - 417,1 MB
Iran	24 min.	04,43 GB	231,7 MB
Iranilson	23 min.	04,14 GB	218,2 MB
Rogério	56 min.	09,83 GB	443,7 MB
Nílvia	52 min.---	09,44 GB	439,8 MB
Deyse	60 min.	10,80 GB	565,2 MB
Caroline	40 min.	07,25 GB	338,8 MB
Roberto	56 min.	10,10 GB	395,8 MB
Roberta	1h 15 min.	13,70 GB	597,4 MB
Kelly	37 min.	06,72 GB	351,4 MB
Laila	25 min.	04,57 GB	228,8 MB
Eduardo	59 min.	10,70 GB	539,1 MB
Fabiano	42 min.	07,70 GB	399,0 MB
Neusa	1h 13 min.	13,40 GB	506,8 MB
Vanessa	52 min.	09,40 GB	426,2 MB

Fonte: autoria própria.

APÊNDICE E - Roteiro das entrevistas.

Primeira viagem: Rondonópolis, de 5 a 10 de setembro de 2012.

Concetta Campopiano Sumida: entrevistas realizadas entre quinta-feira e sábado nos dias 6, 7 e 8 de setembro, sendo um total de quatro entrevistas em três dias, mas para efeitos de pesquisa, todos os dias de gravação foram analisados como um único bloco. Todas as entrevistas foram feitas no sofá da sala da entrevistada e sem a presença de outras pessoas.

Ilustração: Concetta Campopiano Sumida (imagem capturada)⁴³.

Ana Mitsui Sumida Silva: entrevista realizada no sábado dia 8 de setembro na cozinha da casa da entrevistada. A entrevista foi feita com a presença de sua mãe Concetta que pediu para acompanhar e se posicionou atrás do pesquisador e da câmera, e com uma visão frontal de Ana. Durante alguns momentos, principalmente no começo da entrevista, Concetta participou em algumas respostas, mas depois de um momento acompanhou em silêncio até o final.

⁴³

As Ilustrações neste Apêndice são imagens capturadas do vídeo da entrevista. Autoria própria.

Ilustração: Ana Mitsui Sumida Silva (imagem capturada).

Luiza Massako Sumida: entrevista realizada no domingo dia 9 de setembro. O pesquisador esteve na casa de Luiza, mas a mesma se prontificou a dar a entrevista na casa de sua mãe Concetta alegando ser mais silencioso. E entrevista foi feita na ante-sala e Concetta ficou no cômodo ao lado, distando cerca de cinco metros da câmera, e não disse nada durante a entrevista. A televisão estava ligada no mudo.

Ilustração: Luiza Massako Sumida (imagem capturada).

Segunda viagem: Mogi das Cruzes, 30 de setembro de 2012.

Maria E. Kinoshita: fizemos a entrevistas em duas etapas, com cerca de uma hora cada. Entre esse intervalo foi mostrado a ela o álbum de fotos de seu irmão Mituioce. Estavam presentes também sua filha Helena, suas netas Cristina (filha de Helena) e Mariana (filha de Norberto), e sua nora Emiko.

Ilustração: Maria E. Kinoshita (imagem capturada).

Terceira viagem: local não divulgado, de 24 a 26 de janeiro de 2014.

Miguel Campopiano: a chegada em sua casa foi na sexta-feira dia 24 de janeiro, e a entrevista foi realizada no domingo dia 26 em seu escritório, logo após o café da manhã que tomamos todos juntos. Estavam presentes na casa sua esposa Cidália, sua sobrinha

Conceição⁴⁴ (filha de Concetta) e a fotógrafa Isabela Barbosa. A entrevista foi feita somente com a presença do pesquisador e entrevistado.

Ilustração: Miguel Campopiano (imagem capturada).

Quarta viagem: Rondonópolis, Cuiabá, Goiânia, Brasília, de 7 a 18 de fevereiro de 2014.

Iran Marcelo Bueno: entrevista realizada no sábado dia 8 de fevereiro de 2014. Fizemos a entrevista na sala de sua casa com a companhia de sua esposa Janine.

⁴⁴ Trata-se da mãe do pesquisador.

Ilustração: Iran Marcelo Bueno (imagem capturada).

Iranilson Bueno: entrevista realizada no domingo dia 9 de fevereiro de 2014 na área da casa de Iranilson, que mora na mesma casa que sua mãe Luiza em Rondonópolis. A entrevista teve que ser interrompida pois o entrevistado havia recém perdido esposa e filho em uma tragédia familiar. Após ser pausada por duas vezes deu-se por encerrada a entrevista.

Ilustração: Iranilson Bueno (imagem capturada).

Wander Rogério dos Reis: entrevista realizada no domingo dia 9 de fevereiro de 2014 no quintal da casa Ana e Francisco, pais do entrevistado. A entrevista foi interrompida duas vezes, uma pois uma pequena tartaruga se aproximou do tripé da câmera, e a segunda quando tocou o celular do entrevistado que teve que sair para ir buscar sua companheira Fran.

Retomamos cerca de uma hora depois por mais alguns minutos. Rogério cedeu cópias dos documentos listados nos ANEXOS 3 e 4.

Ilustração: Wander Rogério dos Reis (imagem capturada).

Nílvia Nádia Sumida Silva: entrevista realizada na segunda-feira dia 10 de fevereiro na casa da entrevistada. Estavam presentes seu marido e seu filho. Essa foi a última entrevista na cidade de Rondonópolis.

Ilustração: Nílvia Nádia Sumida Silva (imagem capturada do vídeo).

Deyse Regina Sumida Silva (12 de fevereiro de 2014): entrevista realizada na quarta-feira, dia 12 de fevereiro, em Cuiabá.

Ilustração: Concetta Campopiano Sumida (imagem capturada).

Roberto Mitsui Sumida (16 de fevereiro de 2014): entrevista realizada no domingo dia 16 de fevereiro em Brasília. A entrevista foi feita no salão de festas do condomínio onde mora Caroline, filha de Roberto.

Ilustração: Roberto Mitsui Sumida (imagem capturada).

Caroline Perez Sumida Ciocca (16 de fevereiro de 2014): entrevista realizada no mesmo dia e local da entrevista anterior. Foi a segunda e última entrevista feita em Brasília.

Ilustração: Caroline Perez Sumida Ciocca (imagem capturada).

Wilsy Roberta Sumida Sousa (17 de fevereiro de 2014): entrevista realizada na segunda-feira em Goiânia, na casa da entrevistada. Ao final ela cedeu uma carta que recebeu do avô Mituioce quando ele estava em Rondonópolis no início dos anos 1990 (ver carta no ANEXO 5).

Ilustração: Wilsy Roberta Sumida Sousa (imagem capturada).

Tracy Kelly Lopes Sousa (17 de fevereiro de 2014): entrevista realizada segunda-feira em Goiânia na parte da tarde. Foi a última entrevista da quarta viagem.

Ilustração: Tracy Kelly Lopes Sousa (imagem capturada).

Quinta viagem: Rio Claro, dia 27 de fevereiro de 2014.

Laila Regina Cardoso (27 de fevereiro de 2014): entrevista realizada em uma quinta-feira no apartamento da entrevistada.

Ilustração: Laila Regina Cardoso (imagem capturada).

Sexta viagem: Marília, dia 9 de março de 2014.

Eduardo Perez Sumida (9 de março de 2014): entrevista realizada em sua casa em Marília, com a presença de sua esposa Luciana e as filhas Duda e Rafaela. No momento da entrevista somente o pesquisador e o entrevistado estavam presentes na sala da casa.

Ilustração: Eduardo Perez Sumida (imagem capturada).

Sétima viagem: Rancharia e Paraguaçu Paulista, de 14 a 16 de março de 2014.

Fabiano Ricardo Sumida (14 de março de 2014): entrevista realizada em Rancharia na sexta-feira dia 14 de março, na área da casa do entrevistado. Estavam presente também sua esposa Jeane e a filha Maria Júlia (3 anos), que ficaram por perto acompanhando a entrevista, sendo que a pequena Maria Júlia algumas vezes foi até a presença do pai, fato que não interferiu na conversa.

Ilustração: Fabiano Ricardo Sumida (imagem capturada)

Neusa Satiko Sumita (15 de março de 2014): entrevista realizada no sábado em Paraguaçu Paulista. Gravamos na casa da entrevistada, que também cedeu fotos e documentos que foram utilizados na pesquisa.

Ilustração: Neusa Satiko Sumita (imagem capturada)

Vanessa Renata Sumida (16 de março de 2014): a entrevista realizada no domingo dia 16 de março, feita no quintal da casa de seu irmão Fabiano. Houve alguma interferência das crianças presentes na casa em alguns momentos, de Kayky (11 anos), filho de Vanessa, e Maria Julia, filha de Fabiano. Havia também um clima festivo pois era a primeira vez que Fabiano e Vanessa conheciam a Neusa Satiko Sumita, que foi de Paraguaçu até Rancharia junto com o pesquisador para conhecê-los. A entrevista com Vanessa foi a última de toda a pesquisa.

Ilustração: Vanessa Renata Sumida (imagem capturada)

APÊNDICE F – Cartas de Cessão assinada pelos entrevistados

_____, de de 20__

CARTA DE CESSÃO

Eu, _____,

autorizo que minha entrevista gravada em / / seja arquivada na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP e que uma cópia da mesma fique sob os cuidados de Heitor Cardoso, em formato gravado e escrito. Autorizo também que minha entrevista seja utilizada para fins de publicação, por Heitor Cardoso. Esta autorização exime meus descendentes dos direitos sobre a entrevista.

_____, de de 20__

CARTA DE CESSÃO

Eu, _____,

autorizo que minha entrevista gravada em / / seja arquivada na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP e que uma cópia da mesma fique sob os cuidados de Valéria Barbosa de Magalhães, em formato gravado e escrito. Autorizo também que minha entrevista seja utilizada para fins de publicação, por Valéria Barbosa de Magalhães. Esta autorização exime meus descendentes dos direitos sobre a entrevista.

ANEXO 1 - Registros de Matrícula de Entrada dos Imigrantes na Hospedaria do Imigrante.
Acervo Público do Estado de São Paulo / Museu da Imigração⁴⁵.

Pesquisa Registro de Matrícula

Livro 01C	Página 153	Família 45580	Número Ordem 1		Chefe								
Sobrenome ITSUNODA	Nome TATSUJI	Parentesco CHEFE	Nacionalidade JAPONEZA		Idade 20								
Estado Civil CASADO	Procedência	Destino RIBEIRÃO PRETO	Vapor ITSUKUSHIMA MARU		Chegada 29/04/1912								
Nacion. Trad JAPONESA - 18	ContaGov	Sexo M	Religião ACATHOLICA		Ler SIM								
Profissão AGRICULTOR	Fazendeiro JOSÉ MORAES BUENO	Observação POR CONTA DO CONTRACTO DE 4 DE OUTUBRO DE 1910.											
Notas													
Dest_Est	Res_Local SAGA	Res_Pais JAPÃO	Res_Tempo										
DesemBra SANTOS	Não Bra	Bra_Lugar	Bra_Tempo										
PQEntraram	Repatriado	Porto Emb.	Ferrovia										
Data Nasc.	Data Part.	Filiação	Introductor TAKEMURA YOYEMON										
Condição ACEITO	Lugar Nasc.												
Registros relacionados													
Livro	Página	Família	Chegada	Sobrenome	Nome	Idade	Sexo	Parentesco	Nacionalidade	Vapor		Est.Civil	Religião
01C	153	45580	29/04/1912	ITSUNODA	TATSUJI	20	M	CHEFE	JAPONEZA	ITSUKUSHIMA MARU		CASADO	ACATHOLICA
01C	153	45580	29/04/1912		KIKU	18	F	MULHER	JAPONEZA	ITSUKUSHIMA MARU		CASADA	ACATHOLICA
01C	153	45580	29/04/1912		SAIJIRO	18	M	IRMÃO	JAPONEZA	ITSUKUSHIMA MARU		SOLTEIRO	ACATHOLICA

Fonte: Arquivo público do Estado de São Paulo.

⁴⁵ Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/acervodigital/livros.php> . Acessado em junho / 2014.

ANEXO 2 - Registro no Projeto Ashiato⁴⁶.

Sistema de Busca

[Voltar](#)

Navio: ITSUKUSHIMA MARU		Partida: 3/3/1912	
Destino: SÃO PAULO		Chegada: 4/28/1912	
Fazenda: SANTA LUZIA		Estação: VILLA BOMFIM	

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
TSUNODA	SAIJIRO	角田	才次郎
TSUNODA	TATSUJI	角田	辰二
TSUNODA	KIKU	角田	キク

[< Volta Lista](#)

3/3

⁴⁶ Trabalho de levantamento de dados feito para a comemoração do Centenário da Imigração Japonesa, em 2008. Disponível em: <http://www.museubunkyo.org.br/ashiato/web2/imigrantes.asp> . Acessado em junho / 2014.

ANEXO 3 - Certidão de Nascimento de Mituioce Sumida.

4º TABELIONATO DE NOTAS E PROTESTO DE RONDONÓPOLIS
Av. Amazonas, nº 950 (Centro) - Rondonópolis/MT - Fone: (66) 3439-3500
AUREO CANDIDO COSTA - TABELIÃO

AUTENTICAÇÃO
Cópia com o documento apresentado
10 de fevereiro de 2014

IZABEL FUGIMOTO FIGUEIREDO
ESCREVENTE
AJN21451 R\$ 2,20

Selo de Controle Digital
Poder Judiciário-MT - Atos de Notas e de Registro - Cód. Cartório: 146
Cód. Do Ato: 6 - Consulte: www.tjmt.jus.br/selos

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DE SÃO PAULO
REGISTRO CIVIL
DISTRITO E COMARCA DE IGUAPE
MUNICÍPIO E COMARCA DO MESMO NOME

Antônio José Alves
ESCRIVÃO DO REGISTRO CIVIL
Danilo Sérgio Alves Barreiros
ESCREVENTE AUTORIZADO

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

CERTIFICO que a fls. 29 ** do livro 38 sob n.º de ordem 210 **
consta o assento do nascimento de " MITUIOCE " ** **
** do sexo masculino ** de cor branca **
nascid^o no dia Treze (13) de MARÇO de mil novecentos e
vinte e três (1.923) ** ** às 20,00 horas
em este distrito, ** ** ** **
filh^o de Tatusi Sumida ** ** **
e de dona Kiku Sumida, naturais do Japão. ** **
Avós paternos: Kaigi Sumida e Kiku Sumida. ** **
** ** ** **
Avós maternos: Sanpei Sanematos e Comasu Sanematos. **
** ** ** **
Data do registro: 21 de Março de 1.923. ** **
Observações: Data do nascimento: Treze de Março de mil novecentos e -
vinte e três. ** ** **

O referido é verdade e dou fé.

Iguape, 28 de JANEIRO de 19 92.

CARTORIO
DO REGISTRO CIVIL
C.S. CRISTÓFARO JOSÉ ALVES
Escrivão
DANILO SÉRGIO ALVES BARREIROS
Escrivente Autorizado
IGUAPE - ESTADO DE SÃO PAULO

[Assinatura]
ESCRIVÃO

TABELIÃO JOSÉ CYRILLO
Av. Bernardino de Campos, 218
Fone: 284-2166

Selo Adesivo e Taxa
A.S.J. p/ verba

ANEXO 4 – Certidão de óbito Tatusi Sumida.

4º TABELIONATO DE NOTAS E PROTESTO DE RONDONÓPOLIS
RONDONÓPOLIS - RONDÔNIA - CEP: 76900-000
Av. Amazonas, 100 - Fone: (68) 3439-3500

SERVIÇO DE NOTAS
TABELIAO
AUX. J. CANDIDO COSTA - TABELIAO
(68) 3439-3500
RONDONÓPOLIS - RONDÔNIA - CEP: 76900-000

AUTENTICAÇÃO
Confere com o documento apresentado
10 de fevereiro de 2014

IZABEL FUGIMOTO GUERREIRO
ESCREVENTE
AJN21460 R\$ 7,20

Selo de Controle Digital
Poder Judiciário - MT - Atlas de Nona e do Registro - Cód. Cartório: 146
Cód. Do Ato: 6 - Consulte: www.fmt.jus.br/atos

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE SÃO PAULO

REGISTRO CIVIL

DISTRITO E COMARCA DE IGUAPE
MUNICÍPIO E COMARCA DO MESMO NOME

Antonio José Alves
ESCRIVÃO DO REGISTRO CIVIL

Danilo Sérgio Alves Barreiros
ESCREVENTE AUTORIZADO

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que a fls. 147 ** do livro 3-G ** do registro de óbito
deste cartório, sob número de ordem 756 **, acha-se inscrito o
falecimento de " TATUSI SUMIDA " ** **
do sexo masculino, de cor branca ** natural do Japão, **
** ** **, com 40 anos de idade, profissão
de Costumes da Lavoura, estado civil casado, domiciliado **
e residente que era neste distrito, ** **
filho de Kosega Sumida e de Dona Kiku Sumida, naturais do Japão. **
** ** ** **
O óbito ocorreu neste distrito **, em domicílio, no dia 21 de
FEVEREIRO ** de 1.931, às 11 horas e ** minutos, sendo causa
da morte " Natural com Assistência Médica " ** conforme
atestado passado pelos Srs. Antonio Norberto Teixeira e Paula Baptista.
O sepultamento foi feito no cemitério desta cidade. ** **
Observações: Era o falecido casado no Japão com Dona Kiku Sumida, e
do extinto consorcio não deixa bens, e ficam os filhos seguintes:-
Napoleão, de quinze anos; Amasão, de treze; Tomie, de dez; Metioci,
de oito; Maria, de seis e Tesciro, de dois anos. ** **
** ** ** **
** ** **

O referido é verdade e dou fé

CARTORIO
DO REGISTRO CIVIL
ANTONIO JOSÉ ALVES
Escritório
C.S. C28
DANILO SÉRGIO ALVES BARREIROS
Escrivente Autorizado
IGUAPE - ESTADO DE SÃO PAULO

Iguape, 28 de JANEIRO de 19 92.

TABELIÃO JOSÉ CARLOS ESCRIVÃO
Av. Bernardino de Campos, 216
Fone: 284.2166

Selo Atestado e Taxa
A.S.J. p/ verba

ANEXO 5 - Carta de Mituioce à neta Wilsy Roberta Sumida Sousa.

Rondonópolis 28 de Maio de 1991

rua Agudod numero 55 - aptº numero 104

Vila Monumento - São Paulo.

Saudações:

Escrevo-lhe daqui de Rondonópolis esta pequena
esperamos que todos estejam bem de saúde, faz muito tempo que
se correspondemos eu estou por enquanto aqui por enquanto, logo
que de certo estaremos outra vez em rancharia, portanto se -
escrever para lá o endereço ainda é o mesmo, ali estão o José
Matsuo a Lena e Vanessa, recebi carta da Neuza Satico Sunita -
ela vai se aposentar e depois terá tempo para visitar os pa-
rêntes, ela é adeogada do Banco América do Sul, tem uma
filho que se chama Angelo de 11 Anos de idade.

Aqui tem mais uma menina que se chama Camila -
Renata, Filha de Iram Marcelo é ^{KAMILIA} Janine japonesinha de -
^{JANINE} olhos rasgada. Todos daqui manda muitas Lembranças, é so que
temos aqui, desejamos muitas felicidades á todos.

Atenciosamente

Detecção e 07.07